

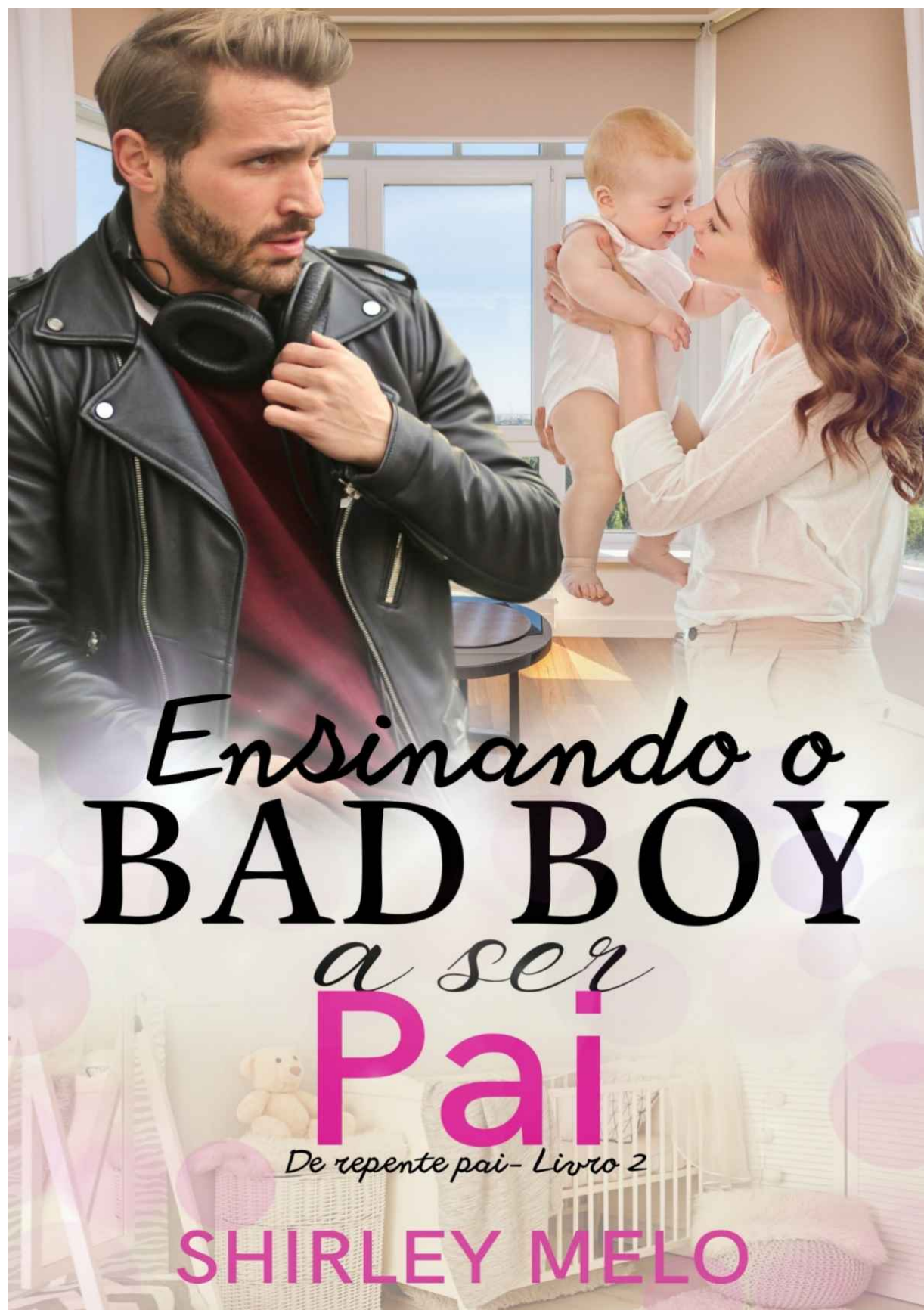


Ensinando o
BAD BOY
a ser
Pai

De repente pai- Livro 2

SHIRLEY MELO





Ensinando o
BAD BOY
a ser
Pai

De repente pai- Livro 2

SHIRLEY MELO

Ensinando o
BAD BOY
a ser
Pai

De repente pai - Livro 2

SHIRLEY MELO

Copyright © Shirley Melo

Todos os direitos reservados.

**Título: ENSINANDO O BAD BOY A SER PAI (De repente pai
– Livro 2)**

Diagramação | Shirley Melo

Revisão | Célia Maria

Capa | Shirley Melo

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra de qualquer formar ou quaisquer meios eletrônicos, mecânicos e processo xenográfico, sem a permissão da autora. (Lei 9.610/98)

Essa é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos na obra são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nome e acontecimentos reais é mera coincidência.

SUMÁRIO

AVISO DA AUTORA

SINOPSE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 01

CAPÍTULO 02

CAPÍTULO 03

CAPÍTULO 04

CAPÍTULO 05

CAPÍTULO 06

CAPÍTULO 07

CAPÍTULO 08

CAPÍTULO 09

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

OUTRAS OBRAS

Aviso da autora

Olá, querido leitor! Este é um romance hot, recomendado para maiores de 18 anos, a continuação de: o bad boy rendido pelo bebê.

Contém gatilhos, portanto, respeite seus limites.

Siga-me nas redes sociais.

Intagram: Shirleydemeloescritora

Facebook: Shirley Corrêia

Boa leitura!

Beijos.

Shirley Melo.

Sinopse

Como aprender a ser pai quando há um comportamento diferenciado, um tanto rebelde?

Alan Coleman, mais do que ninguém, fugiu de compromissos, pois nunca desejou construir família, até que numa noite aparentemente comum engravidou Lívia Vlasak, a garota virgem do campus onde ele estuda. Isso não o intimidou e a acusou de golpe da barriga, inclusive foi provado a paternidade.

O amor pelo bebê surgiu, Alan deixou-se envolver, descobrindo amar Lívia.

Contudo, Giana chegou e velhos hábitos o fez cometer graves erros, agora o bad boy precisa lutar contra seus vícios para recuperar algo precioso.

Não se trata de ações, mas sim da sua natureza.

Lívia sabe que conquistou alguém muito cobiçado, apesar disso, teme o futuro quando se depara com uma descoberta.

O relacionamento do casal é abalado, e para superar é preciso confiança.

É possível amar tanto alguém a ponto de mudar? Alan conseguirá enfrentar seus demônios internos?

Prólogo



Alan

— Calma, Alan! Para de andar igual a um louco, isso não vai resolver nada. — Ethan repreende, a voz firme, bem como lançando-me olhar duro.

Engulo seco, obedecendo imediatamente, embora eu esteja ligado em 220 volts. Quando acontece, preciso eliminar a adrenalina que produz excessivamente, seja, sobre duas rodas, numa trepada demorada, ou ainda, tomando todas até apagar e me obrigar a aquietar.

Infelizmente, momentaneamente não é possível, pois jamais sairei daqui até ter notícias das minhas meninas.

Esperei muito pelo momento, inclusive, preparei o psicológico, já prevendo tamanho nervosismo, acontece que fracassei. Quem não fracassaria a uma situação assim, onde os segundos dão espaço para o meu novo título de pai?

Uau! Estou prestes a ser pai, e todos esses meses que venho mudando as ações, as emoções irão fazer a diferença, mostrando na prática se conseguirei.

Eu fiz curso de pai de primeira viagem e repeti, visando garantir o treinamento, pois cuidar de bebê requer experiência, então julguei ganhar um pouco passando mais tempo com as bonecas reborn.

Talvez tenha exagerado, a professora me elogiou bastante no primeiro curso, alegando muito desempenho nas tarefas e certificou que possuo aptidão para cuidar do meu bebê.

Vibrei escutando aquilo, mas, a verdade é que duvidava bastante, porque bonecas não choram, não fazem coco ou adoecem. Posso ter ido bem ao trocar fraldas, ninar ou pôr para dormir, só não garanto ser igual numa situação real. Porra, como garantiria, se sequer segurei um bebê de verdade durante a minha vida inteira?

Puxo o ar dos pulmões, refletir e deduzir o futuro gera aflição e perco a respiração, em uma possível crise ansiosa.

— Ah, cara! Corta essa! Minha filha vai nascer, porra! Estou feliz, mas também nervoso pra caralho. Penso no parto, e em como a bebê mudará nossas vidas. Serei bom pai? Bom marido? — Puxo os cabelos, enquanto fito o teto emoldurado pela sanca de luzes leds embutidos.

Claro, sou o acompanhante de Livia, nunca a deixaria sozinha num momento importante desse, porém, vendo seu sofrimento, enfrentando as contrações, resolvi sair para respirar e pedi a irmã dela que assumisse meu lugar por alguns minutos. Só espero que não seja tempo suficiente para Giana nascer, porque, apesar de pilhado, quero testemunhar o momento lindo do nascimento e cortar o cordão umbilical.

— Alan, não adianta ficar assim. Apenas acompanhe o processo de evolução do parto. — Ethan segura meus ombros, dando-me leve sacudida. — Calma, porra! Vai lá, irmão. — Assinto. — Mas controla a emoção para não atrapalhar Livia, deixando-a igual ou pior do que você.

Rio já mais calmo.

— Tem razão, amigo. — Ergo o braço direito, palma da mão aberta e ele a toca, num cumprimento informal. — Obrigado, Ethan. — Abraçamo-nos.

— Amigo verdadeiro é para todo momento. Estarei aqui, só vou embora após minha afilhada nascer. — Fiz o convite a ele, que aceitou prontamente e Livia convidou sua amiga para ser a madrinha, aquela brava, igual uma onça, a tal Briella.

Até que... bom, estamos nos entendendo, às vezes realizamos reuniões em casa, somente nós quatro. Inclusive, Ethan gosta bastante da garota e chuto vir romance logo, logo, caso já não esteja rolando.

Mal termino o raciocínio, Briella aparece afobada, entrando na recepção da maternidade.

— Onde ela está? O bebê nasceu? — Como Livia está? — Ethan quem a acalma, abraçando-a carinhosamente e sussurra em seu ouvido algo

mágico que muda completamente o estado histérico da garota.

— Eu... vou voltar para lá, assim que nascer venho avisar.

Dou as costas, deixando os dois à vontade.

Saio da recepção e sigo em direção ao elevador, por sorte, um grupo de pessoas está saindo, — outro entrando —, então aproveito e entro também, solicitando o andar que Livia está.

Enquanto espero, tento controlar o emocional, afinal, preciso fazer como Ethan sugeriu e não atrapalhar Livia durante o parto.

Olhando fixamente a porta metálica, divago, até respirar fundo, ouvindo o tilintar, avisando que cheguei. As portas abrem e espero as pessoas saírem, depois, deixo o transporte vertical, agora mais calmo, ou fingindo.

Guardo as mãos nos bolsos da jaqueta preta, porque elas demonstram minha aflição ao mexê-las o tempo todo, entrelaçando os dedos e alongando-os.

Contudo, em frente a porta do quarto, paraliso para antes confirmar se estou realmente calmo. Quero passar segurança a minha mulher, mas um grito muda o contexto, ela parece desesperada, é quando esqueço o autocontrole e invado o lugar afobado.

— Ah, o senhor voltou. — A doutora diz calmamente. Como ela pode ficar calma num momento tão aflito desse? Mulher fria, sem coração! Kimberly sai da sala, trocando de lugar comigo. — Ela evoluiu depressa, alcançamos a dilatação necessária. Sua filha vai nascer, senhor Coleman.

Sinto um misto de sensação o qual nem sei explicar, porém, a felicidade é evidente, embora veja quão doloroso está sendo o parto normal e Livia sofre bastante.

Eu avisei, falei, praticamente implorei que ela optasse pela cesárea, e fui ignorado. Inclusive a própria doutora a incentivou na escolha, alegando recuperação rápida.

Suspiro, ciente que tudo ficará bem, daqui a pouco minutos, teremos nossa bebê nos braços. A certeza me anima, por isso, tiro o celular do bolso para registrar cada segundo.

Duas enfermeiras aparecem, trazendo material apropriado para auxiliar o parto.

Aproximo-me hesitante, pois Livia se contorce, faz caretas e grita quando a contração vem.

— Onde você estava, Alan? — Lívia questiona, a coitada mal consegue falar. Outra contração vem, a doutora com sua equipe, focam entre as pernas da paciente, esperando o bebê.

Meu coração acelera, começo a suar mesmo com ambiente climatizado.

— Fui me distrair um pouco, porque eu estava nervoso. Ethan e Briella estão esperando na recepção. — Acarinho os cabelos dela.

— Força, Lívia, o bebê está corando. — A doutora avisa.

Prontamente Lívia obedece, até fica vermelha de tanto empurrar. Então, ligo a câmera e começo a registrar o parto.

— Alan, o que pensa que vai fazer? — Minha mulher rosna. — Não se atreva! Guarda a porra do celular ou juro que levanto e tomo de você.

Arregalo os olhos, nunca a vi tão brava. Nem era para tanto.

Ainda filmando, dou um close no rosto dela.

— Amor, é um momento único, merece o registro. — Tento convencê-la, a doutora pede que faça força, porque o bebê não pode ficar muito tempo como está, quase saindo. Neste instante volto toda atenção ao bebê, filmando a cabecinha dela, bem como o nascimento e me arrependo, escutando a fera:

— Não ouse, Alan! Pare agora de filmar minhas partes íntimas. Enlouqueceu? Ai, meu Deus! Você deveria me ajudar a ficar calma e não piorar meu estado emocional. Aiiiii.... — Grita, acometida por mais uma contração, acato as ordens, guardando o celular e o gritinho tão aguardado ecoa pelo ambiente, anunciando a chegada da nossa garotinha, Giana.

Sorriso igual bobo, vendo um ser minúsculo que cabe na palma da mão. Engulo seco, apenas apreciando o momento, mas sem saber como agir daqui por diante.

— Senhor, quer cortar o cordão umbilical? — A doutora pergunta. Apenas balanço a cabeça, assentindo mesmo sem saber se conseguirei, pois estou petrificado, analisando minha bebê. Ela é perfeita, linda! Só não consigo precisar com quem parece.

Aceito a tesoura quando a mulher oferece e corto o cordão conforme sou instruído, depois a bebê é levada para ter os primeiros cuidados.

Aproximo-me de Lívia que respira aliviada, as lágrimas descendo pelas bochechas, tão emocionada quanto eu.

— Ela é linda, amor! — Beijo sua testa toda suada, posteriormente seus lábios. — Obrigado por me proporcionar tanta felicidade. — Ela estica os braços, pedindo abraço e aceito imediatamente, repousando a cabeça contra seu peito. O coração bate forte, ouço o compasso se acalmando à medida que permanecemos abraçados.

— Estou tão aliviada, amor, porque tudo deu certo. Agora temos um bebê, Alan. — Sussurra em meu ouvido.

Afasto-me para encará-la, agora sob o peso da responsabilidade. Temos um bebê! Chegou o momento de praticar as aulas do curso de pais de primeira viagem e as orientações que consegui através dos documentários que assisti pelo YouTube.

Estamos vivenciando uma fase linda, muito aguardada, bem preparada – assim espero –, apesar disso, não nego estar receoso, a minha vida inteira, estive certo que jamais queria essa realidade, mas as coisas nunca saem como planejamos.

As enfermeiras concluem os cuidados em Livia, enquanto eu divago, olhando a mulher que mudou os meus dias, trouxe brilho, me fez entrar no eixo e ser alguém melhor.

De repente, volto a realidade com outra enfermeira.

— Aqui está sua bebê, senhor. — Analiso minha filha vestida com uma das roupinhas que compramos, a touca aquecendo sua cabecinha. Uau! Exatamente como imaginei que ficaria no modelo, porém a manta a envolvendo. — Pegue-a, senhor. — Neste instante confesso fraquejar, temo segurar alguém tão pequeno e frágil.

Giana está acordada, os olhinhos abertos – parecem azuis, não tenho certeza. – bocejando, as bochechas são rosadas, mas a pele é igual às nossas, bem clara.

Tomando coragem, a seguro conforme treinei na boneca reborn, a única diferença é a textura. Minha Giana, embora seja pequenininha, é macia.

Encaro Livia e sorrio, depois volto atenção ao serzinho comigo, caminho pelo quarto a passos lentos, quase parando.

— Seja bem-vinda, princesa. — Sussurro próximo ao seu rostinho. — Eu sou o seu pai. Muito prazer, linda! Alan Coleman, mas para você é papai. Você é Giana, a boneca mais linda do mundo. — Sorrio, admirando-a, então penso em como Deus é maravilhoso. Nunca fui religioso, porém,

testemunhando o parto, agora ela, tenho certeza que é obra divina. — Meu amor... — Murmuro bastante emocionado. Recordo de quando Livia falou sobre a gravidez e quase surtei, reneguei essa fofurinha. Quanta idiotice! Segurando-a, prometo a mim mesmo sempre protegê-la, porque pai de verdade faz isso, não é verdade? — Filha, te amo. — Declaro. — Amarei para sempre. Prometo, princesinha do papai.

— Alan, também quero segurar nossa filha. — Livia contesta, só então percebo que finalizaram os cuidados. Aproximo-me dela, sem me importar nas lágrimas correndo pelas bochechas. — Você está...

— Chorando. — Concluo a frase. — Ela é perfeita, amor. — Entrego Giana à mãe, depois sento na borda da cama. — Desculpa por ter duvidado de você, por ter rejeitado meu bebê. Eu... — Faltam palavras para expressar todo arrependimento, decido me calar.

Livia beija a filha, segurando-a carinhosamente, posteriormente olha-me risonha, também emocionada. Seus olhos brilham devido às lágrimas se acumulando.

— Alan, vamos viver o presente e esquecer o passado. Giana veio para que nós dois evoluíssemos. Ela conseguiu.

— Desculpa atrapalhar a apreciação da cria de vocês, mas preciso levá-la ao quarto. — A enfermeira comunica. — Senhor, pegue sua filha, porque ajudarei a paciente a sentar na cadeira de rodas.

Assim faço, dessa vez mais confiante.

Deixamos a sala de parto, seguindo até o elevador e subindo alguns andares.

Livia é acomodada, também instruída a amamentar.

A bebê tem dificuldades para pegar o peito, segundo a enfermeira não há nada preocupante, é somente questão de tempo, até ambas se acostumarem, porém, discordo, porque quanto mais demorar, minha filha fica com fome.

— E se ela não pegar o peito? — Questiono aflito. Nós dois conversamos bastante, Livia decidiu somente amamentar até o sexto mês da menina para então introduzir os alimentos, conforme a pediatra indique.

— Pega, sim, pai. Nem todo bebê consegue mamar já na primeira tentativa. — Explica a mulher empenhada em fazer Giana mamar, até que, finalmente, relaxamos, vendo a garotinha sugar. — Muito bem, linda! — A enfermeira elogia Giana.

Finalmente a bebê parece se conectar com a mãe, e mama tranquila. A cena chama bastante atenção, ou sou eu quem estou igual a bobo mesmo, admirando as duas mulheres da minha vida.

Esqueço tudo, até de informar aos parentes e amigos que estão na recepção, aguardando notícias.

— Lívia, vou à recepção avisar a todos que Giana nasceu. Sua amiga Briella estava bastante nervosa, além disso, seus pais já devem ter chegado também. — As contrações começaram pela madrugada, simplesmente pegamos as malas – deixamos elas arrumadas desde o mês passado –, e viemos sem avisar aos parentes, porém, quando amanheceu contatei Ethan, passei os contatos dos meus sogros e pedi que desse a notícia. Certamente, Kimberly avisou a Briella, aquela louca.

— Volta logo, amor. Podemos precisar de você.

Beijo sua testa e a da bebê, depois saio.

Quando chego na recepção há uma legião esperando notícias, até meus pais vieram.

— Como as duas estão? — O senhor Henry Vlasak, meu sogro, questiona preocupado.

O velho levanta, vindo me encontrar e todos o imitam, formando um círculo onde sou o centro das atenções.

— Calma, pessoal. — Ergo as mãos, gesticulando e de certa forma fazendo suspense.

— Não teste minha paciência, moleque! — Rosna o juiz Vlasak. Nunca nos demos bem, pelo visto será para sempre. — Fala logo! — Trinca os dentes, semicerra os olhos, exalando ira. Bufo, cogitando dar as costas, mas o resto das pessoas não merece que eu seja mal-educado, já que estão aqui por nós.

— Ela nasceu! Mãe e filha passam bem. Nossa Giana é uma princesinha. — Dou a boa-nova, sorrindo largo. Eles aplaudem, se abraçam, comemoram.

Ganho abraço apertado de mamãe, seguido dos beijos.

— Nem acredito que meu garoto rebelde é pai. — Funga, enxugando as lágrimas. — Estou orgulhosa de você, filho. Lívia e Giana lhe botaram juízo. Quero muito conhecer minha neta.

Mal respondo, pois papai praticamente empurra a ex-mulher para me cumprimentar. Falando nele, seu bebê nasceu mês passado, é um

menino, basicamente sua cópia, nem necessita teste de DNA, pois o moleque lembra muito papai quando era bebê.

— Fico feliz, filho. Parabéns por se tornar um homem de família. — Ele cumprimenta num aperto de mão, posteriormente oferece abraço.

Ethan, Kimberly, Briella e a senhora Hazel Vlasak também me parabenizam, exceto o velho chato do caralho, Henry.

Foda-se! Pouco importa seu cumprimento, moro com a filha dele, vivemos felizes. Não devo nada a ele.

01



Alan

A vida segue rumo desconhecido, por mais que haja planos, e se tenha desejos. Quando faço retrospectiva de como eu era, ainda custo acreditar quem me tornei. Esta nova versão é tranquila, confesso apreciar, especialmente, devido aos sentimentos que provo a cada dia. Em contrapartida, temo ser passageiro, e de repente, meu lado rebelde retorne com intensidade, levando-me ao arrependimento, ou traga saudades do comportamento antigo de Alan Coleman.

Tomei decisões sérias, renunciando a tudo que amava para acolher o bebê. Mas até quando?

Às vezes luto contra mim mesmo, porque uma parte quer realmente continuar assim e esquecer aquela fase sombria, a outra implora libertação, condenando as obrigações de pai e marido. Talvez esse conflito interno seja consequência do medo em não corresponder às expectativas da minha família, afinal, agora sou um homem de família. Eventualmente eu apenas esteja me acovardando para enfrentar os obstáculos num relacionamento sério.

Ah... qual é? Esquece isso, Alan e aproveite as oportunidades.

Estou bastante feliz, embora as emoções conflitem. Claro, encontro certas dificuldades, devagarinho aprendo a driblá-las, especialmente apoiado por Livia. A garota logo amadureceu, se tornou forte, decidida e pronta a suportar as mudanças drásticas do próprio corpo – ganhou peso, suas medidas aumentaram muito durante a gravidez e gradualmente

diminuíram. Não está como antes, mas é gostosa pra caralho, pois a gravidez proporcionou-lhe belas curvas —, também as psicológicas, porque ter alguém dependente dela trouxe desafios.

— Alan, você sequer bebeu à noite toda. Ficou somente nesse drinque. — Ethan gargalha, zoando comigo.

A madrugada avança, saímos apenas nós dois para minha despedida de solteiro. Escolhemos uma boate, onde nos instalamos no bar desde que chegamos. Pedimos bebida e ficamos conversando, praticamente gritando no ouvido do outro devido à música alta.

É a primeira vez que saio sozinho há meses, quando optei em firmar relacionamento sério com Livia, porque nossa única prioridade sempre foi aprender a cuidar do bebê e isso excluía a vida noturna.

Não reclamo, na verdade, nem senti falta. Estive ocupado demais, pensando em aprender a lidar com meu bebê, então esqueci o mundo. Acho normal agir assim, pois a magia da gestação deixa-nos meio bobos.

— Cara, não quero ficar bêbado. — Esboço risos, mexendo o copo. A bebida esquentou, também dispenso tomá-la mais.

— Devo lhe parabenizar, Alan Coleman por sua atitude digna de verdadeiro homem de família. — Meneio a cabeça, concordando em partes, porque ao menos hoje eu deveria me distrair, mas o local não traz o conforto que preciso.

É...talvez eu tenha mudado verdadeiramente. Sinto falta das minhas meninas. Falando nelas, como será que estão sem mim? Giana adora quando a embalo, cantando cantigas de ninar.

— Um bebê tem tal poder. — Sorrio, decido finalizar a despedida de solteiro nada animada, mas nem queria mesmo. — Vamos embora daqui, Ethan. A porra da música está me incomodando pra caralho, prefiro descansar e acordar cedo para não atrasar. — Ethan gargalha.

— Gostei dessa sua versão responsável. — Suspiro, desconhecendo até onde conseguirei ser assim. Tiro um cigarro do bolso, levo à boca e acendo, dando o primeiro trago.

Nunca fumo, pelo menos em casa, pois o cheiro forte impregna e como ajudo Livia com a bebê, acabei deixando o velho vício. Entretanto, há momentos que fumar ajuda a controlar a ansiedade, então recorro a ele.

— Será que sou responsável mesmo? — Questiono duvidoso. Fumo um pouco, refletindo, mas não encontro respostas imediatas, elas surgirão

futuramente, conforme meu comportamento. — Vamos voltar para o hotel.

Jogo alguns dólares sobre o balcão, depois chamo o bartender, sinalizo mostrando o dinheiro.

— A garota golpista te pegou de jeito, senhor Coleman. — Ethan brinca. Mesmo me elogiando pela mudança radical, continua zoando comigo. Espera chegar a vez dele, quero só ver ele caidinho por uma mulher, todo babão pelo primeiro filho. — Lembra quando você a chamava de "a garota golpista?" — Suspiro, recordando daquele susto ao descobrir a gravidez. Claro, nunca seria diferente, pois alguém como eu era, jamais poderia imaginar procriar, embora trepando muito.

Esboço risos.

— Foi o impacto da notícia. — Respondo risonho. Livia que nunca descubra como eu a chamava.

Vai dar o golpe da barriga em outro. Eu não sou idiota, porra. Esse bebê não pode ser meu. Recordo de um dos nossos embates, fiquei tão irado e falei tanta merda.

Giana é meu bem mais precioso. Ela veio como um furacão, causando tanta bagunça, mas, na verdade, era o oposto. Giana estava arrumando a porra da minha vida.

Ethan verifica o telefone e sorri, até esquece que ia embora, relaxando no banco alto sem encosto. Observo-o enquanto espero que levante.

— É ela? — Refiro-me a Briella, eles se tornaram íntimos, quem sabe do tipo namorados, amantes. Cara, a maluca tem personalidade de cão, só sendo louco para encará-la. — Cuidado com a louca, irmão. — Estico o pescoço visando xeretar a conversa e constatar se realmente é Briella, porém não obtenho êxito, porque ele bloqueia a tela e guarda o aparelho.

— Estamos nos conhecendo, Alan. Briella é incrível em todos os aspectos. — Dou-lhe tapinhas nas costas entendendo a explicação.

— Bom, se pelo menos ela for boa de cama, compensa o jeito de cão. — Brinco, mas Ethan franze a testa, meio incomodado.

— Não fala assim dela, Alan. Briella é maravilhosa, cara. — Ergo as mãos, rendendo-me. Meu amigo está caidinho por ela, caso eu exponha meus sentimentos em relação à moça, poderei lhe aborrecer.

— Ok. Desculpa. — Abraço-o pelos ombros, o guiando entre as pessoas em direção a saída. A boate é enorme, como está lotada, faremos

longo percurso até a porta.

A iluminação atrapalha, intercalando cores claras e escuras, mal enxergamos os rostos das pessoas, talvez essa seja de fato a intenção, pois dessa forma os frequentadores podem ficar à vontade sem se preocupar com julgamentos, seja dançando, enchendo a cara, pegando alguém, ou ainda, usando drogas. Pura estratégia do lugar.

Saímos da boate e solicitamos um táxi em frente ao prédio, já que viemos buscar diversão – não foi bem o que encontrei, o nervosismo por daqui a algumas horas ter o estado civil "casado", causa certa tensão –, beber moderadamente enquanto conversávamos e curtíamos o ambiente.

Mas, quem conseguiria algo assim se aquele barulho infernal atrapalhava? Bom, escolhemos o local errado para uma despedida de solteiro tranquila, somente dois amigos.

Eu nem queria nada, Ethan insistiu, alegando tornar a data histórica, pelo menos nós lembraremos sempre. Então concordei, até porque precisava relaxar, pois a vida de pai é super cansativa, tendo em vista que ainda tenho bebê e ela dorme pouco à noite.

Passo a madrugada trocando fraldas, ninando, dando mamadeira. Há dois meses introduzimos a fórmula, visando saciar Giana durante a madrugada, pois o leite materno logo a deixa faminta, consequentemente despertando várias vezes.

Por sorte ela aceitou, dessa forma conseguimos dormir umas 2h direto.

Amo minha filha, no entanto, confesso estar exausto. Sabia que exercer o papel de pai seria tarefa árdua, mas, na prática, é mais intensa.

É apenas fase, passará rápido e certamente sentirei saudades dessa época, porque ter um bebê traz muita alegria.

Chegamos ao hotel, pago a corrida, então adentramos o edifício contemporâneo, muito alto. Analisando, sequer sei precisar quantos andares dispõe, pois, mesmo contando, logo perdemos de vista.

Desejo apenas dormir bem, revigorar as energias para dizer o famoso "sim", curtir minha família e, principalmente, ajudar Livia com nossa filha.

Eu precisava dar espaço a ela para que se preparasse para o enlace. Na verdade, por mim não faria questão, acho bobagem esse lance de só poder ver a noiva em sua entrada triunfante na igreja. Acontece que as

mulheres têm essa superstição de que os homens não podem vê-la antes, sendo assim, preciso respeitar.

Contudo, já me acostumei àquela agitação da vida paterna "pai família de bebê", conseqüentemente sinto saudades das duas.

Tiro os sapatos, largando-os ao fechar a porta dos meus aposentos. Cara, mamãe reservou a suíte, alegando que eu precisava provar meus últimos momentos solteiros, talvez repensar os inúmeros erros que cometi durante minha vida inteira antes de entrar numa fase séria e para isso, seria extremamente interessante conversar com alguém confiável, claro, Ethan.

Foi o grande lance de eu não me hospedar, por exemplo, na casa dela.

Besteira!

Mudei naquele instante que Livia revelou sobre a gravidez, embora não tivesse notado. Devagarinho, Alan Coleman abandonava velhos hábitos, preparando-se para ser pai.

Quem diria? Ainda custo a acreditar nas mudanças radicais.

A gravidez me transformou completamente, me fez enxergar a importância do laço sanguíneo e como é forte. Conceber herdeiros nunca fez parte dos planos, mas estou satisfeito, bastante feliz, apesar da agitação caseira.

Ok, admito ser pai coruja, ainda aprendendo detalhes importantes para proporcionar amor, proteção, educação, tudo necessário na criação de um filho.

Livia ensina-me, Giana também e a própria vida, através das experiências. Algumas boas, outras frustrantes, mas fundamentais para meu crescimento como pai, marido e pessoa.

Elas me ensinam a ser um bom pai.

Livro-me da jaqueta preta em couro – jamais a largo, inclusive, comprei várias, assim posso trocar diariamente. Contudo, são idênticas, certamente as pessoas não as diferenciam, e julgam que possuo apenas uma –, depois relaxo sobre o estofado, pensando se Livia ou Giana estão com saudades de mim.

— Pelo amor de Deus, Alan! Animação, cara! — Ethan senta ao lado numa poltrona. — Você casa, amanhã! — Ele arregala os olhos, parece espantado, realmente é para se espantar conhecendo meu histórico rebelde e mulherengo. — Qualquer noivo estaria feliz, afinal, você tem sorte, irmão.

— Sorri. — A noiva é linda, educada, ainda te deu o maior presente que o homem pode ganhar: uma filha. Porra, o que você quer mais da vida? — Como se eu não soubesse. Agradeço a Deus cada dia por isso. Mudo a posição, deitando de lado com as mãos unidas embaixo da cabeça.

Encaro-o pensativo, ao mesmo tempo, aliviado em descobrir meu erro a tempo de rejeitar meu bebê, assim desfrutar das maravilhas que somente pais conseguem.

Eu quase botei tudo a perder.

— Cara, reconheço o presente que a vida me deu. Livia e Giana são tudo para mim. Eu as amo com todo coração. — Suspiro igual a bobo recordando delas, do cheiro excitante que desperta tanta devassidão e me tira dos eixos, enquanto a outra exala o perfume suave, acalmando demais. — Sou grato, Ethan. Nunca trocaria essa experiência pela vida desregrada que eu possuía antes. Mas... — Hesito, engulo seco.

— Qual o problema, irmão? — O questionamento soa preocupado, ele franze a testa, suas sobrancelhas grossas e escuras se unem. — Você não vai fugir do casamento? — A expressão dele é espantada, porém, logo, torna-se repreensiva, mostrando indignação antecipada. Oh, merda! Ethan ainda não entendeu que fiz escolhas importantes as quais quero cuidar a vida inteira?

— Não, porra! — Defendo-me imediatamente, meio nervoso. Apesar da certeza que tenho para o futuro, ainda assim, às vezes temo fazer merda e magoar Livia ou Giana, não correspondendo às expectativas delas em relação a mim. — Só estou inseguro quanto às responsabilidades, porque daqui para frente minha condição de pai de família será oficial quando eu disser "sim" àquela mulher.

Ethan relaxa a expressão, voltando a ser suave.

— Relaxa, Alan. É normal surgir esse tipo de dúvida no casal, especialmente quando casam devido à chegada do bebê.

— Bom, mas não vou casar somente pela Giana. Eu amo Livia, estou ciente que a quero para sempre.

— Então qual é o problema, cara? Ainda não entendi. — Dou de ombros, confuso.

— Sei lá... talvez magoá-las algum dia. — Ethan semicerra os olhos, duvidando muito, até entendendo tendo em vista como mudei por elas. A vidinha que deixei para trás, regada a farra sexual. Era ótimo foder mulher

diferente, porém melhor ainda é ter uma parceira fiel, pois podemos experimentar qualquer forma de prazer sem restrições. Por exemplo: antigamente eu dispensava sexo oral, e após conhecer Livia, praticamente viquei na prática. Aprecio bastante, igualzinho a ela, que retribui com prazer. Aquela boca sabe me chupar pra caralho e porra... é gostoso demais.

— Quer saber? Chega desse papo. Levanta! Vai dormir, daqui a algumas horas você precisa estar radiante para trocar alianças.

Sorrio nervoso, torcendo que a vida de casado seja incrível. Não quero ter um relacionamento rotineiro e sim, inovar a cada momento íntimo, também familiar, proporcionando as minhas meninas, somente felicidade.

— Tem razão, amigo, chega desse papo. Vamos dormir. — Levanto num pulo, agora ansioso para ver Livia vestida no vestido branco de noiva. Segundo ela, foi feito sob medida, comprou o mais lindo da loja e ele moldou seu corpo igual à princesa. Aposto que ficará encantadora, e irei me apaixonar ainda mais, se é possível superar tanta beleza natural dela. — Valeu, cara, pelo apoio e companhia desta noite. Você é meu irmão, Ethan. Tenho sorte em tê-lo comigo. — Ergo a mão direita, abro bem a palma, esperando-o bater num cumprimento entre companheiros.

— Cara, digo o mesmo, Alan. — Ele bate forte na minha mão, complementando com tapinhas nos ombros e abraço apertado. — Agora cama, Alan. Prometi a Livia que cuidaria de você.

Vou para meu quarto, ele segue para o dele. Mamãe reservou uma suíte master.

Dispo-me, deixo apenas a cueca, apago as luzes, depois deito segurando o celular. Abro a galeria e verifico as últimas fotos onde capturaram momentos lindos de uma família recém-construída.

Sorrio analisando a imagem de Livia segurando Giana, no dia em que saiu da maternidade, toda feliz pelo sucesso do parto, também pela bebê.

Jamais esquecerei aquele dia lindo.

Após um tempo absorto, decido enviar mensagem.

"Oi, amor! Como está sua última noite solteira? Espero que tenha aproveitado muito, mas, claro, adequadamente, pois amanhã

estaremos ligados oficialmente. E a minha princesinha? Sentindo falta do papai? Quero enchê-la de beijos."

Envio a mensagem sem esperar resposta, pois é madrugada, Livia deve estar dormindo ou dando atenção a bebê.

Ponho o aparelho sobre o criado-mudo e ajeito-me para dormir, quando vejo o lugar iluminar devido à tela do celular ligar, chegando mensagem. Imediatamente verifico.

"Amor, quanta falta você faz. Eu deveria estar dormindo, mas essa princesinha aqui acordou agora, então troquei fralda e estou amamentando. Promete não se importar com minhas olheiras? Provavelmente nem maquiagem dará jeito."

Meu coração aperta, sabendo das noites em claro, cuidando da bebê. Então concluo que nos afastarmos foi mera idiotice. Giana adora dormir comigo.

— Amor, quer ajuda? Num pulo eu chego aí. — Mando áudio, cogitando ir para casa.

— Não se atreva, Alan Coleman. — Sussurra. — É somente hoje, porque a partir de amanhã irei reivindicar sua presença para sempre. O noivo não pode ver a noiva antes do casamento. Fica tranquilo, amor. Boa noite!

Ela se desconecta da internet rapidamente, sequer espera minha resposta. Então, rendo-me à exaustão e adormeço.



O maldito despertador soa, sobressalto, alcanço o celular e desligo-o, devolvendo o objeto ao criado-mudo. Aconchego-me às fibras macias da coberta, ainda abraço o travesseiro, desejando ser a mulher que dorme comigo há meses – acostumei fácil a dividir a cama –, me proporcionando tanto acolhimento, carinho e amor. Sonolento, vou entregando-me a necessidade absurda de dormir. Entretanto, recordo que dia é hoje, ignorando, definitivamente, essa comodidade.

Eu vou casar!

— Ethan? Acorda, porra! Não quero atrasar. — Grito, torcendo para ele escutar, porque prefiro sair daqui pronto para ir direto à igreja, mas também dispenso esperar meu amigo. — Ethan?

Tomo banho rápido, tiro a barba, posteriormente enxugo-me e enrolo a toalha ao quadril, seguindo até o closet, onde está meu terno devidamente engomado, pronto para uso.

Resisti tanto a usar esse tipo de roupa, ainda resisto. Detesto! Não combina nada comigo, mas eu vou casar, a ocasião exige, quero fazer bonito e impressionar a todos, especialmente Livia.

Mamãe escolheu o modelo, achei super apropriado já que ele exala elegância igual ao enlace.

Suspiro analisando a roupa.

Serão apenas uns minutos, logo após a cerimônia irei tirá-lo. Penso pasmo. Corro as mãos pelos cabelos úmidos, desço pelo rosto liso, sem nenhum pelo. Num rompante, começo a me vestir.

— Alan? — Ethan invade o quarto, logo chega ao closet. — Quanta elegância. O que a garota do golpe da barriga não foi capaz de mudar em você? — Zoa. Dou de ombros, pouco ligando.

— É a vida, meu caro. — Respondo. — E você? Está elegante, até parece o noivo. — Ele usa terno cinza, combinando perfeitamente com o tom da sua pele. O meu também é cinza, porém na tonalidade mais escura, já que sou loiro e tenho pele clara. O casamento será às 10h, logo, dispensamos ternos pretos devido não favorecer ao horário.

Prontos, saímos, seguindo rumo ao local da cerimônia, uma igreja histórica, – muito bonita –, que escolhemos. Quero dizer, Livia escolheu, segundo ela, desde pequena tem fascínio pela arquitetura neogótica do prédio. Não contestei, afinal, meu único interesse é oficializar a união, seja lá qual for o lugar.

Detalhes... esses são meros detalhes que as mulheres prezam e como casar é um momento especial, – esperamos que seja eterno enquanto estivermos vivos –, deve ser considerado todos os detalhes possíveis para tornar a data mais marcante.

Trafegando pela cidade numa limusine, alugada por mamãe, sinto o nervosismo me consumindo.

Porra é real! Eu vou casar. Construí uma família. Penso pasmo, porém o barulho do telefone dissipa os pensamentos e sobressalto, alcançando meu aparelho telefônico no bolso da calça.

— Oi, mãe! — Atendo após visualizar seu nome estampando o visor.

Ethan abaixa o som, cujo, basicamente, estrondava o veículo num rock pesado.

— Alan, cadê você, filho? — Mamãe questiona preocupada. Confiro as horas no celular, temendo atrasar, mas noto que estou adiantado. Analiso o trânsito, calculando mentalmente o tempo exato até chegar à igreja e como flui, deduzo chegar pontualmente para esperar minha noiva.

— Calma, mamãe! — Sorrio da euforia dela. — Estou chegando.

— Ah, menino, tive medo de você desistir. — Ela suspira. — Pois ainda custo a acreditar que meu filho, Alan Coleman tenha mudado tanto. — Fixo o olhar num ponto qualquer da limusine, a entendendo perfeitamente. Eu mesmo não acredito nessas mudanças ocorrendo comigo. Claro, acho incrível cada uma, apesar de nunca cogitar vivenciar nenhuma.

— Por que eu desistiria, mãe? Amo minha família, por ela faço tudo. — Alguém grita o nome dela, mamãe responde e finaliza a chamada sem despedidas, sendo assim, guardo o aparelho.

Ethan aumenta o som, aproveito e tento relaxar durante o percurso.

— Pronto, Alan? Chegou o grande momento. — Comenta meu amigo quando estacionamos em frente à igreja monumental, Catedral de Santo nome de Chicago.

— Sim. — Respondo animado, vendo a movimentação na entrada do prédio.

02



Lívia

O tempo corre depressa, aumentando meu nervosismo. A noite caiu, daqui a algumas horas estarei oficialmente casada, ligada a Alan Coleman... para sempre? Não sei exatamente, talvez seja enquanto durar nossa química, quem sabe o amor. Bom, da minha parte, durará eternamente, pois, eu o amo muito, jamais amarei outro homem. Alan me marcou demais em todos os sentidos, ainda mostrou como sou forte e corajosa. Enfrentar uma gravidez tão jovem, desencadeia conflitos internos, familiares, além dos julgamentos da sociedade. Sim, porque há pessoas prontas a nos apontar o dedo, somente pelo fato de testemunhar uma mãe jovem, ainda solo – pensei que seria minha sina, porém, o destino mudou o rumo. Logo, descobri tantas coisas, entre elas, o relacionamento. Gostei. É maravilhoso ter alguém para trocar carícias nos momentos íntimos e mais, principalmente, para dividir responsabilidades.

Mãe, a condição trouxe apreensão, chegou cedo, virando a rotina do avesso. Contudo, fui acostumando às transformações físicas e psicológicas, dessa forma, cresci e amadureci.

Alan mudou bastante, aquele bad boy se transformou num homem responsável, amável – ao menos comigo –, então questiono-me em que momento a mudança aconteceu, porque na descoberta da gravidez, ele praticamente surtou. Eu fui acusada de dar o golpe da barriga! Quanto absurdo! Jamais engravidaria para firmar um relacionamento, mesmo que

eu tivesse idade suficiente, pois vai contra meus princípios. Recebi educação, conseqüentemente ajo conforme meus pais ensinaram.

Além disso, gravidez ou bebê jamais segura uma união, nem inicia.

Tive sorte, o bebê desencadeou situações positivas em meio àquele caos quando descobri a gestação. Dentre elas, me trouxe Alan, meu companheiro, futuro marido, meu amor.

— Meninas, acho melhor cancelar a despedida de solteira. — Comunico indecisa, indo até a varanda, onde analiso o céu estrelado. Respiro fundo, apreciando a brisa tão refrescante, inclusive eliminando o suor emanando dos poros, causado pela ansiedade em ser oficialmente a senhora Coleman.

— Como assim? — Briella questiona surpresa, até mesmo indignada. Ela e minha irmã, Kimberly, organizaram a despedida quando anunciei a data do casamento. Achei a atitude linda, cheguei a chorar, completamente agradecida por tê-las comigo. — Enlouqueceu, Lívi? — Bri põe as mãos na cintura, demonstrando total indignação e faz caretas, discordando. — Nós idealizamos esse momento há semanas, garota tola. — Testemunho um ar risonho no seu semblante, então retribuo, abrindo largo sorriso.

— Amiga... — Abro os braços, Briella aceita o abraço carinhoso que ofereci. — Obrigada por tudo. — Sussurro já firmando a voz, que ameaça falhar.

Tenho sorte com tanto carinho.

— Não agradeça, sua louca! Amigas são para isso e muito mais. Você sabe que pode contar comigo sempre... — Afasto-me o suficiente para acarinhar seus cabelos e botar uma mecha atrás da orelha dela.

— Ai, meu Deus! — Kim diz. — Vamos parar com a dramatização, meninas! Kimberly afasta nós duas. — Você está linda, futura senhora Coleman. Mexa o traseiro... vá se divertir. — Ordena.

Reúno coragem, decidida a aproveitar minha noite divertida só de garotas.

Sorrio animada, dando abraço coletivo.

— Ok. Vamos nos divertir, porque à noite é uma criança. — As meninas gritam, pulam e aplaudem, concordando, mas mamãe entra no quarto trazendo Giana nos braços.

A garotinha usa pijama com estampa de bonecas, semelhante a ela, minha bonequinha. Era para a bebê estar dormindo. Mamãe quis cuidar dela esta noite, assim me proporcionar o momento que toda noiva deve ter.

Aceitei, afinal, não teria coragem de deixar Giana sob outros cuidados senão familiares, e como tenho apenas mamãe, papai e Kim em Chicago, – nossos parentes moram na Califórnia –, e papai, igual à maioria dos homens, jamais cuidaria direito da menina, mamãe assumiu o papel.

Gostei bastante, confio nela!

— Princesa da mamãe! — Imito voz infantil, indo encontrá-la. Abro os braços, convidando-a para se aconchegar comigo. Claro, ela vem imediatamente, balbuciando, com os olhinhos brilhando de felicidade. — A mamãe ama tanto você. — Beijo a cabecinha, seguido da testa. É quando sinto sua temperatura elevada e paraliso, buscando verificar se realmente há um estado febril, ou é apenas exagero meu, resistindo a primeira noite longe dela.

Vou até a cama, depois sento, deixando-a sentadinha bem no meio. Calmamente, verifico a temperatura usando a mão. Acontece que dessa forma fica impossível ter exatidão, por isso, peço a Kim para olhá-la enquanto me aproximo do criado-mudo, onde pego o termômetro.

— Ela está febril. — Mamãe avisa tensa. — Acabei de verificar a temperatura. — Assinto, sei que bebês adoecem facilmente, inclusive, provei da angústia num resfriado, – o primeiro de Giana –, dois meses após seu nascimento.

Foi horrível! Alan e eu, leigos no quesito pais, especialmente doenças, saímos às pressas para o pronto-socorro, incapazes de lidar com o congestionamento nasal, febre, tosse, além da mudança repentina comportamental dela. Contudo, bastou uma consulta ao pediatra que, logo, acalmamos o coração, pois fomos bem instruídos a suavizar os sintomas gripais.

Lavagem nasal, antitérmico, nebulização e xarope fluidificantes foram prescritos pela pediatra naquela ocasião. Horas mais tarde, vemos os resultados, Giana já não estava tão incomodada, então relaxamos especialmente devido à febre ceder. Como a causa era viral, em menos de três dias a febre cedeu, mas sei que cada situação será diferente e sofreremos sempre.

— Não acredito, Giana! Justo hoje, filha? O papai deve estar se divertindo horrores, sequer imagina nada disso. — Imediatamente ergo sua blusa e ponho o termômetro, esperando impaciente finalizar.

O aparelho começa a apitar, quando verifico, levo um susto, pois chega a 39°C.

Tapo a boca, pasma, mas preciso agir, a filha é minha, sendo assim, devo protegê-la, cuidar, fazer tudo que esteja a meu alcance.

Eu a dispo rapidamente, levando-a até o banheiro. Lembro a médica falando que numa situação dessa, o importante é baixar a febre com banho frio.

Ai, meu Deus! Acho tão torturante, mas, infelizmente, é o procedimento correto e não irei quebrá-lo.

Abro o chuveiro em temperatura ideal, depois a posiciono sob a vazão máxima, livrando apenas o rostinho. Giana grita, detesta a água fria, além disso, sente frio, vejo toda pele eriçando.

— Amiga, coitadinha! — Murmura Briella atrás de nós. — Você vai ficar bem, linda. A tia promete. — Dou meio sorriso, triste pelo momento, mas confiante que passará depressa, assim como surgiu o resfriado, gripe, seja lá o que for.

Kimberly sai e logo, retorna trazendo antitérmico. Faço a bebê tomar a dosagem suficiente para controlar a febre, posteriormente, exponho o peito, deixando-a mamar.

Sento confortavelmente na cama, torcendo que, ao menos, essa condição dela seja apenas hoje, pois amanhã preciso casar.

— Acabou, meninas. — Comunico convicta, disposta a dar total atenção a Giana.

Analiso minha filha, tão linda, pequena, frágil e a coloco em primeiro lugar. Nada importa, exceto seu bem-estar. É a atitude correta que uma mãe verdadeira toma numa situação tensa igual a esta.

— Claro. — Briella toca meu ombro, apoiando completamente.

— Concordo. — Diz Kim. — Nossa bonequinha estará em primeiro lugar sempre. — Sorrio mesmo com o coração na mão, ainda amamentando Giana.

A bebê logo adormece, e vê-la assim – calma, apesar da febre – gera certo alívio.

— Hum... — Kim pausa estreitando os olhos e pela expressão sei que pretende contornar o imprevisto. — Noite do pijama! — Alteia a voz, depois leva o dedo à boca, repreendendo-se, pois Giana sobressaltou.

— Boa ideia! — Briella comemora, simulando aplausos. — Assim podemos dar a despedida de solteira a Livia, ao mesmo tempo, ajudar a cuidar dessa princesa.

Meu coração transborda escutando cada palavra. Eu sabia que tinha pessoas que posso confiar eternamente, mas ainda assim, me surpreendo com as atitudes delas nas ocasiões boas e ruins.

Tenho muita sorte.

— Obrigada, meninas! Super aprovo à noite do pijama. — Sou pura felicidade, expressando total gratidão através do largo sorriso, mas mudo drasticamente lembrando de Alan, como será que está sendo à noite dele.

Boate. Mulheres. Bebidas. Sou traída severamente quando meu subconsciente traz à tona os antigos hábitos daquele homem. Alan era um bad boy e mudou, só não sei se conseguirá assumir a seriedade que agora mostra.

Engulo seco, embora tentada a descobrir. Não quero ser do tipo, controladora, prefiro acreditar na mudança dele e sofrer menos imaginando tantas merdas, porque encaramos um relacionamento, Alan age como pai de família deve agir. Entretanto, longe, não imagino seu comportamento, especialmente numa despedida de solteiro.

Não me decepcione, Alan Coleman. Penso temerosa.

As lágrimas caem e reprimo os murmúrios, visando não atrapalhar o sono tranquilo da minha filha.

— Ei, qual o problema, amiga?

— O que aconteceu, irmã? — Elas sussurram. — Dou de ombros.

— Nada sério. — Minto firmando a voz. Na garganta forma um bolo, fica até difícil mencionar pequenas palavras. — Alan... como será que Alan está se despedindo da vida de solteiro? Devo acabar com a farra dele, contando sobre o imprevisto dessa noite?

— Lívi, iremos ajudá-la, deixa Alan aproveitar a farra, afinal é a última solteiro. Além disso, saberemos como ele reagiu à "liberdade" — Ela faz aspas usando os dedos e sinto o coração palpitar, temendo descobrir. — Caso saia da linha, saberemos. O que duvido muito, pois Ethan jamais aceitaria algo fora dos padrões. — Bri suspira, confia plenamente nele,

tanto que estão ficando sem compromissos, mas minha amiga não me engana, apesar de afirmar ser apenas pegação, vejo nascer um lindo amor entre eles.

Os dois merecem, por isso apoio. Ethan é humilde, mas muito esforçado, cavalheiro, simpático e lindo. Embora tenham personalidades diferentes – ela toda estabaneada enquanto ele é centrado –, formam um belo casal.

— Ok. Mas caso Alan me traia esta noite nem quero saber. Seria muito azar ou eu fui burra mesmo tentando consertá-lo.

— Duvido muito, Lívia. — Kim se pronuncia. — Alan te ama. Dá para notar somente a forma como a olha.

A febre cede, deito Giana confortavelmente na cama, posteriormente troco a roupa glamourosa, – própria para à noite –, por pijama. Briella e Kimberly também. Ligo a babá eletrônica e ocupamos o quarto de hóspedes, onde iniciamos o "divertimento". Meu coração de mãe coruja aperta, temendo o estado da minha bebê, pois caso agrave não sei como proceder, uma vez que em poucas horas direi o famoso “sim”. Claro, não podemos cancelar o enlace, idealizamos há meses, inclusive cuidei das particularidades como: cor da ornamentação, cardápio do bufê, lembrancinhas, local. Enfim, tudo.

O casamento sairá nem que após a cerimônia, mal aproveitemos a recepção, mas Alan e eu trocaremos as alianças, ao pronunciar os votos.

Mamãe continua a cuidar da neta, conforme planejado, afirmando que o instante é destinado às jovens. Eu discordo, ela faz parte dessa conquista, e sendo minha mãe, tem o direito de participar, entretanto, respeito a decisão dela.

As meninas conseguem driblar o imprevisto, e, embora não seja como deveria ser, numa boate, música eletrônica alta, nos estimulando a mexermos os corpos em seu ritmo, drinques acompanhados de boa conversa, super aprovo o novo divertimento.

Briella lista as brincadeiras, iniciando por *verdade e consequência*. Conhecemos segredos umas das outras, então não sei se valerá a pena, porém, é uma forma de ficarmos atentas a qualquer chamado de Giana.

— É verdade que você está pegando o amigo do Alan, Ethan? — Kimberly questiona risonha a Briella. Reviro os olhos, qualquer pessoa nota o envolvimento deles somente ao vê-los juntos, numa conversa.

— Gente, essa brincadeira não dará certo. Conhecemos uma à outra e você, Kim perguntou o óbvio. — Resmungo.

— Deixa ela responder, Livia. — Kim repreende.

— Ah... — Dá de ombros, suas bochechas coram, ela sorri. — Estamos nos conhecendo. Ethan tem tantas qualidades, é engraçado, educado, cavalheiro, lindo. — Suspira. — Além disso, tem uma pegada firme que nunca encontrei em outro homem.

Aplaudimos, nossos murmúrios ressoam pelo quarto e não sei se isso é o motivo, mas Giana chora, corro até o quarto, a pego no colo. Sorrio, porque está sem febre para meu alívio, mas preciso fazê-la dormir novamente, então a aconchego comigo, amamentando.

Sinto o peso da noite, os olhos pesam, obrigando-me a descansar, até bocejo e pisco frenética vendo o celular receber mensagens.

"Oi, amor! Como está sua última noite solteira? Espero que tenha aproveitado muito, mas, claro, adequadamente, pois amanhã estaremos ligados oficialmente. E a minha princesinha? Sentindo falta do papai? Quero enchê-la de beijos."

Leio imediatamente, constatando ser Alan. Abro largo sorriso pelas palavras, ele mudou tanto, está ciente que amanhã iremos oficializar nossa união, mas fico tensa, duvidosa entre contar sobre o estado febril de Giana mais cedo, pois não quero acabar seu divertimento.

"Amor, quanta falta você faz. Eu deveria estar dormindo, mas essa princesinha aqui acordou agora, então troquei fralda e estou amamentando. Promete não se importar com minhas olheiras? Provavelmente nem maquiagem dará jeito."

Decido omitir o imprevisto, afinal, esta será a única noite longe dele, pois sei que Alan nos fará companhia sempre, seja nos momentos bons ou ruins.

Alan começa a gravar áudio, em questão de segundos, ouço:

— Amor, quer ajuda? Num pulo eu chego aí.

— Não se atreva, Alan Coleman. — Sussurro. — É somente hoje, porque a partir de amanhã irei reivindicar sua presença para sempre. O

noivo não pode ver a noiva antes do casamento. Fica tranquilo, amor. Boa noite!

Respondo com outro áudio, depois me desconecto da internet rápido.

Deito a menina, retorno ao quarto onde Kim e Briella estão. Brincamos mais um pouco, depois nos recolhemos.



Giana dormiu bem, porém a febre voltou, então as meninas se revezaram nos cuidados com a bebê. Claro, queria me privar das olheiras, não adiantou muito porque tive que amamentar a cada despertar dela. Tudo bem, já acostumei à rotina noturna, acho normal para quem tem bebê. O maquiador precisa fazer milagres, escondendo minhas imperfeições faciais.

Vai funcionar.

— A febre cedeu, Giana dormiu. — Amamentei novamente e a entreguei a mamãe para poder organizar os últimos detalhes antes da produção. Tomei banho quente, lavei os cabelos, usei máscara hidratante neles, agora estou preparando para receber a equipe de maquiador, cabeleireiro e personal stylist. — Pronta, Lívia? A equipe chegou.

— Ufa! — Suspiro aliviada, não quero atrasar muito, nem deixar Alan ainda mais ansioso, temendo ser abandonado no altar. Se bem que seria engraçado ver meu bad boy nervoso, até chorando pelo abandono. — Mandem entrar, por favor. Assim aproveito enquanto Giana dorme. Falando nela... o vestido servirá? — Mande confeccionar vestido branco, parecido com o meu, pois queria o estilo *mãe e filha*. Acho perfeito.

— Ficou encantadora, Lívi. Já vesti nossa bonequinha. — Aplaudos eufóricos. — Briella e Kimberly estão quase prontas, faltando somente concluir a maquiagem. — Apenas agora noto mamãe produzida, usando um vestido longo, verde, muito sutil, sem decotes, nem fenda. Os cabelos foram presos num coque alto, enaltecendo seu belo rosto e colo, mostrando as joias – conjunto de esmeraldas.

— Mãe, amei sua produção. — Ela gira devagar.

— Gostou mesmo? — Balanço a cabeça, assentindo e ganho beijos na bochecha. — Vamos começar a sua produção. — Caminha até a porta,

abre dando espaço para a equipe. — Entrem. Deixem minha filha ainda mais linda neste dia tão especial. — Os olhos dela marejam. — Ela vai casar! — Encaixa as palmas das mãos nas laterais do rosto, demonstrando espanto.

Rio ante o exagero, aceitando a ajuda quando sequer sei me arrumar sozinha.

Faço questão de aproveitar o instante, desfrutando da massagem, cabeleireiro, maquiador e manicure. Os profissionais são rápidos, em menos de 1h estou produzida, usando meu vestido no estilo princesa que mandei confeccionar após pesquisar muito e conversar bastante com o estilista. Juntos criamos o modelo. Eu expliquei detalhadamente como o queria, ele dispondo de técnicas, o desenhou pondo características próprias.

— A *limusine* chegou, querida. Vamos? Alan a espera. — Mamãe diz.

03



Alan

A igreja lotou, inclusive com convidadas penetras. Algumas garotas fizeram questão de testemunhar um momento importante para mim, mas jamais almejado antes da reviravolta na minha vida.

Lívia vai pirar ao ver essas mulheres sentadas, assistindo de camarote, nosso enlace. A notícia do casamento se espalhou pelo campus, gerando total alvoroço, pois muitas pessoas duvidavam ser verídico, talvez, por isso vieram conferir pessoalmente.

Caralho! Peguei várias garotas que estão sentadas, todas me olhando pesarosamente enquanto caminho lentamente com braços dados a mamãe, indo direção ao altar esperar minha noiva, mãe da minha bebê.

Meio desnorteado pelas presenças – apenas porque desejei que o momento fosse para a família e amigos –, analiso os assentos dos dois lados, visando constatar quem, de fato, compareceu, sejam convidados e penetras. Mas, mantenho seriedade, ignorando minhas ex-fodas, afinal, idealizamos demais este momento, então nada, muito menos ninguém destruirá.

A ornamentação faz jus à grandiosa fachada, mas sutilmente, enaltecendo a arquitetura gótica com flores brancas, amareladas e rosadas postas nos topos dos bancos em cada esquina, unindo os assentos pelas fitas de cetim largas, formando sinuosidades. Sobre o altar, jarros abrigam buquês generosos, exalando perfume continuamente. Então devo admitir como a equipe organizadora de casamentos fez um belo trabalho.

O tapete vermelho traceja o trajeto até o altar, onde nele caminho em passadas lentas, atento ao entorno.

— Nervoso, querido? — Mamãe questiona.

Respiro fundo, expulsando qualquer temor dentro de mim. Escolhi meu futuro, planejei boa parte dele, agora vai se concretizando devagar. Hoje sou um homem melhor, obediente às pessoas que amo, sendo assim, não há o que temer. Vai dar certo! Nada será fácil, sei disso, mas quando existe a cumplicidade igual Livia e eu temos, tudo fica melhor.

Já provei da convivência sendo pai e marido, e continuará exatamente igual, a única diferença é que assinaremos um papel, também seremos abençoados por Deus, sob este teto sagrado.

— Negativo! — Minto. A afirmação parece real, pois a voz saiu firme, consegui manter todo ar inatingível, porém, internamente ainda duvido da minha capacidade, embora queira muito dar meu melhor para Livia e Giana.

— Parabéns, filho! Nunca vi noivo tão calmo. — Miro o horizonte, dessa forma garanto camuflar o nervosismo. — Você está tremendo, Alan! — Mamãe cessa os passos, segurando meu braço mais para conter a tremedeira do que como aviso.

Ponho a mão sobre a dela e a encaro.

— Porra, mamãe, estou nervoso pra caralho. — Murmuro o suficiente para receber bela repreensão:

— Olha a boca, menino! Estamos num local sagrado. Respeito é bom, eu gosto e exijo, assim como a igreja. — Sondo o entorno, sorrindo desconcertado para alguns convidados, apenas tentando disfarçar meu comportamento rebelde. — Ai, meu Deus! Onde eu errei na educação desse moleque atrevido? Nós o educamos com princípios religiosos, inclusive você participou das missas aos domingos durante anos, até sua adolescência, quando foi escapulindo sutilmente e sequer notei. Agora é tarde! Mas não o suficiente para desviar minha neta da religião. Giana compensará você, participando das missas, estudando catecismo, crisma e casando também.

Penso em revidar, Giana é bebê, somente ela vai escolher sua rotina nesse quesito. Ninguém, nem eu, irá lhe obrigar a nada.

Antes que comece uma discussão, um pigarreo ecoa, e olhamos ao mesmo tempo, em direção a ele, constatando ser o padre chamando nossa

atenção.

Damos continuidade a caminhada, seguindo para o altar e finalizando o percurso, nos saudamos alegremente com beijos, abraços, além de palavras ternas.

— Seja feliz, filho. — Mamãe diz emocionada, mas contendo as lágrimas, visando não borrar a maquiagem. — Faça Lívia feliz, aquela garota merece. — Ganho outro abraço carinhoso. — Sejam felizes.

— Obrigado, mãe. Eu darei o melhor de mim, farei Lívia feliz. — Respondo convicto.

Posiciono-me no meu devido lugar, agora esperando minha linda noiva, enquanto mamãe senta na primeira fileira, onde papai está ao lado dos parentes próximos, alguns primos, tios e tias.

A marcha nupcial começa a tocar, anunciando o momento tão aguardado: a entrada triunfal da noiva. As grandes portas abrem, revelando a florista, seguido da daminha e o pajem, primos de Lívia. Logo atrás, Lívia caminha lentamente, braços dados àquele velho desgraçado, seu pai, o juiz Henry Vlasak – homem insuportável, até hoje mal suportamos um ao outro – cuja, ainda longe, lança-me olhar fuzilador. Mas ignoro, dando total atenção a filha, minha noiva, mulher, meu amor.

Ela está encantadora, uma princesa vestida assim. O vestido delicado, longo e saia volumosa. Não entendo sobre essas coisas, só sei que a escolha foi perfeita, eu, particularmente, aprovo. Claro, aprovaria qualquer modelo, pois o que, de fato, embeleza a vestimenta é o corpo escultural, e o rosto angelical irradiando simpatia.

Deus, nunca vi noiva mais linda!

Absorto, fixo os olhos nela, esquecendo as pessoas, também louco para sua aproximação, assim eu possa sentir o calor emanando dos seus poros, a textura aveludada da pele, os dedos entrelaçados aos meus e o doce perfume tão inebriante.

Porra, como senti saudades dela na noite passada.

Os convidados mantêm atenção em Lívia, certamente admirando-a, exatamente igual a mim, exceto as penetras que devem invejá-la, porque somente ela conseguiu me trazer para o altar.

Rio sutilmente, realmente acho engraçado pensar nisso.

Quando percebo, o senhor Vlasak está entregando-me a filha.

— Cuide dela, mole... — Ergo a sobrancelha, desafiadoramente, pois entendi a frase mesmo sem ter completado. — Alan. Faça minha menina feliz — Sussurra quando estende a mão num cumprimento formal e faz menção de me abraçar. Aceito o cumprimento, embora internamente seguro a raiva. — Ou acabo contigo. — Arregalo os olhos. — Caso eu descubra sequer uma traição, mandarei cortar seu pau.

— Vá se foder. — Murmuro, ciente que ele não irá iniciar um escândalo, armando barraco no momento especial para sua filha.

O juiz bufa, mas não retruca, beija a testa da noiva e vai encontrar Hazel, sentada no lado oposto aos meus pais, onde fica a família da noiva.

Sorrio cinicamente, oferecendo a mão a Livia, que aceita imediatamente.

— Você está linda, meu amor. — Elogio, depois beijo o dorso da mão dela.

Ela entrelaça nossos braços.

— Obrigada, amor. — Ri timidamente. — Você também está lindo.

— Giana. Cadê, minha princesa?

— Com minha mãe, Alan. — Estico o pescoço por cima dos ombros dela, mas não vejo a bebê. — Dormindo no carrinho. — Assinto, o padre inicia a cerimônia. — Ela teve febre à noite toda. — Trocamos palavras baixinhas, deixando a voz do padre abafar as nossas.

— Por que não avisou? — Questiono irritado, detesto ser excluído de assuntos importantes, ainda mais sobre Giana.

— Desculpa, amor. Não queria acabar com sua despedida de solteiro.

— Como assim? Ela é responsabilidade minha também. Sou o pai dela. — Alteio a voz, interrompendo o padre e todos me olham pasmos. — Perdão.

— Posso continuar? — O padre questiona aparentemente chateado. Engulo seco. — Querem cancelar o casamento? — Puta que pariu!

— Continue padre, por favor. — Livia pede, voz trêmula, mãos suando. Droga! Eu sou o culpado.

Certamente após o casamento, serei severamente repreendido por Livia. Pudera, acabei extravasando, mas nada fora dos padrões, pois quando se tem um serzinho indefeso, acabamos perdendo a cabeça numa situação

incomum. Merda, prefiro que aconteça qualquer coisa comigo, menos a ela, ou à Livia.

Atentos ao pronunciamento do sacerdote, trocamos as alianças.

— Alan, prometo amar-te e respeitar-te na saúde e na doença, em todos os dias da nossa vida, até que a morte nos separe. — Ela põe a aliança no meu dedo anelar esquerdo, depois beija o dorso da minha mão.

— Livia, prometo amar-te e respeitar-te na saúde e na doença, em todos os dias da nossa vida, até que a morte nos separe. — Ponho a aliança no dedo anelar esquerdo dela, depois beijo o dorso da sua mão.

— Eu os declaro marido e mulher. — O padre dá a bênção final, posteriormente o beijo tão aguardado acontece. O primeiro beijo de casados.

Estou feliz, agora nossa união é oficial, mas nada mudou, exceto a sensação em ser dela sob olhar divino e também do homem.

Assinamos os papéis e recebemos cumprimentos. Todos querem nos abraçar.

— Alan, quem convidou essas mulheres? — Livia nota as penetras. — Você ousou convidar suas ex-fodas?

Entrelaço nossos dedos, guiando-a para a porta, visando fugir das confusões, pois mesmo não tendo culpa alguma por elas aparecerem no meu casamento, prefiro evitar barracos.

— Sério, amor, não sei como apareceram aqui. Mas, já que vieram, testemunharam um momento importante na vida de Alan Coleman.

Uma chuva de arroz cai sobre nós. É quando vejo a Hazel segurando Giana.

Vou até elas, tomando minha bebê nos braços e beijando-a muito.

— Senti saudades, princesinha. — Afago a cabecinha dela. — A temperatura parece normal.

— Sim. Giana não teve mais febre, acho que foi embora de vez. — Responde Hazel.

Ante a resposta, posso comemorar o casamento em grande estilo, inclusive no quesito sexo, porque cogitei ignorar a lua de mel momentaneamente, porém, as circunstâncias mudaram. Livia se prepare para dar conta dessa potência que tenho entre as pernas.

LÍVIA VLASAK

Deixo minha indignação transparecer. Não acredito que Alan convidou suas ex-fodas para o nosso casamento. Tudo bem que a notícia da oficialização da nossa união se espalhou, inclusive, pelo campus, onde estudamos – continuaremos firme os estudos e só sairemos de lá formados, com o canudo em mãos –, mas vê-las aqui é como uma provocação. Essas vacas provaram meu marido, vangloriaram-se dele, afinal, quem não faria tal coisa? Alan é a perfeição masculina, aquele macho alfa que toda mulher deseja.

— Parabéns, Alan! — Uma penetra e ex-foda parabeniza-o. A mesma que flagrei no banheiro contando a amiga sobre Alan no dia que descobri a gravidez.

Sinto o sangue ferver e contenho a ira, visando não estragar o momento, muito menos assustar Giana que está aconchegada nos braços do pai.

Ela beija o rosto dele, puxando-o para si, depois brinca com a bebê descaradamente, como se fosse íntima da família.

Observo a cena enojada, embora as pessoas também me cumprimentam, parabenizando-me.

Alan recua, até tenta escapar, mas a mulher não dá chance, cercando-o de todas as formas. Falta apenas beijá-lo na boca.

Enciumada, sigo até eles, contornando alguns convidados que vinham falar comigo.

— O que você está fazendo aqui? Não a convidei, nem vi seu nome na lista de convidados do noivo. — A mulher empalidece, arregala os olhos, então sorrio vitoriosa. — Por favor, vá embora. — Peço educadamente, mesmo que internamente eu esteja prestes a explodir. É meu casamento, aquela fase *galinha* dele passou, significa que todas as suas conquistas são passado, e deveriam ficar nele.

— Bom, que eu saiba a igreja é pública, — Dá de ombros. — Qualquer pessoa pode frequentar. — Dessa vez eu arregalo os olhos pela audácia. — Sempre vim aqui, por acaso acertei bem no dia do casamento de vocês, então quis prestigiar Alan, já que o conheço há muito tempo.

— Amor, Giana quer você. — Alan intervém. — Vai com a mamãe, princesa. — Seguro minha filha, dissipando a tensão. A penetra foi salva pelo gongo.

— Já vou indo também. Foi maravilhoso vê-lo, Alan. — Sorri largo para meu marido, depois sai.

Fecho os olhos, beijando Giana,— a causa do meu equilíbrio —, enquanto tento esquecer o episódio de quase embate, pois do jeito que eu estava enfurecida, poderia ter acontecido um barraco.

— Ei, está tudo bem? — Alan questiona.

Respiro fundo, hoje o dia é feliz, por isso não posso permitir-me afetar dessa maneira devido a certas pessoas.

— Estou ótima. Vamos? — Ganho belo sorriso dele, assentindo.

A limusine estaciona, Alan corre até ela e abre a porta, dispensando o motorista super elegante, vestindo terno claro, usando luvas e um chapéu típico, parecido com os que alguns militares superiores usam.

Somente então noto a elegância do meu marido. Lembro que tentava imaginar como Alan usaria terno, fazendo jus a profissão que escolheu. Realmente, nunca consegui, de fato, imaginá-lo trajando roupas formais, uma vez que a jaqueta de couro é sua marca registrada, mas ao analisando agora, abro a boca, pasma. Ele está ainda mais lindo! Talvez seja o homem mais lindo do mundo, ao menos para meus olhos.

— Senhora Coleman, por favor... — faz reverência, igual a um verdadeiro cavaleiro. Oh, Deus! Alan mudou tanto. — Princesa, Giana Coleman, entre com a mamãe.

Aceito o convite, erguendo o vestido na lateral direita enquanto seguro nossa filha. Dou passadas lentas, Briella e Kimberly assumem a ação de me dar mobilidade, segurando a volumosa saia, dessa forma, acomodo melhor a bebê em meus braços.

— Obrigada, meninas! — Digo absorta, encarando Alan. Chegando próximo dele, toco o rosto másculo, encaixando a palma da mão na lateral inferior. — Obrigada, marido!

Em retribuição, ele fecha os olhos, adorando o contato e quando os abre, sorri largo.

— Entre, minha senhora, as comemorações nos esperam. Estou ansioso, mas, especificamente pela comemoração particular. — O sorriso transforma-se em malicioso, e sinto minha pele eriçar, imaginando nós dois saciando os desejos eróticos, agora casados.

O desafio será maior, porque temo cair na rotina, apagando as chamas que nos consomem desde quando transamos pela primeira vez.

Não deixarei, preciso inovar sempre, nem que para isso, eu busque alternativas nos sites, ou consultando sexólogas.

— Também estou ansiosa, meu senhor. — Entro no clima, bem como me acomodo, conforme ele pediu.

— Está brava por causa das penetras? — Alan senta ao meu lado, ponho a menina no bebê conforto, o automóvel luxuoso ganha velocidade.

— Eu fiquei, mas entendo que você não tem culpa. Certamente elas estão afobadas devido nunca mais ter você na cama delas. — Sussurro, privando a bebê de certos assuntos impróprios para a idade. — Apenas eu o terei, Alan Coleman. — Alan gargalha.

— Sempre, amor. — Responde e morde o lóbulo da minha orelha. Golpe baixo, porque amoleço inteira, a pele volta a eriçar e a boceta latejar, lubrificada, tão molhada, já prestes a gozar.

O percurso dura pouco, logo chegamos à festa.

O local escolhido para recepcionar os convidados, encanta demais, além da ornamentação. As mesas redondas estão forradas com toalhas rendadas, sobre elas, os talheres em prata, porcelana floral e copos em cristal.

Valeu a pena o investimento para alcançar tanta perfeição, pois gosto do que vejo. Provavelmente o cardápio irá agradar, se não a todos, pelo menos a maioria. Enfim, realizei um sonho recente após engravidar e aceitar namorar o famoso bad boy.

Os garçons se movimentam, servindo as pessoas.

— Livia, querida, deixe essa garotinha linda conosco. — Briella comunica, tomando nos braços sua afilhada. — Linda da dinda. — Beija a cabecinha dela.

— Ah, finalmente a encontrei. — Ethan diz a minha amiga. — A propósito, parabéns ao casal. — Cumprimenta num aperto de mão, depois beija-me no rosto e abraça Alan. — Estou muito feliz por vocês. — Comenta risonho. Obrigado por botar juízo nessa cabecinha. — Refere-se ao amigo.

— Bom, suponho que foram as circunstâncias e não, exatamente, eu. — Rio. — Giana foi a real responsável.

— Quem diria que um bad boy se renderia a um bebê. — Briella completa, gargalhamos.

Alan sorri sarcástico, pois ainda não conseguiu construir amizade com Briella, os dois conversam, mas cautelosos, sempre mantendo certa distância e medindo as palavras.

— Ela não teve mais febre? — Kim aparece, oferecendo-me abraço, posteriormente cumprimentando Alan.

— Graças a Deus não. — Respondo aliviada.

— Ótimo! Assim aproveitamos a festa sem preocupações. Falando nisso, desculpem, só consegui cumprimentá-los agora, a igreja estava movimentada, também notei o quanto vocês queriam vir para cá. — Kimberly explica.

— Tudo bem, cunhada. Pena que nem todos os convidados perceberam. — Refere-se as penetras.

O DJ solta o som, animando o ambiente, e confesso gostar demais. A pista lota, logo vários casais entram no clima dançante.

Ensaíamos uma coreografia especial, Alan odiou, mas eu o convenci a aceitar, porque a data merece ser apreciada e recordada carinhosamente, realmente quis incluir a famosa dança dos noivos.

Após três músicas, uma batida anuncia que chegou nosso momento. As vozes de Rema e Selenia Gomez ressoam, *Calm Down* foi escolhida, devido ao sucesso, também pelo desafio, porque os passos são movimentos sinuosos, os quais nunca tive ao dançar. Embora eu seja magra, tenho corpo duro.

Foram dias difíceis, a coreógrafa sofreu, explicou, berrou, e aprendi, ou melhor, aprendemos. Alan é ainda mais lindo mexendo esse corpo perfeito.

Os convidados nos dão passagem, formando um círculo. Tensa, entrelaço os dedos aos do meu marido, guiada até a pista.

Não nego desespero, afinal, sou reservada, nunca desejei aparecer, porém, ignoro a plateia, concentrada apenas em me divertir neste instante, acompanhada dele.

A vestimenta exagerada atrapalha, ergo as laterais, começando os passos, deixando o corpo seguir o ritmo. Encarando Alan, tudo se torna espontâneo, pois temos uma conexão forte. É como se ele fosse o combustível que preciso para explodir.

Mantemos a sincronização até o final, damos um show e finalizamos. Entretanto, só noto por causa dos aplausos.

Meu Deus, pagamos mico!

Passado o momento noivos, sentamos num cantinho dedicado a nós dois para assistirmos os discursos dos parentes e amigos mais próximos.

Papai abre as homenagens, fala cada palavra linda, pecando ao repreender sutilmente Alan. Basicamente o obriga a me fazer feliz, caso contrário seu genro se arrependerá.

Ele não o suporta.

Mamãe, Briella, Kimberly e Ethan também falam animados. Droga, todos despertando meu lado emotiva, mas quando é a vez do noivo, choro horrores, destruindo a maquiagem. Alan promete outra vez dar o seu melhor para ser bom pai e marido.

Claro que eu retribuo com bela declaração, finalizando com agradecimentos.

— Hoje é um dia muito especial para nós dois, agradeço muito a presença de todos. — Recebo aplausos.

Alguém anuncia a atração principal, chamando minha atenção, porque achei que seria somente o DJ.

De repente, paraliso, olhando pasma o palco. *Jon Bon Jovi* entra, lindo, maravilhoso, usando terno preto, cabelos grisalhos no estilo despojado. Sou a fã número 1 dele, desde minha adolescência. Claro, muitos dos sucessos, eu nem era nascida, mas isso não abalou a admiração que tenho pelo astro, até hoje escuto-o incontáveis vezes. Bom, irei escutar sempre.

O responsável por isso acertou, pois o amo.

Jon não perde tempo, começando a cantar *always*, levando às mulheres à loucura, inclusive eu.

— Gostou do presente, filha?

— Como conseguiu, pai? — Papai dá de ombros, mãos nos bolsos, esboçando risos enquanto fita o palco. — Ficamos amigos após uma audiência. O cara plagiou uma música de Jon e imediatamente ele não deixou barato, procurou a justiça. Eu fui o juiz daquele caso, desde então somos amigos, mas como nossas vidas são corridas, nunca nos encontramos. Entretanto, entrei em contato com ele, comuniquei sobre seu casamento e falei o quanto você o ama. Sabia que você é fã, Jon aceitou.

Pulo em seus braços, muito agradecida. Meu casamento ficará para a história.

04



Alan

Levei um susto ao saber que Giana teve febre durante à noite que seria nossa despedida de solteiro. Lívia nem deve ter aproveitado muito, coitada, e caso eu soubesse antes, teria retornado para casa imediatamente, porque a bebê é responsabilidade minha também.

Tudo saiu conforme planejado, a cerimônia foi linda, bem como a recepção. O velho desgraçado do meu sogro até ganhou pontos comigo ao ter feito aquela surpresa a filha, contratando *Jon Bon Jovi*. Não sei como conseguiu, mas se Lívia ficou feliz, também fiquei.

Havaí, Honolulu será nosso endereço durante uma semana. Trouxemos Giana, pois sou ciumento e possessivo o suficiente para mantê-la conosco pelos próximos dias, além disso, a bebê mama – não era problema, Lívia poderia tirar leite e congelar, invés disso, ignoramos a possibilidade, assim ficaremos tranquilos.

Claro, com a viagem, a intenção é trepar muito, foder duro, forte, mas dependendo da permissão de Giana.

Por sorte minha princesinha dorme tranquila, então iremos aproveitar para iniciar as comemorações íntimas.

Mal posso esperar.

Um relaxamento se espalha pelo meu corpo, sinto cada músculo adormecido, exceto meu pau, que ganhou ereção pulsante como se tivesse vida própria. Aperto-o, dando vazão a excitação emanando dele ao melar a cueca.

Caralho, preciso afogar o ganso!

Gemo, envolto as sensações exorbitantes. Fecho os olhos, mordo o lábio inferior me tocando, só não quero gozar agora, estou somente fazendo o aquecimento numa masturbação solitária, esperando minha mulher.

Lívia entrou no banheiro há vários minutos e ainda não saiu. Queria invadir o local, mas faria barulho, pois a porta está fechada e Giana dorme ao lado, num dos ambientes da suíte máster. A única opção é esperar, aguentando firme esse tesão dos infernos queimando feito lava.

A noite caiu, apaguei as luzes, guiado pela penumbra, então vou até a varanda, tiro as roupas, iniciando batidas frenéticas.

Cadê ela? Demora do caralho!

— Pensando em mim, gostosão? — Lívia murmura como se tivesse lendo meus pensamentos. Cola o corpo ao meu, seminua, usando apenas sutiã e a maldita calcinha que, pela textura, quando ela esfrega a boceta na minha bunda, — instigando-me —, é uma maldita renda.

Imagino a cena, sua fenda desenhada, transparecendo os pelos, devido ao tecido. Ah... quero tocá-la, apreciá-la, chupar o montinho rígido, passeando nela e quando encontrar a entrada, enfiar a língua, fodendo-a gostoso, sugando sua lubrificação natural.

— Claro, sempre! Olha como estou duro. — Viro-me depressa, firmando-a na cintura e puxando-a para mim. Esfrego-me, deixando o pau explorar toda extensão da barriga enquanto mordisco o lóbulo da orelha dela, chupo-o. — Pega! — Ordeno.

Lívia conhece meus gostos eróticos, sabe como me enlouquecer, a safada pode ter pouca experiência no quesito sexo, afinal, há meses perdeu a virgindade comigo, naquele exato dia em que a engravidei, mas o pouco tempo trepando, quase diariamente a moldou direitinho, transformando-a numa mulher completa, especialmente na cama.

Tive sorte, ela possui diversas qualidades.

— Só pegar? — Testemunho um sorriso malicioso nascer nos lábios dela. — Posso lhe oferecer pacote completo. Hum... — Meu corpo estremece, imaginando as ações que a loira fará comigo. — Massagem nesse pau monstruoso.... com a língua! — Alteia a voz, depois leva o dedo à boca, pedindo silêncio, pois caso acorde a bebê, iremos cancelar o momento íntimo. — Mordidas nessa cabecinha — Resvala o indicador pela

glande, espalhando o pré-goço, então gemo, a pele eriçando, adorando cada estímulo.

A danada me abocanha, esquecendo a teoria, indo direto à prática. Jogo a cabeça para trás, fecho os olhos, segurando seus cabelos e divago na sensação deliciosa que somente Livia consegue me proporcionar.

Descontrolado, movo o quadril, levando no fundo da garganta.

— Isso! Assim, gostosa! — Gemo baixinho. Ganho leve pressão na glândula e suspiro, aproximando-me da libertação. Sinto o pau inchar, produzindo porra excessivamente, já prestes a liberá-la. Acontece que dispensei isso agora, porque necessito de mais.

Livia joga baixo, lambendo o comprimento, indo até as bolas, onde chupa cada uma.

— Está gostando, Alan? — A danada bate freneticamente, agitando-me todo.

Caralho, como segurar o goço?

— Muito, mas assim eu vou gozar ligeiro, gostosa. Só quero fazer isso nessa boceta apertada, quando nos fundirmos e estocar forte, duro. — Insatisfeito, finalizo o ato, me afastando.

Livia levanta espantada, então a ponho nos ombros, seguindo em direção à cama.

Ela solta gritinhos, assustada pela minha ação inesperada, ainda assim, não dou importância, desde que não acorde Giana.

Dou-lhe dois tapas fortes na bunda, avisando sobre os próximos minutos, porque almejo algo mais intenso.

— Ai! Doeu, amor. — Resmunga.

— Desculpa. A intenção era apenas apimentar essa trepada.

Deito-a sobre a cama, barriga para cima, pernas abertas em expectativa enquanto agito meu cacete, batendo uma. Suspiro, porque as batidas me levam às estrelas e quase goço, mas controlo, retardando, pois quero que isso aconteça quando eu estiver enterrado nela até o talo.

Sei que quanto mais o tempo passa, travo batalha interna, visando segurar os instintos ao menos momentaneamente, mas é difícil. Apenas em vê-la, meus hormônios começam a produzir excessivamente. Apesar disso, ousei demorar, atuando como nunca numa preliminar.

Atordoado, abro mais suas pernas, afasto a calcinha e me inebrio com o sabor feminino. A lubrificação emana dela, o cheiro impregna

minhas narinas, aumentando meu tesão.

— Eu queria demorar mais... te chupando, lambendo, e é impossível. — Suspiro sem desgrudar. Passeio a língua pela extensão, Lívია arqueja, puxa meus cabelos, completamente descontrolada.

Seguro os grandes lábios da boceta, expondo-a. Encontro o clitóris que está teso, então chupo-o avidamente, arrancando gemidos sôfregos da sua garganta.

— Minha nossa, Alan! — Exclama. — Vai devagar ou vou explodir num orgasmo agora mesmo. — Ela instiga-me, movimentando os quadris depressa. A ação gera um atrito delicioso entre minha boca e a boceta, portanto, ignoro o pedido, dando continuidade à devassidão.

— Goza! — Dou uma lambidinha, vou até a entrada onde enfio a língua. Lívია grita, depois tapa a boca. — Goza bem aqui! — Mostro a língua, voltando a chupá-la. — Porra, viciei nela. Como pode alguém viciar no sabor de uma mulher?

— Porque você é pegador nato. — Paro para encará-la, expressando resignação, ela protesta: — Terminou? Porra, Alan, eu estava quase gozando. — Sorrio vitorioso.

— Primeiro, gostaria de salientar que "já fui pegador". — Enfatizo. — Eu mudei, por isso só pego você, amor. — Mordo os grandes lábios, Lívია sobressalta, mas a contenho, impedindo que se afaste 1 centímetro sequer de mim. — Agora goza na minha boca, porque quero me alimentar da sua excitação. — Como uma boa menina, obedece.

Meus lábios se lambuzam, mesmo assim não impedem de continuar estimulando-a, pois agora chegou o momento de ela receber toda potência que tenho entre as pernas.

Seguro suas coxas, aprumo o cacete e resvalo pela fenda, até encontrar a entrada. Devagar, vou alargando-a lentamente, permitindo ser tragado.

Nossa conexão acontece harmonicamente, ambos implorando o encaixe dos corpos, as vozes misturando-se em uníssono nos gemidos mais roucos.

Putá que pariu! É mágico!

LÍVIA VLASAK

Quero gritar, tamanha é a agitação dentro de mim, invés disso, reprimo, porque, caso Giana acorde, interromperá nossa primeira transa de casados.

Alan me leva ao delírio com sua devassidão, e admito aprovar. O safado sabe como enlouquecer uma mulher, por isso aquelas piranhas caíam aos pés dele após provar as habilidades eróticas, e esse pau monstruoso.

Até entendo, quem provou, viciou. Aconteceu comigo, só não quis implorar outra foda, mas como a gravidez veio e um acontecimento desencadeou outro, estamos casados, apenas eu o terei na cama, como somente ele me terá.

As pessoas falam que casar jovem é furada, talvez seja, mas ter o homem amado a sua inteira disposição é único. Claro, ainda nem sei o que enfrentaremos pela frente, porque os relacionamentos são cheios de altos e baixos, só sei que estou disposta a suportar qualquer momento difícil, desde que Alan esteja comigo.

Juntos conseguiremos, sempre.

Alan se desconecta, depois, num movimento rápido, me vira de bunda para cima, deixando-me de quatro. Amamos a posição, ele goza rapidinho estocando fundo em mim assim.

Abro bem as pernas, Alan volta a me penetrar numa única estocada, indo fundo. Amoleço inteira, estou prestes a alcançar o segundo orgasmo nessa transa.

— Gosta assim, safada? — Balanço a cabeça, mas como estou movendo os quadris também, chocando os corpos quando minha bunda bate na pélvis dele, Alan não entende a resposta. — Responda! — Ele enrola meus cabelos em seu punho, puxando minha cabeça para trás, posteriormente se curva, alcançando o pescoço onde o beija, mordisca e chupa.

— Você sabe que gosto da sua devassidão, meu marido. — Arfo no instante que tenho o sutiã baixado e o seio esquerdo é tomado rudemente pela mão máscula. Gemo baixinho devido às massagens nele, seguido de beliscão no mamilo. — Porra, que saudades desses peitos. — Desde o nascimento da nossa filha, ele os preservou, porque a bebê mama. — Caralho, estão deliciosos. Giana que me perdoe, mas hoje eu os quero também. — Os grunhidos ressoam, preenchendo o ambiente. — Deixe-me prová-los, amor.

Saber que Alan sente falta é muito reconfortante, meu ego infla. Ele me quer! Claro, não seria diferente, durante todos esses meses juntos, noto o quanto me deseja, mesmo quando eu estava grávida.

— São seus também, Alan. Prove-os! — Ordeno.

Após concordar, viro-me a posição inicial, ficando de barriga para cima, então o encaro enquanto me avalia. Tiro a peça, lançando-a longe.

Alan deita sobre mim, volta a se conectar e abocanha meu seio direito, morde o biquinho, posteriormente suga-o avidamente.

Arqueio as costas devido à sensação maravilhosa.

Uma característica que me incomoda bastante na maternidade é amamentar, embora saiba que se trata de um ato pleno de amor e vínculo entre mãe e bebê. Acho tão estranho ter o peito sugado, dói, fere. Contudo, no momento erótico tudo muda, me excita.

— Porra, não é tão ruim quanto pensei. — Murmura sem desgrudar dele. Alan troca de seio e noto estar menor. — Alimente-se bem, Livia, porque eles serão meus também.

— Sêrio? Eu não sou vaca, Alan para dar leite a você. Aproveite, porque será apenas dessa vez.

— Duvido muito. — Dá de ombros. — Mas tudo bem. — Suga forte, depois limpa os lábios, agora concentrado em estocar.

Pouso as mãos sobre seu abdômen trincado, notando ainda mais rígido, e suponho que esteja alcançando o clímax.

— Preciso gozar, amor. — Sorrio largo, adoro vê-lo tão entregue a mim.

— Goza, gostosão! Preencha-me, senhor meu marido. — Alan goza, levando-me junto. Sinto jatos potentes dentro de mim, automaticamente desconectamos, devido seu pau majestoso perder a ereção. — Eu te amo, Alan. — Ele cai para o lado, suado, ofegante, e sorrindo muito satisfeito.

Ataco seus lábios com beijo demorado, as bocas buscando o encaixe perfeito, desempenhando movimentos lentos.

— Eu te amo mais, linda. — Uma mecha dos meus cabelos é posta atrás da minha orelha. Sorrio, encantada.

Sua delicadeza comigo aumenta os lindos sentimentos que nutro por ele.

05



Lívia

A vista do hotel havaiano é espetacular, analiso da varanda a praia com ondas gigantes quebrando na areia. Hoje, iniciamos nosso passeio para conhecer a ilha, pois a viagem longa nos deixou exausto, então era preciso descansar, recuperar as energias, – apenas Giana conseguiu, porque meu marido me manteve ocupada desde que chegamos aqui, exigindo que eu exercesse o papel perfeito de esposa, consumando assim, o casamento. Aprovei muito, pois também exigi seu desempenho na cama. Adivinha? Alan não deixou a desejar, esse homem é um furacão, intenso demais, gostoso demais e devastador. Estou toda dolorida e marcada.

Minha pele clara ganhou manchas arroxeadas pelo busto, pescoço e virilha, apesar disso não ligo, amei cada chupão, depois aplico maquiagem nas áreas expostas. Pronto, resolvido!

Visto biquíni na bebê, ponho chapéu, depois me troco também, optando pelo mesmo modelo e a deixo sob os cuidados do pai.

Encontrei peças iguais, por isso, comprei. Usaremos muito o look mãe e filha. Alan quem reclamou do modelo cortininha super escandaloso – fio dental –, pudera, sou branquela, assim conseguirei bronzear quase todo o corpo. Ainda faria *topless*, caso não tivesse os peitos enormes devido à amamentação.

— Amor, por favor, põe a fralda nela. Esqueci, acredita? Fiquei tão empolgada em provar o primeiro biquíni dela. — Grito do quarto, ele está em algum lugar da suíte master.

Não obtenho respostas, mas também não repito o desejo, simplesmente pego a bolsa, ponho protetor solar e carteira, depois pego a bolsa da bebê.

Prendo os cabelos num coque alto, passo batom nos lábios apenas para dar aquele ar saudável.

— Vamos, amor? — Giro, mostrando o look, mas a expressão nada amigável afirma sua insatisfação. Ele reprovou a produção. Foda-se! Eu gostei, é suficiente.

— Aonde pensa que vai vestida assim? — Ignoro a pergunta, abrindo os braços para pegar minha filha. — Você vai somente com essa saia? — Reviro os olhos, começo a ninar Giana. — Bota uma blusa!

— Já notou onde estamos? Olha em volta, Alan. É uma ilha! A praia fica bem ali! — Aponto para a varanda.

Caminho em direção à porta, fugindo das palavras absurdas.

— Volta aqui! — Continuo caminhando e mostro o dedo do meio.

— Você vem? — Sorrio divertida, de certa forma adorando a ceninha ciumenta mesmo sem necessidade.

Descemos, passamos pela recepção, indo em direção ao segurança que guarda a porta. Colares havaianos são oferecidos e aceitamos, ambos usamos dois.

Atravessamos a rua e chegamos à praia, deitando nas espreguiçadeiras com guarda-sol expondo grande logo do hotel.

Giana ainda é muito novinha, sequer entende o que se passa próximo, muito menos a riqueza do lugar.

Alan cuida dela, enquanto eu decido me bronzear.

— Porra, precisa usar fio dental? Esconde essa bunda, Livia. Ela é apenas minha. — O tom é autoritário.

— Chega, Alan! — Perco a paciência, detesto receber ordens.

Ele se cala, mas fica pertinho de mim, igual abutre, rondando a presa, também marcando território para espantar qualquer invasor.

Aproveito o sol, esperando o mar baixar, pois quero tomar um banho daqueles, demorado, bem como mergulhar.

Relaxo tanto, até adormeço de bruços, mas desperto escutando Alan reclamar.

Confusa, ergo a cabeça, sondando o entorno quando vejo uns caras parados olhando em minha direção e sorrindo maliciosos, então entendo a

reação explosiva do meu marido.

— Vão se foder, canalhas! — Alan mostra o dedo do meio para o grupo. Conto quatro homens, pele morena – bronzeados –, cabelos loiros, grandes, na altura dos ombros, altos e fortes, sarados. O porte físico supera o de Alan. — Eu avisei, Livia para trocar o biquíni, agora estou igual a idiota sendo ridicularizado, porque tem uns caras nojentos secando minha mulher. — Explica nervoso, a bebê começa a chorar, pois se assustou com a voz rude do pai, já que está nos braços dele.

Intercalo olhar entre os homens e Alan, notando minha indiscrição ao escolher o biquíni. Realmente, chamo atenção, embora esteja na praia.

— Só o que faltava! Agora não posso mais bronzear a bunda porque, simplesmente, os homens estão me comendo com os olhos. — Recolho minhas coisas, calço as sandálias. — Você ganhou, marido. — Ironizo. — Vou voltar para o hotel. — Passo por ele batendo os pés.

Volto para o quarto e entro no banheiro. Tomo banho relaxante, uso a banheira. Quando termino enrolo-me na toalha felpuda.

Saindo do ambiente, encontro meu marido nada amigável, andando de um lado a outro balançando a bebê.

Já mais calma, entendo sua posição. É horrível sentir ciúmes como cobrar, não sou santa, e sim ciumenta demais, inclusive fiquei furiosa no casamento ao ver aquelas piranhas. Contudo, naquele momento ainda pouco virei uma fera, mas pensando direitinho, não foi nada confortável para Alan ver outros homens me admirando. Também estive no lugar dele diversas vezes, – somente lembrar o sangue ferve –, dessa forma posso assegurar quão atormentador é.

Assim, dei um basta vindo para o quarto.

— Caralho! — Ele rosna. Olho em sua direção, vendo-o completamente atrapalhado, afastando a filha o máximo que consegue. — Esqueci de botar a fralda. Ela fez cocô! — Rio sutilmente com vontade de gargalhar. Só não o faço porque sei o estado nada feliz dele e provavelmente o aborreceria mais.

— Fala sério! Como alguém esquece de pôr fraldas num bebê? — Provoco.

— Não me venha com essa, porra! Sua atitude na praia foi ridícula. Onde já se viu usar biquíni tão escandaloso acompanhado da família? — Ponho as mãos nos quadris, indignada. — Os caras estavam te comendo

com os olhos enquanto riam da minha cara. — Seus olhos faíscam, nunca o vi tão bravo. — Não teste minha paciência, dessa vez passou, mas da próxima a deixarei sozinha para seus admiradores.

— Entendi, senhor mandão. — Pego a menina que se alegra muito. — Vou trocar Giana e você deve tomar banho, pois está cheirando a merda. — Gargalho, acontece que a piada só aumenta a raiva dele. — Desaprendeu a ser pai? — Alan deu o melhor de si, fazendo cursos de pai de primeira viagem, trocou fraldas, ninou, ainda simulou dar mamadeiras. Claro que a prática é diferente, árdua, mas ele evoluía.

— Acho que nunca aprenderei, porque esse não era meu destino. — Deixa as palavras no ar e dá as costas, indo até o banheiro.

Paralisada, engulo seco, refletindo sobre a resposta. Consciência pesada ou arrependimento em construir família? Tenho medo, prefiro nem descobrir.

Limpo a menina, dou banho — quando Alan sai do banheiro —, amamento, posteriormente a ponho para dormir.

O dia corre demoradamente, meu marido passa à tarde fora, e solitária contato Briella.

— Oi, amiga! Como vai à lua de mel nesse lugar lindo? Frequentaram algum luau? Sei que, com a bebê é mais difícil, ainda assim, vocês devem aproveitar. — Suspiro tensa, odiando relatar o imprevisto, porque minha amiga mal suporta Alan e contar certos detalhes irá piorar a convivência deles, por outro lado, necessito desabafar.

— Nós tivemos um pequeno desentendimento. Alan saiu há um tempo e até agora não sei dele. Deitei Giana agora, e liguei para você.

— Eu achei que aquele canalha tinha mudado, mas pelo visto me enganei. O safado deve ter ido procurar um rabo de saia. — Arregalo os olhos, o coração palpita, sequer pensei nisso. Entretanto, confio nele, Alan não faria algo assim comigo. Faria? Trinco o maxilar, completamente enfurecida, disposta a extravasar a ira, quebrando qualquer objeto, mas o hotel é luxuoso e destruir sua decoração resultaria em sérias consequências para mim.

— Vou matar aquele cachorro! — Rosno, Giana acorda nervosa, chorando muito. Bufo.

Era melhor ter ficado em Chicago mesmo, ao menos as meninas estariam comigo nos cuidados da bebê, e aqui estou sozinha.

— A bebê linda da tia acordou? — Xingo baixinho, a culpa foi toda minha. Vou até o quarto, pego Giana a acomodando ao peito e usando a mão esquerda seguro o aparelho telefônico.

— A culpa é toda daquele bad boy, acho que sempre fará jus ao título. Mas estou bem — Sorrio, disfarçando a tristeza. A sorte é que a chamada é convencional, caso fosse videochamada não teria como esconder.

Talvez casar tenha sido errado, pois desconhecia os desafios de conviver juntos, mesmo já morando com ele, porque naqueles meses, focamos em nos prepararmos para receber o bebê e esquecemos que precisávamos lidar também um com o outro.

— Que merda! Não acredito! Eu vou quebrar a cara linda do filho da puta do Alan, ainda controlar Ethan para reduzir a amizade deles. — Gargalho.

— Louca! — Qual é o problema de eles serem amigos? Os dois são inseparáveis.

— Alan é mau exemplo e levará Ethan para o caminho errado. Como quero casar um dia, irei garantir as ações do meu futuro marido.

— Controlando-o? Coitado! Ninguém merece algo parecido. Acredite, é a atitude mais egoísta do mundo, afinal, ninguém é de ninguém, embora tenha um relacionamento, ainda assim é livre para viver como deseja.

— Porra, fiquei até envergonhada, agora. — Briella resmunga. — Valeu pela lição de moral. Eu aqui toda prestativa, te defendendo... recebo isso?

Sua indignação é real, mas ela sorri, deixando claro que não afetará nossa amizade.

— Desculpa, amiga. Eu te amo, mas às vezes você exagera, especialmente no quesito controlar homens. Justo o sexo oposto?

ALAN COLEMAN

Lívia está testando a minha paciência, não sabe ela que nem tenho, e se eu perder o controle, já era.

Admito ser ciumento, às vezes possessivo, mas o que posso fazer se as condições exigem certos comportamentos? Naquele exato momento fiz o

que qualquer homem faria: a repreendi devido ao biquíni minúsculo, mostrando a bunda inteira com aquele fio dental desgraçado.

Mesmo detestando a desobediência dela, resolvi reconsiderar, afinal, estamos em lua de mel, então queria evitar brigas. Contudo, ver homens a secando foi a gota d'água. A mulher é minha, porra! Como assim? Tudo bem que o que é bonito é para se mostrar, porém, sou um filho da puta ambicioso o suficiente para querer apreciá-la sozinho, o resto da vida.

Muito chateado, voltei ao hotel e queria dar um basta no acontecimento, mas Livia precisava alimentar minha ira, dizendo que desaprendi a ser pai.

Nenhum pai é perfeito, todos aprendem conforme a fase dos filhos. Imagina um de primeira viagem?

Eu esqueci de botar a fralda na menina e isso gerou outro transtorno, ao menos perdi a cabeça e resolvi passear até controlar o misto de sensações em meu peito.

Acontece que estou longe pra caralho de casa, de Ethan, bem como meus pais, então, sem ter um lugar certo para ir, caminhei pela praia, depois visitei pontos turísticos – os quais eu os faria acompanhado –, agora estou num bar à beira-mar, vendo as havaianas movendo suas curvas sinuosas nas músicas locais. Diga-se de passagem, são perfeitas. Cada mulher gostosa do caralho e caso eu fosse livre, faria rodízio, provando uma por uma.

A bebida chega toda ornamentada com pedaço de abacaxi, – já tomei duas, o sabor adocicado mascara o álcool, por isso bebemos igual à água –, levo o canudo à boca, deliciando-me dela.

O céu escureceu, ainda assim, permaneço sentado sem a mínima pressa de retornar ao hotel. O lugar lotou com turistas trajando roupas leves, biquínis, shorts, além dos colares havaianos.

Aceito um quando uma moça usando biquíni cortininha e saia branca em tiras, oferece, pondo no meu pescoço. Agradeço piscando um olho, porque o drinque começa a fazer efeito, destruindo definitivamente meu bom senso.

Acompanho seus passos, bastante interessado nela, claro sem pensar nas consequências e, a esqueço escutando o toque insistente do meu telefone. Bufo, atendo num impulso.

— Quem... é? — A voz corta devido à lentidão causada pelo álcool.

— Alan? Você está bêbado? — Gargalho irônico, reconhecendo a voz de Ethan.

— E aí, mano? — Tomo um gole da bebida deliciosa. — Cara, esse é somente o terceiro drinque. — Eu soluço, indo contra minha explicação. Porra!

— Alan, volte para o hotel, Briella falou comigo mais cedo e relatou o desentendimento de vocês. Calma, amigo! Não é assim...

— Escuta aqui... — O soluço fortalece, atrapalhando. — Aquela chata deve ter distorcido a verdade.... Mas se você soubesse a verdade, me apoiaria.

Finalizo a ligação, dispensando despedidas, muito menos prolongar o diálogo, pois não levará em lugar nenhum. Briella pôs Ethan contra mim.

Termino o drinque, solicitando a quarta dose, mas dessa vez não espero, tiro alguns dólares da carteira e jogo-os sobre o balcão para ir no encalço de uma dançarina havaiana.

— Você dança particular? Quer dançar para mim? — Sorrio malicioso, imaginando-a balançando os quadris apenas para mim, numa dança nativa havaiana enquanto faz *strip-tease*.

A morena de cabelos lisos e longos sorri em resposta, insinuando aceitar a proposta.

— Claro, gato. Vou adorar mostrar como a sensualidade da dança havaiana é instigante. Venha comigo. — Satisfeito, sou guiado até um apartamento pequeno de uma rua atrás do hotel.

As vistas embaçam, e perco a coordenação, recebendo ajuda da mulher. A passos lentos, adentro o lugar, mas sequer noto detalhes devido à bebedeira.

De repente, caio sobre o estofado e meus lábios são tomados avidamente. Retribuo cada estímulo, explorando o corpo sinuoso dela, correndo as mãos por cada centímetro.

A pegação é deliciosa, meu cacete acorda, implorando entrar na brincadeira.

Extasiada, a mulher deita sobre mim, apalpando-me inteiro, aumentando minha excitação. Todavia, tem algo errado, o sabor dos lábios é outro, o cheiro inebriante que amo, mudou. Lívia vem à mente, e empurro a mulher, somente agora notando tamanho erro.

Eu sou casado, posso ainda ser bad boy, mas aceitei assumir um compromisso, amar, respeitar e cuidar dela, bem como a família linda que começamos a construir.

Livia. Giana.

— Onde estou? — Confiro o ambiente estranho, impossibilitado de me situar, pois a bebida piorou a percepção. — Preciso ir embora, porra! Eu tenho mulher, filha... tenho uma família, caralho. — Corro as mãos pelos cabelos, depois pelo rosto.

— Quem disse que teríamos algo a mais? Era somente uma transa, moleque idiota. — Ela caminha até a porta, abre-a. — Fora daqui, imbecil.

Dificultosamente, levanto firmando os pés e dando passadas lentas, obedecendo à ordem, mas acima de tudo, porque percebi em tempo a besteira que cometeria.

06



Alan

Massageio as têmporas, tentando dissipar a ressaca do caralho. Minha cabeça parece que vai explodir, tenho vontade de mergulhar num balde com gelo, invés disso, respiro fundo, tomo analgésico e relaxo deitado no sofá.

Nem sequer sei como cheguei aqui, tive o famoso apagão alcoólico.

— Melhorou, Alan? — Lívia questiona preocupada. Pelo menos está calminha comigo, bem diferente de quando exige que mudasse o biquíni causador da merda toda.

— Somente um pouco. A cabeça dói e estou enjoado. — Explico e de repente, sobressalto, bombardeado por cenas perturbadoras, eu pegando outra garota.

Isso é absurdo, jamais faria nada parecido, mas não entendo o motivo dessas visões tão reais que chego a reviver o instante.

— Ainda bem. Vou pedir um café amargo, assim você se livra de vez da bebedeira. — Ela pega o telefone, logo faz o pedido. — Eles vão mandar, amor. — Recebo carícias nos cabelos e suspiro, adorando, também sentindo tanta culpa.

Minutos depois, a campainha toca, ela atende prontamente, recebendo o café. Bebo tudinho, pausando os goles, é quando Giana berra, exigindo atenção, e Lívia sai às pressas para consolar a filha.

Sozinho, as lembranças surgem fortemente, lembro cada detalhe, inclusive a quase transa com a dançarina havaiana.

Porra, foi real!

Engulo seco, porque caso isso se torne público, estarei arruinado e dispenso problemas, ainda mais acabar o casamento.

— Acordou, princesa? — Brinco, olhando minha bebê ainda sonolenta nos braços de Livia, roçando o rostinho pelo busto dela, procurando o peito. Um momento lindo, onde os laços entre mãe e filha aumentam.

Livia senta próximo a mim, expondo o peito para amamentar.

A consciência pesa, arrependido em agir daquela forma, mas, eu não estava no meu estado normal, aconteceu devido à bebida. Entretanto, preciso desabafar, omitir seria o mesmo que neutralizar os problemas, em contrapartida, nunca saberei conviver guardando segredo, pois prometemos amar e respeitar um ao outro, porque um relacionamento só funciona sendo transparente.

— Algum problema, Alan? — Sacudo os ombros.

— Eu... — Hesitante, respiro fundo, reunindo coragem para relatar.
— Bebi muito, quero dizer... não muito, mas acho que os drinques estavam fortes, então acabei ficando bêbado.

— Tudo bem, passou. — Balanço a cabeça, negando, o pior está por vir.

— Peço perdão...

— Fica tranquilo. — Interrompe. A voz doce, compreensiva.

— Às vezes agimos sem pensar, especialmente num momento de raiva. — Baixo a cabeça, fito o tapete persa, mas sem enxergar realmente suas formas geométricas, já que estou imerso nos pensamentos. Encaro minha mulher brincando com nossa filha, depois sorri alegremente, como se nada tivesse acontecido ontem e a lua de mel estivesse às mil maravilhas.
— Acabei me descontrolando. — Ela ergue a sobrancelha em alerta. — Não sabia o que estava fazendo e... peguei outra mulher. Inferno! Quase a fodi.
— Sua expressão muda, os lindos olhos azuis nublam, exalando ódio e confusão. Entendo perfeitamente, certamente eu reuniria dentro de mim todos os sentimentos negativos do mundo.

Sorrio timidamente.

— Meu Deus! — Exclama. — Quase caí nessa brincadeirinha de mau gosto. — Levanta a bebê, dá tapinhas nas costas dela – prática rotineira a cada amamentação para ela arrotar.

Cogito aproveitar a oportunidade e desmentir, acontece que seria covardia de minha parte.

— No bar teve apresentação de danças havaianas e quando terminou conversei com uma delas...

— Então é verdade? — Assinto comovido, vendo seus olhos marejados, coitada, eu destruí nossa lua de mel.

— Ela não significou nada para mim. — Adianto-me, visando causar menos dor, mas acabo piorando tudo.

— Seu... doente. Obrigada pela lua de mel maravilhosa. — Levanta carregando a bebê. — Conseguiu destruir o passeio. — Recua lentamente. — Ou melhor, destruiu nosso casamento.

— Não! — Exclamo automaticamente. — Conteí porque quero ter um relacionamento transparente.

— Enlouqueceu? Quem falou que aceitarei dividir meu marido? Acabou Alan Coleman. — Balanço a cabeça, negando. — O casamento chegou ao fim.

Sobressalto, logo aproximo-me dela, ajoelhado, implorando perdão, sem saber se eu a perdoaria caso fosse ao contrário.

— Foi culpa da bebida. — Justifico. Ela recua depressa, ficando a uma distância considerável de mim.

— Não venha com essa, imbecil. Mas quer saber? Pagarei na mesma moeda, porque os direitos são iguais. — Sinto a ameaça iminente e temo. O problema é que agora é tarde para arrependimentos, muito menos voltar atrás. — Mudarei minha reserva, retornarei a Chicago o quanto antes. — Comunica, indo até a cama onde deita a menina adormecida.

Lívia arruma suas coisas, contata a companhia aérea, pedindo a mudança de voo que não demora muito.



Elas foram embora. Lívia antecipou sua passagem sem avisar sequer o horário e dia do voo, deixando-me aqui sozinho.

A culpa foi toda minha, só resta arcar as consequências.

Ainda faltam alguns dias para a viagem terminar e dada as circunstâncias, também adiantei minha volta, embarco mais tarde.

Avisei a mamãe, porém recebi belo sermão. A mulher berrou ao telefone, chamando-me de todos os palavrões possíveis, foi quando bateu aquele arrependimento, mas caso não o fizesse, soltar a bomba pessoalmente seria pior. Contudo, tirei papai dessa, pois tenho esperanças de reconquistar Livia logo, sendo assim, preservaremos o incidente.

Falando nisso, preciso lidar com o Henry Vlasak, o velho avisou diversas vezes, infelizmente pisei na bola.

— Você enlouqueceu, Alan! — Mamãe berrou, afetando meus tímpanos. — Caso Livia anule o casamento e peça a guarda de Giana, irei deserdá-lo. — Dinheiro não é tudo, posso trabalhar, não ganharia tanto, ao menos momentaneamente, mas viveria conforme as condições permitisse, no entanto, tenho família, preciso sustentá-la.

— Eu nunca quis trair minha mulher. Perdi o controle devido o álcool. — Retribuí o berro, mamãe virou uma fera.

— Cuidado como fala comigo, moleque! — Engoli seco, e sacudi os ombros, pouco me importando, porque o problema mesmo seria convencer Livia a esquecer meu deslize.

Finalizei a chamada, antes que as ameaças piorassem. Contatei Ethan, visando buscar conforto, ele também foi hostil, claro que tinha dedo de Briella. A garota deve ter me detonado e como ele está caidinho por ela, escuta seus conselhos idiotas.

Ando pela suíte recordando nossa empolgação ao desembarcarmos aqui. Ela estava toda animada, mencionando o roteiro que faríamos durante a estadia pela belíssima ilha. Até cogitei aprender a surfar, mesmo que nunca o tenha almejado, pois, amo, na verdade é estar sobre duas rodas, sentindo o vento chicotear meu rosto.

Eu também não estava diferente, animado pra caralho para aproveitar cada atração local.

Acabou.

Arrumo a mala enjoado com meus atos, mas, porra, sóbrio jamais cometeria tal erro.

07



Lívia

Estou em pedaços, ainda custo acreditar nas palavras nojentas de Alan. Além de o safado me trair, ainda relatou. Aposto que se arrependeu do casamento e quis anular, por isso, aprontou tudo aquilo, então não tive outra alternativa senão adiantar a reserva aérea e voltar com minha filha. Coitadinha, é mais uma na estatística de crianças que têm pai canalha.

As lágrimas caem, desfazendo as malas. Graças a Deus Giana dorme serena, alheia aos acontecimentos, assim é melhor.

Não contei aos meus pais, porque preciso reunir coragem, também encontrar as palavras certas e convencer papai a não sujar as mãos de sangue, matando Alan, pois nunca o suportou.

— Cafajeste! — Briella rosna. — Caso queira posso cortar o pau dele e faço-o comer. — Sugere diabólica, até gosto da ideia, dessa forma o filho da puta aprende a ser gente e respeitar a família.

— Calma, Bri! — Suspiro desanimada. — Não vale a pena. Certo que minha vida acabou de repente, quando julguei ter encontrado a felicidade, apesar das mudanças drásticas que aconteceram. — Recordo o dia que perdi a virgindade, engravidando e quase surtei. A gravidez inesperada do garoto mais cobiçado da universidade, um bad boy, pegador nato. Cabisbaixa, deixo as lágrimas caírem. — Ai meu Deus! Não acredito que fui traída. Ah! — Grito enfurecida, depois esconde o rosto chorando horrores.

— Amiga, não vale a pena. Quer saber? Vamos estudar, fazer o trabalho que a professora passou. Vou convidar Mateo para nos dar uma forcinha, o garoto é super inteligente.

Puxo pela memória quem é o tal rapaz, entretanto, nem lembro já que sempre só reparei em Alan.

A ideia não é ruim, pelo menos esqueço tudo.

— Então marca aqui mesmo. Sabe, estou sem ânimo para me arrumar e sair de casa. — Continuarei morando aqui, Alan quem mudará de endereço, pelo menos momentaneamente, porque dispenso voltar a morar com meus pais, pois quando alcançamos a maturidade e independência, regredir é castigo.

Assim que ele voltar do Havaí vai arrumar tudo dele e sair daqui.

— Perfeito! — Ela tira o celular do bolso, contatando o tal cara, imediatamente. — Oi! Mateo? Estou na casa da Lívia e pensei que poderíamos fazer o trabalho agora. Você está disponível? Pode vir para cá? — Briella mostra o polegar, fazendo sinal de positivo. — Ok. Mandarei o endereço via mensagem.

— Ah, sei lá, amiga. Receber um cara assim, sem... — Bufo, não queria dizer o nome dele. — Os vizinhos podem achar que... meu Deus! Que tenho um caso! — Arregalo os olhos.

— Nada, menina! Besteira! E caso tivesse? Ninguém poderia recriminar, porque cada um vive como quiser. — Dá de ombros. Assinto.

Termino a arrumação no closet, me arrumo, vestindo calça jeans de lavagem clara e camiseta básica preta. Arrumo os fios desgrehados, fazendo um rabo de cavalo, por último ponho uma maquiagem sutil, apenas para eliminar os indícios dos dias tristes que enfrentei, quase afogando-me em lágrimas.

Briella vai até a cozinha passar um café.

A campainha toca, então deixo minha amiga fazer as honras já que convidou Mateo.

De repente, ele entra a cumprimentando com dois beijos no rosto, um em cada lado da bochecha.

— Oi! Como vai? — Dessa vez o cumprimento se dirige a mim, seu braço está estendido, a mão grande e dedos alongados estão prontos a cumprimentar.

Sorrio, investigando-o inteiro, desde o estilo formal, ao usar camisa de mangas compridas bem passada e calça social preta, até os traços e características físicas como: porte atlético, cor dos cabelos, formato do rosto.

Mateo é jovem, deve ter uns 22 anos, mas o ar comportado o faz parecer mais velho.

Ele é alto, moreno – tanto a pele quanto os cabelos –, simpático, pois sorri abertamente, muito bonito.

— Seja bem-vindo, Mateo. — Aperto a mão dele. — Fique à vontade. — Mostro os assentos, convidando a sentar na sala de estar.

— Você não é a esposa de Alan? — Arqueia uma sobrancelha. — O cara mais popular da universidade. — Estreita os olhos. — Quem diria que, com tanta "popularidade" — Enfatiza simulando aspas com os dedos. — Fosse se apaixonar.

— Não se apaixonou. — Murmuro cabisbaixa e Mateo aceita sentar. — Quero dizer, a paixão foi pela gravidez inesperada. Ele levou um susto ao saber e até rejeitou, mas após o resultado do DNA, passou a gostar da ideia, por isso, participou de curso para pais de primeira viagem e talvez nessa empolgação quis casar comigo. — Suspiro tensa, somente agora tendo convicção da realidade, porque aconteceu exatamente isso. Alan nunca me amou, nem vai amar, e eu não quero segurar homem por ter um bebê. — Bom, a história é longa, é melhor irmos ao que interessa. — Finjo empolgação, quando internamente estou dilacerada.

Parecemos amigos num desabafo, nem queria comentar sobre o assunto, mas aconteceu espontaneamente, porque Mateo me passou confiança e como desabafar é o melhor remédio, apenas o fiz.

— Sério? No campus só fala em como o bad boy mudou por uma mulher. Eu o conheço pouco, dessa forma não poderei opinar nessa história, porém, nunca sequer trocamos duas palavras, somente o vejo pela universidade...

— Cercado de mulheres. — Interrompo, ele franze a testa.

— Não mais, desde que a história da gravidez se espalhou.

— Gente, chega desse assunto! — Briella intervém. — Vamos iniciar o trabalho. Antes vamos tomar um café fresquinho que preparei agora.

Enquanto ela pega a bebida na cozinha, continuo a conversar com o rapaz. Sento próximo dele, tentada a descobrir sobre possíveis traições de Alan, porque quando acontece, as pessoas comentam e a traída é a última a saber, às vezes nunca saberá.

Claro, já tomei minha decisão, irei anular o casamento, eu até poderia deixar papai resolvendo tudo, mas prefiro manter sigilo da traição na lua de mel, assim evitar problemas maiores, pois papai mataria Alan e acabaria com sua carreira brilhante.

— Você escutou outros comentários sobre Alan? — Pigarreio, odiando a insistência. — Tipo, traições. — Ele gargalha.

— Olha, a única coisa que escuto até hoje são as indignações das garotas pelo bad boy ter escolhido você. Segundo elas, Alan as desprezou.

— Tem certeza? — Questiono perplexa, imaginando o motivo da traição na nossa lua de mel. Será que Alan estava enjoado das garotas do campus? Porque, provavelmente, pegou todas. Ou será que se encantou com a havaiana mesmo? Amor à primeira vista?

— Tenho sim.

Reflito, minha cabeça dando voltas sem chegar à conclusão alguma, quando paro de divagar, vendo a porta abrir.

— Alan! — Levanto no ímpeto. — O que faz aqui? — Questiono.

Seus olhos percorrem a sala, parando em Mateo, depois intercala o olhar entre nós dois. O rosto másculo torna-se duro, os globos verdes nublam, demonstrando pura ira.

— Lei do retorno? — Alan rosna. — Está me traindo com esse cara? — Encaro Mateo que arregala os olhos e levanta imediatamente.

— Não, cara! Calma! Só vim porque faremos um trabalho da faculdade juntos. — Sem dar ouvidos a explicação de Mateo, Alan parte para cima dele, segurando-o pelo colarinho. — Largue-me! Enlouqueceu?

— Por que está aqui sozinho com a minha mulher, imbecil? — Alan aperta a camisa do homem o sufocando. Mateo tosse, buscando ar, e eu fico próximo deles na tentativa de afastá-los.

— Chega, Alan! Solte-o! Ele é apenas um colega de faculdade. Além disso, você não tem o direito de cobrar nada. — Fungo, as lágrimas descendo pelas bochechas. — Foi você quem traiu na nossa lua de mel, lembra? — Imediatamente ele solta Mateo – que senta tossindo – para enxugar minhas lágrimas enquanto acaricia meu rosto. Momentaneamente

aprovo seu toque suave, a mão áspera resvalando na pele, provocando; despertando um ardor que somente ele é capaz, e fecho os olhos, adorando cada gesto, mas esse mesmo toque traz recordações perturbadoras: ele beijou outra mulher.

Recuo depressa antes que ceda às falsas carícias.

— Acabou, Alan. — Respiro fundo, sentindo o coração sangrar. — Vai embora! — Nós nos encaramos, embora eu esteja chorando, mantenho a firmeza da decisão.

— Ainda não acabou, Livia. Eu errei e admiti meu erro, só não permitirei que isso atrapalhe nosso casamento. Então, comporte-se, jamais receba homens no meu apartamento, muito menos próximo a Giana. — Engulo seco, sem argumentos, nem forças para um embate. Por sorte Briella retorna e vira uma fera ao ver Alan:

— Cafajeste covarde! Eu sabia que você nunca mudaria e faria minha amiga sofrer. — Ela põe a bandeja com três xícaras de café sobre a mesinha de centro e avança em direção à Alan já com o braço erguido, pronta a desferir um belo tapa na cara cínica dele, mas ele a contém.

— Sempre a detestei, Briella, agora ainda mais por botar Ethan contra mim e se meter no meu casamento. — Rosna. — O que meu amigo viu em você, garota atrevida do caralho?

Eles se confrontam através do olhar. Ela está pronta a voar no pescoço dele. Ele está esperando o ataque, porque sabe que minha amiga não é apenas de palavras, mas sim de ações.

Deus, Briella é louca para enfrentá-lo assim.

— A recíproca é verdadeira. — Retruca. — Eu nunca o suportei, apenas fingia por Livia, a coitada entrou numa fria ao cruzar seu caminho, desgraçado. Agora, já que fez merda, deixe-a em paz!

Alan recua, gargalhando irônico.

— Não devo explicações a você, nem obediência. Entretanto, somente por alguns dias, irei embora, e esse imbecil vai sair daqui neste exato minuto ou eu parto a cara dele em milhares de pedaços.

Mateo arregala os olhos, notamos que mesmo sendo dotado de músculos, detesta violência. O coitado balança a cabeça concordando, pega o material que trouxe, e caminha apressado, seguindo até a porta onde acena brevemente para nós duas, depois vai embora.

— Grosso! Precisava tratar Mateo dessa maneira? Agora é sua vez de sair daqui. — Aponto para a porta, depois caminho até ela. — Sai! — Exijo enfurecida.

— Eu vou, porém voltarei, esse apartamento é meu, também porque minha filha está aqui e não vivo sem ela. Voltarei por você, Livia, porque te amo com todas as forças do universo.

Bela maneira de amar, traindo. A falsa declaração fere a minha alma.

08



Alan

— Irresponsável! Que tipo de pai você é? — Mamãe empina o nariz, recriminando meu deslize. — O tipo que faz o filho e não sabe dar amor, educação, muito menos exemplo. Pai não é somente oferecer conforto, Alan. Meu Deus! Com que cara vou encarar o juiz Henry Vlasak? — Ela esconde o rosto usando as mãos e chora. Avanço em sua direção, visando consolá-la, mas desisto quando volta a me olhar, destilando puro ódio.

— Calma mãe! — Suspiro, fingindo calma. Ponho as mãos no bolso da jaqueta de couro preta, envergonhado em beber a ponto de ficar bêbado e agir igual a um cafajeste.

— Você tem coragem de pedir calma? — Ela senta no sofá confortável da sua sala de estar, abanando o rosto como se tivesse passando mal. — Já tenho problemas demais com o trabalho. Fiz um investimento errado e perdi muito dinheiro, só restam as lamentações, agora essa merda? Quando julguei que você estaria entrando nos eixos, me engano mais. Pelo visto, nunca passará de um garoto rebelde. — Suspira. — O que eu fiz para merecer tantos transtornos?

— Porra, mãe! — Exclamo. — Eu errei, mas não precisa me condenar, porque assumo o erro e quero reparar, afinal, nem estava em sã consciência quando quase comi a mulher. — Tento recordar daquele momento e quase vomito. Merda, por que bebi?

— Olha a boca, moleque! Respeito é bom e gosto muito. — Ela me fuzila com o olhar. — Resolve essa bagunça, porque caso seu pai fique sabendo que você traiu sua esposa em plena lua de mel...

— Espera um momento! — Ergo a mão, apesar de ser parcialmente verdade, quero esquecer, me arrependo. — Já expliquei como aconteceu, então, basicamente não traí. Eu fui traído pelo álcool. E por favor, deixa o velho fora dessa, prometo consertar tudo. Logo estarei em casa novamente ao lado da minha família. — O semblante dela se torna mais leve, parece estar aliviada e acreditar nas minhas palavras. Deve! Pois, sou intenso em tudo, consequentemente todos notam quando falo sério ou minto — ultimamente exterminei a palavra mentira do meu vocabulário, ao saber que seria pai, quis mudar realmente para ser exemplo para a bebê.

Parece que deu errado, invés disso, mostrei que sou um belo cafajeste.

Voltei a morar com mamãe, embora já tivesse acostumado a ter meu canto, andar pelo apartamento pelado, ou somente usando cueca, dormir mais tarde, acordar meio-dia nos finais de semana, — quando Livia estava grávida, porque após o parto, o sono virou escassez —, e não ter que escutar sermões para arrumar meu quarto, ou porque deveria abaixar o rock pauleira.

Enfim, mudei a rotina, agora retornar aos velhos hábitos é estranho. Sinto um vazio no peito como se meu coração estivesse sido esmagado.

Dormi apenas uma noite no antigo quarto, mas foi suficiente para me deixar moído, rolei na cama a madrugada, refletindo os acontecimentos. A porra do colchão parecia ter espinhos.

— Acho bom mesmo! — Adverte. — Seu pai ficará uma fera e nem sei o que fará contigo. — Desdenha. — Também não quero saber, Alan. Por mim, ele pode até te dar uma surra, aquela que não demos quando você era criança. — Sorri divertida, eu engulo seco. — Talvez esse tipo de correção ainda funcione contigo. — Arregalo os olhos.

Quando criança recebia mais castigos do que surra, acho que nunca levei uma de verdade. Geralmente eram leves palmadas na bunda, eu sequer chorava.

— A conversa está boa, mas preciso estudar. — Minto, conversa chata do cacete. — Vou tomar banho e correr para a universidade, depois trabalhar. Um dos advogados da empresa está de férias, então acumulou

trabalho e preciso ajudar. — Começo a me afastar dela, indo em direção às escadas, onde subo apressado.

— Que Deus ponha juízo nessa sua cabecinha, meu filho.

— Beijos mamãe. — Mando beijos para ela no último degrau.

Tomo banho, visto calças jeans, camiseta branca e a jaqueta preta de couro, — calma! Tenho várias parecidas, alguns modelos diferentes, porém a maioria são iguais, por isso, todo dia troco —, e tênis preto. Penteio os cabelos, deixando-os despojados, aderindo ao corte desconectado do topo. Claro que o estilo não se adequa a minha profissão, sendo assim, pego o terno empacotado, levando comigo, pois, quando finalizar as aulas, vou correndo para a empresa. Lá, tomo outro banho e troco a roupa.

— Estou indo, mãe! — Aviso num grito sem esperar resposta, também ela deve estar se arrumando para enfrentar o dia árduo na sua empresa.

Minha harley voa sobre a pista, aproveito o momento, sentindo cortar o vento. A velocidade alivia a ansiedade em reconquistar Livia, acalmando o desespero.

A movimentação intensa do trânsito não me inibe, e tráfego em alta velocidade, ultrapassando os transportes. Este é o grande lance de trafegar num desses, nunca tem trânsito, embora as vias estejam paralisadas.

Como eu amo a velocidade.

Minutos depois, estaciono no campus, cumprimento um grupo de alunos como algumas de minhas ex-fodas. Elas suspiram ao me ver, abrindo largo sorriso, e aposto, caso eu as convidasse para um encontro mais tarde, aceitariam. Acontece que mudei verdadeiramente, agora sou Alan Coleman, pai de família.

Mais à frente avisto Ethan, então caminho em sua direção.

— E aí, mano? — Cumprimento erguendo a mão direita, ele toca nela. — Como vai irmão? — Ganho um abraço rápido.

— Tudo ótimo, irmão. — Suspira, e entendo o motivo: a maluca da Briella. — Já você... nem vou perguntar porque sei como você deve estar se sentindo depois do seu comportamento digno de cafajeste. — Sua expressão muda, tornando-se dura.

— Ah... qual é, cara? — Caminhamos em direção às salas de aula. — Livia me tirou do sério usando um maldito biquíni minúsculo, os caras

estavam dissecando-a na minha presença, porra! Não tem quem goste de uma merda dessa. — Bufo.

— Então você a traiu? — Cruza os braços sobre o peito. — Que papelão, Alan!

— Não traí exatamente, caralho. inferno! Agora todos vocês vão me condenar? — Rosno, contendo Ethan que me encara desafiador. — Bebi e perdi o controle. A culpa é da bebida. Quer saber? Se arrependimento matasse, eu já estaria morto. — Ajeito o terno bem embalado que está nas minhas costas, o seguro com dois dedos, sobre o ombro direito.

— Fala sério! Vai botar a culpa na bebida? Assim é fácil! Quero ver você agir igual a homem e enfrentar os problemas sóbrio. Não bebe mais caralho! — Rosna a centímetros de mim.

Os alunos param a nossa volta, formando grande círculo, deduzindo ser um confronto nosso, mas Ethan nunca faria algo parecido, pois não é do seu feitio.

— Algum problema? — Ele pergunta ao grupo. — Apenas estamos conversando. Deem um fora daqui, é assunto particular. — As pessoas se dispersam rapidamente. Deixo os ombros caírem, triste, sem saber como reconquistar Lívía.

— Ajude-me Ethan. Como recupero a confiança dela? Cara, sinto tantas saudades daquelas duas. Sequer dormi essa madrugada, rolei na cama a noite inteira pensando nas minhas meninas.

— O jeito é dar tempo ao tempo, agir coerentemente e andar na linha, Alan. Não vai ser fácil, mas você pode conseguir o amor de Lívía novamente. Lute por ela, irmão.

Reflico sobre as palavras, o desejo de reconquistá-la desde o incidente.

Eu conseguirei, tenho certeza. Convicto, continuo caminhando para o prédio, as aulas irão iniciar daqui a alguns minutos e embora sejam chatas demais, sigo firme nos estudos, disposto a me formar o mais rápido possível para exercer a profissão e ganhar à altura, assim poder oferecer a minha família uma vida confortável com meu próprio esforço. Detesto depender da fortuna dos meus pais, ainda recebo advertência. Eles querem que eu construa carreira, nome e fortuna igual a eles.

Por azar, aliás, azar do caralho! Esbarramos na louca, Briella, que suspira, abraçando Ethan.

— Oi, gato! Senti saudades. — Sua voz enjoada paira no ar. Ela beija os lábios dele apaixonadamente, até admito que mesmo eu desaprovando esse relacionamento informal, formam um belo casal. Os dois não dão a mínima por estarem em público se pegando, então pigarreio, interrompendo o momento meloso. Eca! Odeio testemunhar pegação alheia, ainda mais a do novo casal da universidade: Ethan e Briella. — Você? — Briella limpa os lábios, olhando-me hostil. — Canalha, maldito! Eu vou cortar o seu pau e alimentar os cachorros abandonados. — Perde o controle, avançando em minha direção, mas meu amigo a segura.

— Ei, gata! Calma! Segura a onda, linda. Já conversei com Alan. — Aceno, agradecendo a defesa.

— Eu te avisei que se fizesse minha amiga sofrer seu... seu bad boy desgraçado. — Xinga exalando pura ira. Você sofreria as consequências.

Novamente viro o centro das atenções dos alunos, muitos param para apreciar o belo sermão que recebo.

Temendo ser agredido deixo o casal, Ethan amansando a fera. Desvio o percurso, decidido vistoriar a sala de Livia disfarçadamente. Quero vê-la ao menos de longe. Finalizando o percurso, engulo seco vendo o aproveitador do outro dia, o que estava no meu apartamento, — segundo minha mulher, foi fazer trabalho. Reúno toda raiva, inflando o peito para tirar satisfações. Onde já se viu uma mulher casada dar tanta atenção a esses aproveitadores baratos, pois farejo de longe o tipinho ridículo.

Atordado, invado a sala que está sem professor, indo encontrar os dois.

— Então é isso? Pagando na mesma moeda? Não sabia que você seria capaz de trair. — Livia arregala os olhos, certamente tensa por pegá-la no flagra. — E você, destruidor de casamentos, cai fora ou quebro sua cara. — Sorrio divertido. — Se bem que talvez você ficasse melhor com as fuças danificada. — Gargalho irônico e os alunos nos olham eufóricos, pedindo um embate, então isso atiza meu desejo. — Fica longe dela, porra! — Trinco os dentes.

— Enlouqueceu, Alan! Estamos apenas dividindo as partes do trabalho. — Livia justifica. — Aliás, não tenho satisfações a lhe dar. — Bufa. — Sai daqui!

Cogito voar no pescoço dele e ignorar a ordem dela, mas muita coisa está em jogo, e agora, sóbrio, posso pensar, assim evitar outra merda.

É melhor eu acatar a ordem, sair daqui e refletir como afastá-los, do que perdê-la, definitivamente.

Esse imbecil não perde por esperar.

09



Lívia

— Você me deve explicações! — Alan rosna, as narinas dilatadas, olhos sombrios, exalando pura ira.

Não sei o porquê desse escândalo todo, se foi ele quem começou quando me traiu no Havaí, na nossa lua de mel. Cafajeste!

Então, basicamente anulamos o casamento, claro, somente ele saiu de casa, ainda falta contatar o advogado para eu voltar assinar o nome de solteira, porém, sinceramente, falta coragem, porque temo relatar o acontecimento aos meus pais.

As pessoas nos olham, notando a exaltação do meu ex-marido, causando-me bastante desconforto. Quanta vergonha!

— Vai embora, Alan, caso contrário chamo os seguranças. — Ameaço.

Vê-lo é uma tortura, embora a mente saiba que devo ficar longe dele, meu corpo exige nossa aproximação. Cada célula grita, implorando seu toque.

Minha cabeça está uma bagunça, voltar à rotina após enfrentar aquele problema é difícil e não fosse Giana, repensaria minha vida. Entretanto, preciso garantir o futuro dela, aproveitando as oportunidades, assim conquistar o título de psicóloga daqui a 4 anos.

Cogitei pausar os estudos ao menos até esmagar esses sentimentos que nutro por ele, já que tento alimentar o coração de ódio – é em vão, pois

o traidor suspira por Alan Coleman –, mas estudar é também uma forma de distração, ocupando a mente com coisas úteis.

Porra, como esquecê-lo se temos uma filha e o amo demais?

— Eu vou, só saiba que não ficará assim. Se esse canalha não a deixar em paz, arcará com as consequências. — A voz dura, prova a veracidade das palavras, acredito nele.

— Canalha é você! — Mateo retruca, tão furioso quanto Alan. Eles avançam, aproximando-se depressa, até parece que vão se enfrentar. — O único traidor e infiel filho da puta é Alan Coleman. — Sorri sarcástico e sinto o sangue gelar. — A universidade inteira só fala na sua traição.

O acontecimento espalhou rápido, mas desconheço quem, de fato, fofocou, também pouco importa, pois é feio para quem traiu e não para a traída – eu –, talvez agora, com a pressão das pessoas falando nas costas dele, ele bota juízo nessa cabeça oca.

— Foda-se! — Alan mostra o dedo do meio a Mateo que retruca mostrando dois.

— Idiota! — Mateo acena, vendo o bad boy recuando a passos lentos e cautelosos, nos encarando, até sumir ao atravessar a porta. — Tudo bem, Livia? — Ele segura meus ombros. Assinto.

— Está sim. Não se preocupe. — Suspiro analisando a sala de aula, completamente envergonhada com a cena patética agora há pouco, mas, por sorte, meus colegas estão entretidos conversando paralelamente e se é sobre mim não sei, porém, como não dar para entender devido às vozes misturadas, relaxo.

— Desculpe-me em me meter entre vocês. — Nego de cabeça.

— Eu quem peço desculpas. Espero que o comportamento do meu ex-marido não afete nossa parceria no trabalho.

— Imagina! Acontece nas melhores famílias. — Brinca e gargalho, transformando o clima tenso em divertido.

Briella retorna à sala e finalizamos os últimos detalhes com Mateo a respeito do trabalho, cuja entrega acontecerá na próxima semana.

Eu sequer conhecia o garoto, – embora estudamos juntos –, porém, gostei bastante dele. Conversando, sinto que nascerá uma bela amizade, porque temos muito em comum, inclusive a personalidade. Mateo é educado, lindo e odeia injustiça, – notei ao confrontar Alan quando cobrou ciúmes agora há pouco.

— Então é isso... — Briella diz. — Amanhã nos reuniremos na casa de Livia.

— Justo lá? — Mateo questiona confuso. — Não pode ser na minha casa ou na sua? — Aponta para Briella quase suplicando e sorrimos.

É engraçado testemunhar uma cena tão fofa de um homem viril. Hoje, estão praticamente extintos caras legais, e quando nos deparamos com alguém assim, causa estranheza, ou talvez, eu esteja acostumada com o tipinho daquele bad boy safado.

— É melhor na casa dela mesmo por causa da bebê. Será mais cômodo. — Bri explica. — Fica tranquilo em relação ao Alan, porque eu seguro a fera caso ele apareça. — Ela empina o nariz mantendo o ar de superioridade que conhecemos.

— Ok, meninas! — Ergue as mãos mostrando rendição. — Vocês venceram. O trabalho será na casa de Livia, por isso prefiro me preparar psicologicamente no caso daquele bad boy aparecer.

— Ele não vai. — Digo convicta.

O professor chega e procuramos nossos assentos. As horas vão passando, a aula de língua inglesa acaba, iniciando outra, logo após o horário fica vago, então Mateo aproxima-se para tirar uma dúvida sobre o trabalho. Briella saiu à procura de Ethan, pois estão se pegando a cada oportunidade, e claro, que ela não ia dispensar nenhuma.

Solitária, as lembranças vêm a todo vapor, acabando comigo, mas Mateo nota minha tristeza.

— Por que você está triste? — Respiro fundo formulando a explicação perfeita, porém, antes disso, ele complementa: — Alan? — Escutar o nome dele traz um misto de sensações, chego a suspirar, recordando dos nossos momentos íntimos, toda sua intensidade na cama, as palavras obscenas que pronunciava em meu ouvido quando fazíamos amor.

— Sim, eu o amo mesmo desejando esquecê-lo. Também será impossível já que temos uma filha.

— Hum... quer desabafar? — Franzo a testa duvidosa, no entanto, um desabafo faz milagres, como Briella está, na maioria das vezes ocupada, dando atenção ao namorado ou ficante, seja lá o que for, passo mais tempo sozinha na universidade do que esperei, então sinto a necessidade de dialogar e expulsar essas sensações.

— Posso confiar em você? — Sorrio sutilmente, ele retribui com um sorriso enorme.

— Sempre! — Seu olhar fixa ao meu, vejo veracidade nele.

Mostro-lhe a cadeira ao lado, pedindo que se acomode e prontamente Mateo obedece, pronto a ser ouvinte.

A sala vai esvaziando, dando-nos privacidade, pois agora restam somente três alunos no fundo, conversando alto, gargalhando, inclusive, em muitos instantes suas vozes abafam as nossas.

Ótimo! Assim posso relatar parte da minha vida sem temer a curiosidade alheia.

— Estou perdida, Mateo. As coisas eram simples quando eu não o conhecia. — Refiro-me a Alan. — Meu envolvimento com o garoto muito cobiçado mudou minha vida, engravidei e tive que amadurecer em todos os quesitos, especialmente após a chegada da bebê.

— É difícil. Entendo perfeitamente, ainda mais quando o cara é desmiolado. — Sinto as bochechas rubras, ele tem razão, somente eu não notei a falta de juízo dele. — Desculpa. Nunca tive intenção de rebaixar seu marido, muito menos você. — Balanço a cabeça negando.

— Não precisa pedir desculpa, concordo com cada palavra. Alan é louco, ou irresponsável, só assim para fazer aquela nojeira na nossa lua de mel, algo que planejamos durante meses, junto ao casamento. Mas o pior nisso é saber que o canalha sempre terá um vínculo comigo, pois Giana nos une. — Reprimo as lágrimas ameaçando escapar, embora ultimamente eu esteja super emotiva, dispenso demonstrar fraqueza na presença de estranhos.

Contudo, o desabafo com Mateo ajuda, pois julgo ser amigo antigo, alguém que posso contar e confiar, e o diálogo torna-se bastante proveitoso, inclusive, as horas passam sem eu sequer perceber.

Ainda bem, porque do jeito que estou, não tem nada melhor que esse tipo de distração, já que Briella, minha melhor amiga, agora passou a priorizar Ethan.

Não tiro a razão dela, o garoto lindo, educado, — possuindo diversas qualidades as quais Alan jamais conseguirá — a conquistou. Torço pela felicidade deles, quem sabe ela tenha encontrado o seu amor verdadeiro e possa viver intensamente cada segundo ao lado dele.

Somente no último horário aparece a professora, cuja instrui sobre o trabalho que faremos de grupo lá em casa amanhã. Aproveitamos para tirar dúvidas.

— Vocês têm até a próxima semana para realizar o trabalho, então sugiro começar o quanto antes tendo em vista a complexidade dele. — A professora avisa certa que a maioria fará algo superficial e tirará nota baixa.

Geralmente Briella e eu, fazemos trabalhos juntas, seja dupla ou grupo. Como somos interessadas nos dedicamos, conseqüentemente sempre tiramos notas altas. Dessa vez não será diferente!

O resto do dia segue normalmente, quando chego em casa dispenso a babá – uma moça que mamãe contratou sob indicações, mesmo Alan protestando porque não queria deixar nossa filha com desconhecida. Entendo o receio dele, também tenho, mas, devido à faculdade, essa foi a única alternativa que encontramos. A moça cuida da bebê apenas durante o período matutino, pois, realmente, eu não posso perder o embalo dos estudos pelo fato da maternidade ter me surpreendido.

Em casa, exerço basicamente, o papel de mãe, estudando nas horas vagas entre os soninhos de Giana.

Quando aquele covarde morava conosco, ajudava-me bastante e revezávamos nos cuidados, inclusive durante as madrugadas, onde cada um podia dormir pelo menos 2h seguida. Bom, agora sozinha tudo mudou, o peso da responsabilidade caiu sobre minhas costas, levando-me a extrema exaustão. Todo dia acordo forçada, pois não disponho do descanso necessário à noite, especialmente sem a ajuda de Alan.

Tudo bem, é fase, logo passará.

No dia seguinte vou à universidade, agindo costumeira e no início da tarde, recebo Briella e Mateo, então a babá faz hora extra para eu poder me organizar.

Kimberly e mamãe ajudam muito, também dispenso escravizá-las, tendo em vista que elas não têm obrigação alguma com minha filha.

Sim, sou consciente.

— Fiquem à vontade. Trouxe suco de laranja para começarmos a trabalhar. — Ponho a bandeja com a jarra e copos sobre a mesinha de centro, e ajoelho-me para servi-los. Encho três copos, entregando a cada visita.

— Suco de laranja é o meu preferido. — Mateo ergue o copo como se tivesse brindando. — Está delicioso. Obrigado! — Seus olhos fixam nos meus, me aprisionando por alguns segundos, mas quebro o contato visual, notando certo interesse nele.

— Ah, Mateo, também não precisa exagerar. São laranjas naturais, logo, foram espremidas sem adicionar mais nada. Qualquer pessoa faz! — Explico. Briella dá de ombros e pigarreja, entendendo o elogio.

— Realmente, minha amiga faz tudo perfeito. — Põe lenha na fogueira, alimentando o interesse do homem.

Só que não vai rolar, primeiro, porque acabei de sair de um relacionamento traidor, segundo que amo aquele covarde ainda e jamais conseguirei me envolver com outro pessoa nutrindo esse sentimento.

— Obrigada, mas acho melhor concluirmos o trabalho antes que minha menina exija a mamãe aqui.

— Ela é tão linda... — Mateo suspira. — Igual à mãe. — Agradeço timidamente, muito incomodada com elogios que falam por si só dentro da minha própria casa.

— Ok. Vamos adiantar. — Briella sugere sacando o clima comprometedor.

Imersos ao tema, pesquisamos pela internet, buscando maiores informações para entendermos o comportamento dos adolescentes e argumentar na apresentação. Quando estou lendo um texto super interessante, a campainha toca, até sobressalto, porque não esperava mais visitas.

— Bri, vamos pausar somente uns minutos? — Ela assente exausta quanto eu. — Leva Mateo até a cozinha e lhe sirva alguma guloseima. — Peço, assim atenta a porta. — Fiquem à vontade.

Eles levantam prontamente, então sigo em direção à porta, abro, e inerte, encaro a visita inesperada.

10



Alan

A solidão me afeta, nos lençóis está parte dela entrelaçada às fibras. Eu a sinto a todo momento onde quer que eu durma, porque a "garota do golpe da barriga" mora no meu coração.

Solto longo suspiro, fecho os olhos, obrigando-me a materializá-la, mas infelizmente não sou mágico, bruxo nem Deus; por isso, é impossível. Então tento aprender a lidar com sentimentos dolorosos, esperando ansiosamente mudanças positivas.

Volta Livia.

Abraço o travesseiro, imaginando-a. A felicidade estava comigo e não valorizei.

Rolei na cama a noite toda, refletindo a porra da minha vida e comecei a pirar em meu antigo quarto, sentindo saudades do calor que me aquecia inteiro, o cheiro dos cabelos sedosos, tão brilhantes quanto o sol, a pele macia, exalando um perfume delicioso. Porra, quanta saudades do chorinho de Giana, inclusive quando atrapalhava as fodas. Tudo isso causou total alvoroço dentro de mim e perdi o sono.

Atordoado, levantei, caminhei até a cozinha, onde bebi água bem gelada, depois fui até a varanda fumar um pouco, aproveitando que mamãe estava dormindo, pois ela detesta fumaça de cigarro. Fumei tanto – coisa que não fazia há dias –, acabei com uma carteira inteira de cigarros, compensando tanto tempo sem consumi-los, mas isso não abrandou minha

frustração, pelo contrário, aquela merda aumentou a ansiedade em estar junto delas outra vez.

Inferno do caralho! É castigo, eu sei! Realmente, mereci. Agi igual um moleque, pondo algo precioso a perder, agora provo dos sentimentos mais dolorosos e não encontrei nenhuma solução ainda. Pelo visto será difícil reverter a situação, pois já tentei diversas vezes me aproximar, como consequência fui recebido com hostilidade. Entretanto, sou persistente demais, nem fodendo irei desistir da minha família.

Eu a amo tanto.

O novo dia surgiu, corri para o banheiro e me masturbei pensando nela: Livia.

Fechei os olhos e a cada batida sentia sua mão explorar meu corpo, inclusive, aqueles lábios percorrendo os lugares mais íntimos ao tragar meu cacete.

Merda, quanta tortura recordar.

Pouco saciado, tomei banho, vesti o look costumeiro, dispensei o café da manhã para não ter que esclarecer minha cara fechada a mamãe – a velha cobraria explicações das olheiras, realmente não estava a fim de diálogos –, subi na harley e rumei para a universidade.

Avistei Livia, a apreciei mantendo certa distância, porque preciso traçar uma estratégia de aproximação ao invés de cercá-la a todo instante.

Assisti às aulas, mal conversei com Ethan, já que a maluca roubou meu melhor amigo, agora ele sempre a faz companhia nas horas vagas.

Meio-dia saio da universidade, subo na harley e vou para casa. O estômago reivindica alimento, assim almoço, diminuindo a quantidade. Ultimamente ando sem apetite.

Em Chicago, amanheceu nublado, dessa forma mantenho a jaqueta de couro.

— Você aqui? — Sobressalto, esbarrando em mamãe na cozinha quando me viro para guardar a louça.

Durante o tempo que Livia e eu moramos juntos, dividíamos as tarefas domésticas e aprendi, até me acostumei a deixar a cozinha limpa após as refeições. Geralmente eu optava pelas louças porque achava a limpeza do apartamento complicada.

— Bom... — Ela põe a mão na cintura, aparentemente surpresa. Ergue as sobrancelhas. — Pelo que sei, moro aqui também.

— Sim, sim! Claro! A casa é sua, eu que moro aqui provisoriamente. — Enxugo dois pratos, depois guardo no armário, logo acima da pia.

— Será, Alan? — Cruza os braços, meu coração bate descompassado.

— Ah, não! Você não acredita que irei reconquistar Livia e voltar para aquele apartamento? — Estreito os olhos, confrontando-a, mantendo toda certeza dentro de mim. Vai dar certo!

— Pode até ser, mas... só acredito vendo. Aliás, vamos aprender a ser pai, garoto. Giana existe há 4 meses e precisa de pais responsáveis.

Nesse quesito sou super responsável, até estudei, fiz curso, pesquisei. Então não admito tais especulações.

— Porra, mãe! Por que tantos julgamentos? Eu dou o meu melhor desde a gravidez de Livia. — Respiro fundo, denunciando frustração, e deixo os ombros caírem, enquanto fito o chão.

— Cuidado com a boca! Detesto palavrões. E não estou julgando, ninguém é melhor do que o outro para julgar, isso cabe a Deus. — Animo-me, e volto ao mesmo estado quando ela continua: — Irresponsabilidade é diferente, eu como sua mãe devo lhe corrigir e farei sempre o que for preciso.

— Entendi. — Ergo as mãos, mostrando rendição. — Por mim já teria reparado o meu erro, porém Livia se recusa a me perdoar.

— Bem feito! Nunca mais você sai da linha, ainda calcula cada passo, ação, até o palavreado. Só aprende assim, sentindo na pele. — Gargalha sarcástica, dando-me um beijo na bochecha. — Entendeu? — Assinto. — Responde!

— Já falei que entendi! — Entono, ela me lança olhar fuzilador.

— Fala baixo, moleque! Respeito é bom e eu gosto. Agora chega desse falatório, vai reparar seus erros, visitando Livia e sua filha.

— Não sei... — Fico indeciso, duvidando que seja uma boa ideia visitá-la momentaneamente, afinal, ela resiste a mim. — Às vezes acho que estou sendo pegajoso.

Mamãe não responde, deixando-me decidir sozinho qual é o melhor a se fazer. Mesmo receoso, decido escutar seu conselho e ir à luta para reconquistar minha mulher.

LÍVIA VLASAK

— O que faz aqui? — A resposta surge em gestos.

Alan avança em minha direção igual a um predador, sem dar tempo de reação. Meus lábios são tomados num beijo avassalador, tão urgente, deixando-me ofegante poucos segundos depois. Tento desvencilhar, dando um passo para trás, e seus braços fortes impedem qualquer distanciamento.

Sei o quanto a ação é perigosa, pois embora eu tenha consciência, o corpo exige o dele e se alegra pelo calor gerado juntos.

O safado sabe como hipnotizar, rapidamente caio na dele, entregando-me ao beijo que tanto amo. O sabor dos lábios é o combustível para alimentar as chamas, então explodo, esquecendo as visitas e a traição.

Extasiada, retribuo o beijo entrelaçando os braços no pescoço dele. Senti tantas saudades.

Uma corrente elétrica percorre meu corpo, e movimento os lábios freneticamente, compensando cada dia que não o toquei, mas o desejei demais.

Nossas línguas duelam, numa dança ritmada, matando uma saudade intensa.

Atordoados, caminhamos devagar desempenhando o beijo. Sou empurrada contra o estofado e deito, acolhendo o corpo másculo sobre o meu.

Apalpo, acaricio e arranho — por cima da jaqueta preta de couro —, suas costas, mostrando o poder que ele tem sobre mim. Não tive a intenção desse ato agora, muito menos demonstrar fraqueza, ficando à mercê do bad boy, mas quando perdemos o controle porque estamos lutando contra um sentimento, tudo desanda.

— Eu senti tantas saudades, amor. — O quadril pressiona o meu, revelando sua dureza. — Está vendo como estou duro? Fico assim direto, cada vez que a encontro pelo campus e recordo das nossas trepadas ou somente pensando em você ao dormir. Pega aqui! — Instrui sedutoramente, a voz rouca de desejo. Alan pega minha mão e leva até seu pau, então o aperto como pediu. — Ai, que delícia, Lívია. — Sussurra embevecido de desejo.

Não estou diferente, preparada para lhe proporcionar prazer.

Dominada pela devassidão, entrego-me completamente ao sentir a explosão de tesão que somente Alan me proporciona.

Ofegante, contenho os murmúrios quando, na verdade, quero gritar, tamanha é a empolgação, invés disso, finjo um controle mesmo ele atijando meu ponto fraco: afastando a blusa decotada, expondo o seio e chupando avidamente. Amo a prática, ela me leva ao limite e se houver penetração junto, alcanço o clímax rapidinho.

Claro que o senhor pervertido aqui sabe, conhece meus pontos fracos, cada fraqueza no quesito sexo, pois o pouco tempo morando comigo, transamos demais a ponto de conhecer um ao outro minuciosamente, os gostos, a melhor forma de gozar em determinada posição.

Puxo os cabelos dele, aprovando as sucções brutais. Repentinamente, sinto o seio esvaziando, o safado engole o alimento que produz naturalmente.

— Você é deliciosa! — Murmura rouco.

Resvalo as pernas uma na outra, acometida por sensações mágicas. Corro as mãos pelo abdômen dele, descendo até o pau, onde aperto-o fervorosamente. Alan arfa.

Mas aqui na sala não é local para foder, não com visitas, e prestes a sermos flagrados, além disso, fui ridiculamente traída, ele brincou com meus sentimentos, me usou igual faz agora, por isso o detenho.

Sobressalto, escutando passos aproximando-se. Briella e Mateo retornam conversando animados.

Desvencilho de Alan, escapulindo para o lado, rolando pelo estofado e caindo sobre o tapete enquanto eu arrumo a blusa.

— Amiga, acabei de passar um café, espero... — Briella pausa vendo Alan. — O que ele faz aqui? — Questiona irritada, prestes a pular nele.

Alan sorri divertido, correndo os dedos pelos cabelos loiros, mas ao virar-se para ela, sua face muda drasticamente, analisando Mateo que o encara à altura. Ambos exalando ódio.

Isso não irá prestar!

— O que ele faz aqui? — Repete a pergunta de Briella, destinando ao meu colega de faculdade, Mateo. — Eu avisei, caralho...

— Tchau, Alan! — Intervenho nervosa, imaginando se as visitas viram minha pegação, também temendo um embate entre eles. — Giana dorme, quando você quiser vê-la, liga antes. — Invento qualquer desculpa já o empurrando em direção à porta, só que o homem parece uma pedra, quase perco as forças.

— Manda esse cara ir embora. Agora! — Ordena, parando na metade do percurso.

Bato o pé no chão, odiando tamanho atrevimento, pois nunca recebi ordens de marido, muito menos ex.

— Sou maior de idade, vacinada e solteira. Ninguém manda em mim, também não estou fazendo nada errado. Nós nos reunimos para concluir um trabalho que será entregue na próxima semana.

— Espera aí! — Ergue as mãos. — Solteira um Caralho! Você é minha, Lívia! Caso esse imbecil tente algo contigo, eu parto a cara dele.

Bufando, vai embora, deixando-nos à vontade.

Passamos à tarde resolvendo as questões e no finalzinho, concluímos o trabalho, ao menos evito outro encontro hostil deles já que, por enquanto, não será preciso convidar Mateo para estudar, pois pelo visto Alan sempre aparecerá quando bem entender.

Despeço-me dos meus amigos, dou banho e papinha a Giana, depois janto solitária.

Quando estou pronta para dormir e finalmente deito a bebê, vejo o telefone recebendo mensagem. Assustada, temendo que o maldito aparelho toque, o alcanço, mas está em modo silencioso, por sorte, ou melhor, porque agora aprendi a deixá-lo assim desde que o barulho infernal de telefone tocando acordava a menina, toda vez que a deitava.

Aliviada, verifico-o.

"Boa noite, linda! Desculpa a hora, só queria fazer apenas uma pergunta. Posso? Não esperarei a resposta, porque provavelmente você está dormindo e serei consumido pela ansiedade. Caso não queira responder, fique à vontade. Prometo entender. Você ainda ama Alan Coleman?"

Engulo seco, desconhecendo o interesse, simultaneamente conhecendo, somente fugindo da verdade, pois, embora eu queira esquecer

Alan, não me vejo encarando um relacionamento com outro homem e desfrutar do prazer em braços estranhos, porque para mim aquele bad boy sempre será o único a me ter na cama, mesmo que nunca tenha merecido se deliciar desse corpinho.

Canalha.

Respiro fundo, decidindo se respondo ou não, afinal, tenho esse direito. Não devo explicações a ninguém, porém, detesto ignorar as pessoas.

"Boa noite! Ainda me preparava para dormir quando vi sua mensagem. Tudo bem! Quanto a pergunta, achei invasiva, mas quero responder: eu o amo. Sempre amarei, embora saiba que devemos manter distância."

Espero uns segundos, ele começa a digitar e logo recebo outra mensagem.

"Imaginei, ou você não estaria se pegando com ele naquele momento. Uma pena, porque Alan nunca a mereceu. Boa noite!"

Atrevido!

Quanta audácia! Nem somos amigos e Mateo julga ter o direito de se meter na minha vida. Eu já sabia que Alan nunca me mereceu, mas, infelizmente o coração é traiçoeiro, levando-nos a nutrir sentimentos por quem menos merece e desejamos. Contudo, ainda vivi momentos únicos ao lado dele, nosso relacionamento me presenteou com uma fofurinha.

11



Lívia

— Vamos passear, princesa da mamãe? — Analiso minha filha deitada sobre a cama e penso no rumo que o destino me obrigou a seguir.

Parecia tudo tão perfeito, em meio ao caos, esse serzinho uniu dois corações completamente distintos, ainda assim, desejando o melhor para a bebê. Sei que Alan se esforçou muito, demais mesmo, porque ama a filha, mas seu instinto falou alto, e ele não conseguiu viver uma vida normal de casal, invés disso, preferiu voltar à ativa, pegando todas.

Bom, momentaneamente, só sei daquela traição, nem desejo saber de outras, pois não resistiria. Certamente, acabaria desolada, até estou, porém, tentando ser forte por Giana e eu.

A garotinha balbucia, mexendo as perninhas freneticamente, parece animada, talvez adivinhando que iremos passear. Já tomou banho, depois a vesti com um vestido rosa, todo rodado e pus uma tiara da mesma cor, complementando assim o look de bebê fofa.

Contudo, a danada lembra o pai, então fraquejo, titubeando, as pernas tornam-se moles, iguais à gelatina, as vistas escurecem e temendo apagar, exercito a respiração até passar a sensação desagradável.

Meu Deus, como sinto saudades dele.

Hoje é um dia feliz, Giana completa 5 meses, por isso, preciso resistir a essa dor.

Passaremos o dia na casa dos meus pais, mamãe fez bolo, preparou algumas guloseimas para a comemoração, ainda cantaremos "parabéns". O

chato nisso tudo será quando papai questionar sobre Alan, pois o privei de relatar a traição. Logo, ele está fora dessa nojeira, mas também, caso saiba, cometerá uma loucura. Então desejo deixar as coisas como estão, depois invento algo sobre a separação.

Falando nisso, sequer contatei o advogado para tratar da burocracia do divórcio.

— Livia, onde você está? — Kimberly grita da sala de estar.

Ela veio nos buscar, ainda não tirei a habilitação, minha irmã ajuda, especialmente agora que estou separada.

— Aqui no quarto. — Digo alto, quase num grito. — Vamos passear, linda? — Ponho minha filha nos braços, beijo sua cabecinha, inebriando-me com seu cheirinho doce.

— Prontas? — Assinto num aceno de cabeça. — Meu Deus! Como você está linda, bebê da tia. — Kimberly demonstra espanto. — Uma fofurinha. — Toma a bebê de mim, saudando a sobrinha com muitos beijos na bochecha. — Sua avó fez cada coisa gostosa para comemorar mais um mês de vida seu. — Sorri.

— Já que Giana não pode comer, comeremos por ela. — Gargalhamos.

— Mamãe é malvada, Gia, quer comer seus doces sozinha. — Kimberly imita voz infantil. — Que feio, não é meu amor? — Ergue Giana no ar, beijando a barriguinha.

— E papai, como vai? — Tenho fugido dele, temendo dar bandeira do meu estado patético. Sempre invento motivos para não o visitar, até a situação ser resolvida e eu encontrar algo bom suficiente que explique minha separação.

— Vai muito bem. — Arqueia a sobrancelha. — Ele pergunta frequentemente o porquê de a senhora não ir lá em casa. — Mordo o lábio inferior, procurando a desculpa perfeita que explique a ausência daquele filho da puta. — Mamãe diz que ser mãe é trabalhoso, e você quase não tem tempo, além dos estudos. — Respiro aliviada. Mamãe é maravilhosa, soube da minha separação, mas guarda segredo de papai como eu quero.

Pego minha bolsa e de Giana, seguindo ao carro, onde a posiciono no bebê conforto, sentando pertinho dela. O trajeto é tranquilo, nos proporcionando rápida chegada.

Desço emotiva, recordando de uma vida aqui, pois amo esta casa e tudo que vivi nela. Cogito retornar, entregando o apartamento daquele traidor.

— Vem aqui, filha. — Coloco Giana nos braços, Kimberly leva a bolsa dela.

Quando adentramos a casa, encontro mamãe empenhada na decoração infantil. A mesa linda, repleta de vários doces e o bolo no centro com o nome da bebê em cima.

— Minhas meninas chegaram! — Mamãe corre em nossa direção, cumprimenta-me animadamente, dando-me beijos pelo rosto, depois toma a menina nos seus braços. — Fofinha da vovó! Está cada dia mais linda, princesa. — Beija tanto a neta e fico encantada, testemunhando tanto carinho. — Essa roupa é linda! Giana parece uma boneca, Livia.

— Verdade. — Assinto.

Nunca vi criança tão paparicada, pudera, além de filha única é neta e sobrinha única de ambas as famílias, mas não mantenho contato com os avós paternos dela, pois embora sejam boas pessoas, não somos íntimos, e isso me priva de aproximação. Entretanto, caso queiram encontrar a neta, permitirei.

— Como vai, filha? — Ganho abraço apertado. — Senti saudades. — Beija meu rosto carinhosamente. — Já ia te tirar daquele apartamento. A vida não é somente ali, aliás, sua casa continua sendo essa. — Sacode a menina num leve balançado. Giana parece apreciar os braços da vovó, sequer reclama. Perfeito! Assim descanso um pouco.

— Também senti saudades, mãe. — Pego dois brigadeiros deliciosos, e acomodo-me pela sala. — Hum... maravilhosos! — Elogio sabendo quem fez. Mamãe é boa na cozinha, faz pratos magníficos, como sobremesas. Aprendeu ainda adolescente, algumas receitas ensinadas pela sua mãe e avó, outras, buscando informações nos sites, ou fez cursos, visando agradar à família. — Briella ainda não chegou. — Comento ansiosa para a chegada da minha amiga. — Ela é chocólatra, certamente irá se acabar de tanto comer.

— Ah, ela é de casa, pode comer à vontade, ainda levará consigo um pratinho bem recheado, por isso fiz muitos doces. Melhor sobrar do que faltar. — Ela mostra a mesa decorada.

Conversamos divertidas, até esqueço, momentaneamente, os acontecimentos patéticos da vida pessoal. A campainha toca, Kimberly atende, saudando Briella que adentra trazendo uma caixa enorme embrulhada num papel rosa com desenhos de bonecas, – a cara de Giana.

— Parabéns, linda! — Diz Briella, entregando-me o presente. Prontamente rasgo, me deparando com um urso rosa. Ficaré encantador no quarto da menina.

— Obrigada, amiga! Vou pôr no quartinho dela, próximo ao berço, assim ela nunca esquecerá a madrinha. — Brinco e todas gargalham.

— Concordo. — Briella se pronuncia risonha.

Mamãe nos serve enquanto esperamos papai para cantar os parabéns.

A conversa flui, mas em nenhum momento elas mencionam Alan, pois estão cientes dos acontecimentos e sabem que preciso esquecê-lo e a reunião familiar é um evento de descontração.

Finalmente papai chega do trabalho feliz em ter a casa cheia. Cumprimenta-me, dando mais atenção a Giana. Claro, a boneca sempre rouba a cena devido ao excesso de gostosura.

Não demora para cantarmos os parabéns.

O aniversário de 1 ano dela será daqui a 7 meses, mas virou moda comemorar cada mês até o primeiro aninho, dessa forma entrei na onda e adorei, pena que dessa vez deixei Alan fora, sequer avisei sobre a reunião desta noite; nem poderia, já que estamos separados e, certamente eu demonstraria, conseqüentemente papai descobriria e somente Deus sabe como acabaria.

A festa vai até o final da noite quando a pequena dorme. Despeço-me das pessoas porque preciso retornar para casa.

— Obrigada, família! Tudo estava lindo, tenho certeza que nossa princesinha amou. — Sorrio agradecida.

— Ela irá gostar muito mais no aniversário de 1 aninho. — Mamãe quem diz. — Faremos uma festa enorme num espaço alugado para eventos. Terá pula-pula, brincadeiras e palhaço.

— Sério, mãe? Palhaço? — Franzo a testa, recordando que quando eu era pequena odiava palhaço, ainda não sou fã, sempre tive medo deles.

Aquela pintura exagerada na cara, a peruca, os sapatos grandes, e os cabelos dão medo a qualquer criança. Tanto que existem lendas urbanas,

inclusive de palhaços assassinos. Eu hem. Prefiro não o apresentar à minha filha na comemoração do seu primeiro aninho.

— Qual o problema? São divertidos! — Defende-se, mas tenho opinião formada sobre eles. Não vai rolar!

— Palhaço, não! Corte-o da lista. — Gargalho.

— Ok. — Ergue as mãos. — Só queria uma festa incrível para essa linda. — Beija a neta que dorme serena no bebê conforto. — Ah! Já ia esquecendo o presente dela, vou pegar.

Balanço a cabeça negando, estão mimando a minha filha, caso continuem assim irão estragar a menina, até pode mimar, mas dentro da normalidade.

Enquanto espero, dou atenção a Briella, – também se prepara para ir embora levando as guloseimas da festa, toda atrapalhada ao abrir a porta do carro, visando guardar o prato abarrotado com bolo e doces –, mal conversamos esta noite, sozinhas.

— Como vai o relacionamento? — Pisco um olho, ela sorri, acomoda o prato no banco do carona.

— Perfeito! — Suspira. Conheço minha amiga o suficiente para entender que está apaixonada. Ela encontrou seu príncipe encantado, e deve aproveitar e mergulhar sem receios nessa relação. Diferente de mim, Briella será feliz. — Ethan é maravilhoso. Posso contar um segredo? — Balanço a cabeça concordando. — Estou apaixonada. — Murmura como se fosse segredo. Gargalhamos. — Vicieí nele, acredita?

— Claro! — Respondo imediatamente. Fico feliz por ela, mas triste em saber que Ethan é amigo de Alan, embora sejam distintos. Eles poderiam ser semelhantes na personalidade, na educação e em responsabilidades. Aquele bad boy sequer sabe exercer o papel de pai, pelo visto nunca aprenderá.

Entretanto, não devo julgar, faz parte do seu instinto, provavelmente ele nem tem culpa disso, inclusive tentou mudar, mas ir contra quem realmente é, causou sérios impactos nele. Alan nasceu para ter liberdade em todos os sentidos.

— Ethan vale ouro, não sei como mantém amizade com o cafajeste do Alan. — Trinca os dentes, o odeia. — Desculpa, amiga. Não queria tocar no nome dele. — Cabisbaixa assinto. — Mas conta, o safado está te importunando? Qualquer coisa é só falar que resolvo para você. Sabe, seria

adequado trocar a fechadura daquele apartamento, o impedindo de entrar quando bem entende. — Ele pode ter todos os defeitos, menos o de invadir a privacidade, sempre que vai lá, toca a campainha mesmo tendo as chaves.

— Não é necessário, Bri. Alan, sabe seu lugar nesse quesito, porque sempre toca a campainha. Ele já entendeu que estamos separados. — Acomodo Giana no banco traseiro do carro de Kimberly, esperando-a também.

— Separados? — Papai questiona surpreso atrás de mim.

Engulo seco, deixando a bebê dormindo dentro do veículo e o encaro. Sua expressão espantada chega a me assustar. Merda! Aconteceu o que temi tanto: papai descobriu minha separação.

Agora como explicar o motivo? Nessas horas tensas a cabeça gira e sequer conseguimos pensar direito para encontrar a desculpa perfeita.

Estou fodida! Ou melhor, Alan está, conheço papai, ele é insistente e eu sendo boba entregarei os pontos, despertando a fera nele.

— Depois conversamos, pai, Giana...

— Não! — Interrompe. — Conversaremos agora, aproveitando que a garotinha dormiu.

Seus olhos nublam e posso imaginar a causa, pois, provavelmente deseja acertar as contas com Alan.

— Vou deixar vocês a sós. Beijos, amiga. — Briella manda beijos no ar, entra em seu carro, pisando fundo prontamente.

— Mal casaram e já estão separados? — Papai cruza os braços, esperando a resposta, mas como estou petrificada. Ele complementa: — O que aquele filho da puta aprontou? — Começo a suar mesmo sob a brisa da noite, buscando formular a frase que acabará com o assunto, explicando uma separação consensual, porém falho. Não consigo, então, relato os fatos:

— Pai, por favor. Contarei tudo, só prometa entender e aceitar. — Abraço meu corpo sentindo frio, já que uso vestido decotado floral, grandes estampas de rosas amarelas com folhas verdes. — Aconteceu na lua de mel.

— O quê? — Ele sobressalta. — Na viagem para o Havaí? — Rosna.

— Sim. — Suspiro, odiando recordar. — Nós brigamos, Alan saiu, bebeu demais e me traiu com uma havaiana. Quando contou não suportei, por isso vim embora antes.

— Desgraçado! — Papai cerra os punhos, me dá as costas, talvez tentando esconder sua ira, não adianta, mentir é algo que ele faz muito mal.

Tento acalmar a fera, afinal, acabei aceitando a traição. O que eu poderia fazer? Nada! Exceto dar um basta no relacionamento para evitar outros transtornos. Já o fiz e apesar de destruída, estou aliviada.

12



Alan

Sentado na mesa de um pub, reflito sobre meu encontro hostil com o pai de Livia, enquanto tomo todas, deixando o álcool realizar seu papel para eliminar cada maldita lembrança desagradável.

O velho desgraçado me cercou no escritório, assim que cheguei, num dia costumeiro de trabalho. Papai avisou sobre a visita inesperada quando adentrei seu estabelecimento nas primeiras horas da tarde.

Bufei, afinal o Hanry Vlasak e eu mal nos suportamos, ainda assim aceitei escutá-lo caminhando até minha sala da empresa Coleman.

— Que surpresa. — Desagradável. Revirei os olhos. — Algum problema? — Fechei a porta, o velho imbecil avançou em minha direção como um animal furioso, prestes a devorar a presa. Recuei num ato de autodefesa, cerrando os punhos, já entendendo que a visita não seria amigável e deduzi o motivo pelo qual esperava acontecer há semanas: a traição.

Caralho!

Suspirei, ora aceitando sua ira, porque ele só estava ali para defender a filha e agora eu, sendo pai, entendo. Caso os papéis invertissem, jamais hesitaria em agir daquela forma.

Eu nunca deixaria nenhum filho da puta magoar Giana. Porra, como magoei a mãe dela.

— Ainda pergunta, moleque? — Segurou a gola do meu paletó exalando fúria e empurrou-me contra a parede, num ato desesperado para

extravasas a ira. Soltei a pasta e segurei seus pulsos a fim de me livrar do agarre, mas o velho tinha força pra cacete. — Eu avisei que não magoasse minha filha, porra. Como pôde traí-la na lua de mel? — Rosnou, e engoli seco, ciente do meu erro.

Naquele momento entendia o significado da palavra pai, e ele estava sendo leal a sua filha, assim como eu serei a minha, caso alguém a faça sofrer.

Baixei a guarda disposto a arcar com as consequências, pois merecia receber uma bela lição, eu mesmo me detestava pela covardia que fiz.

— Ok. Pode bater. Errei pra cacete, até me arrependo, mas como isso não resolve nada, mereço levar porrada. — Suspirei, fechei os olhos, preparando-me para receber o impacto e não aconteceu. As palavras fizeram efeito contrário, amansando a fera.

— Oh, Deus! O que eu ia fazer? Não vou sujar minhas mãos com você, desgraçado, e perder tudo que construí. — Afastou-se, abri os olhos encarando seu semblante espantado. Arrumei o paletó. — Você, Alan Coleman, está proibido de se aproximar da minha filha. — Franzi a testa confrontando-o, jamais acataria ao pedido, porque já tinha decidido reconquistar Livia. — Não mediu os atos, agora aguenta as consequências, covarde, eu o farei perder a guarda de Giana. — Gelei. Quanto absurdo, mas ele podia quase tudo, inclusive tirar a guarda dela de mim. — Mexeu com as pessoas erradas. — Rosnou e foi embora batendo a porra da porta.

Saio dos devaneios, atormentado demais.

Há dias estou mergulhado na escuridão, mudei de endereço, num mundo onde tenho o controle de tudo, entorpecido pelo álcool e drogas, visando aliviar a dor latente. Deixei a faculdade, o trabalho e as pessoas que amo, mas ao menos elas estão seguras sem mim, privadas dos meus atos mesquinhos, consequentemente não sofrem.

Perdi a noção do tempo, também não faço questão, só desejo esquecer a porra da minha vida e apenas entorpecido seria possível.

Não enxergo um palmo a frente, as vistas embaçaram, ainda assim, intercalo o consumo de álcool e do baseado pousado no cinzeiro sobre a mesa.

— E aí, cara? — Um homem mal-encarado me cumprimenta analisando o local. — Quer mais erva? Hoje tenho das boas. — Tento focar no seu bolso, onde mostra parcialmente o pacote pequeno, e só enxergo

vulto. — Dois pelo preço de um. — Sorrio divertido, adorando a promoção, porque é baseado duplo.

Notando meu interesse, tira dois pacotes, abre minha mão, pondo-os, depois a fecha.

— Você garante total perda de memória enquanto o uso? — Gargalho. — Cara, preciso disso.

— Claro! Pode usar e abusar delas, enquanto estiver na sua corrente sanguínea, você esquecerá tudo.

— Gostei. Foda-se o mundo, eu quero apenas esquecer a porra da minha vida.

Tiro alguns dólares do bolso da jaqueta, sequer conto, simplesmente entrego ao homem grande, todo tatuado, careca e barbudo. Ele enfia o dinheiro na calça jeans e desconfiado, analisando o entorno, se afasta, sumindo após atravessar a porta principal do pub.

"Não mediu os atos, agora aguente as consequências, covarde, eu o farei perder a guarda de Giana."

"Sou maior de idade, vacinada e solteira, ninguém manda em mim."

Ouçó vozes, misturando-se em uníssono, desejo pará-las, infelizmente não sei como.

Usando a palma da mão direita, bato na testa como se dessa forma as expulsassem daqui, porém continuam ativas, fodendo a mente.

Então, percebo que ainda estou sóbrio a ponto de recordar certas situações as quais me martirizam, por isso peço ajuda ao baseado, já que o álcool parece contribuir para tanto sofrimento.

Espalho a fumaça no ar, liberando as angústias, medos e frustrações. Em poucos minutos consigo o efeito pretendido, limpando a mente, a alma e o coração.

Agora sou um homem livre da podridão que me consumia.

LÍVIA VLASAK

Há dias não vejo Alan pela universidade, nem tenho notícias dele. É estranho, porque mesmo separados, ele tentava se manter próximo.

Até queria que isso acontecesse e quando aconteceu, sinto falta, perdi a vontade de ir às aulas, pois aquele lugar só tem sentido se o bad boy transita por lá.

Bocejo bem no instante que a campainha toca. Temendo Giana acordar, — antes que eu me arrume e a babá chegue —, atendo prontamente.

— A senhora? — Estranho a visita repentina da minha ex-sogra nas primeiras horas do dia.

— Oi, querida! Posso entrar? — Murmura, braços cruzados, forçando os lábios enquanto me encara.

— Claro, claro. Entre! Fique à vontade, o apartamento também é seu. — Abro passagem. — Quer café? Preparo rapidinho. — Aponto na direção da cozinha, mas ela balança a cabeça negando.

— Não é bem uma visita. — Mostro o sofá, Emma senta aparentemente nervosa, olhos marejados, nariz avermelhado, indicando que chorou há pouco. — É o Alan... — Pausa, então, sento também sem desviar o olhar.

— Algum problema com ele? — Respiro fundo, porque pelo semblante dela algo aconteceu.

Eu deveria ignorar qualquer preocupação, afinal, Alan é maior de idade, um homem viril e adora ostentar suas conquistas baratas, exceto a mim que fui apenas sua, dei todo meu amor, me entreguei completamente e gerei sua filha aqui no ventre. Invés disso, busco entender o que se passa.

— Alan estava desaparecido há dias. Ontem à noite foi encontrado num pub desacordado porque quase teve uma overdose.

Levanto depressa, coração acelerado, suando frio, embora a essa hora a temperatura esteja amena, no típico clima da estação em Chicago.

— Oh, Deus! — Tapo a boca pasma. — Mas... — Meço as palavras, prefiro não pronunciá-las já que penso o pior.

— Ele está vivo, só seu estado que é crítico. — Paraliso.

— Quero vê-lo, agora!

Arrumo-me às pressas, imaginando o que deu na cabeça dele para agir igual a idiota e se destruir assim.

Drogas? Nunca imaginei que Alan usasse entorpecentes.

Não sei se fico feliz por ele estar vivo, ou arrebento a cara dele quando o vir. Um misto de sensações me toma e a única certeza é que devo ser ágil. Giana acorda, por sorte estou pronta. A tomo nos braços, troco sua fralda, depois a ponho para mamar. Confiro às horas, deduzo que a babá já chegará.

— Anda, filha, termina logo, mamãe vai sair. — Acarinho seus cabelos loiros, lisos iguais à seda. — Seu pai está no hospital. — Engulo seco, temendo o pior. Aquele imbecil me paga!

Ouçõ batidas à porta, de repente, Emma aparece timidamente, olhando pela fresta que abriu agora.

— Querida, tem uma moça na sala...

— É a babá. — Interrompo. — Ela cuida da bebê enquanto estudo pela manhã.

Tiro Giana do peito, pois está satisfeita, pego a bolsa e corro em direção à sala de estar, onde encontro Emma e a babá.

— Cuide dela, Olívia. — Entrego a menina após beijá-la muito. — Hoje não irei à universidade, mas voltarei no mesmo horário e qualquer eventualidade peço a minha irmã, Kimberly para vir, ou minha mãe.

— Tudo bem, senhora. Não se preocupe, ficaremos bem. Não é mesmo, mocinha? — Imita voz infantil, brincando com a menina.

— Certo. Vamos, Emma? — Ela assente, despede-se da neta dando beijos na sua cabecinha.

Respiro fundo, preparando o psicológico para suportar os fatos. Caladas, saímos do prédio e entramos num carro luxuoso o qual não sei distinguir o modelo, nunca gostei de assuntos ligados a automóvel, sempre achei chato.

Afivelo o cinto, concentrada no horizonte, fitando o nada, as mãos trêmulas suam tanto que aposto que Emma notará caso as olhe, mas a coitada emana tensão e jamais perceberá mero detalhe.

Entramos num engarrafamento devido ao horário de pico. As pessoas se deslocam para trabalhar, logo é normal e como não temos nada marcado e vamos até o hospital, aguentamos firmes.

— Por que ele usou drogas? — Um bolo forma na garganta, temendo a resposta, dependendo dela sentirei mais culpa.

Durante os meses morando juntos, ele tinha bom comportamento, se dedicava unicamente a aprender a ser pai, cheguei a julgar que havíamos encontrado a felicidade e iria perdurar.

Quanto engano.

Talvez oficializar a união tenha desencadeado tudo isso. Estávamos felizes!

Dizem que um pedaço de papel não mede sentimentos. É verdade! Então deveríamos ter esquecido o lance do casamento, já éramos um casal, ou melhor, uma família. De repente, a coisa desandou, Alan voltou à ativa no quesito pegação. Claro, na lua de mel foi a primeira traição, mas certamente ele trairia novamente, quantas vezes tivesse oportunidade, mesmo estando conosco, porque faz parte dele.

As lágrimas caem sem entender a vida, os sentimentos e ele, porém, convicta de apesar do sofrimento em saber daquela traição, ainda o amo tanto. Sinto saudades do cheiro, do sorriso, do calor, daquele corpo me aquecendo, de tocar naqueles músculos rijos, enfim. Entretanto, não posso ignorar sua recaída, pois caso eu o aceite, sei que nunca deixará de trair, embora ele também me ame do seu jeito.

— Bom... — Emma buzina furiosa quando um carro ultrapassa, quase batendo em nós. — Odeio esses imbecis no trânsito! Nem sabem dirigir. Não sei como conseguiram habilitação. — Bufo. — Desculpa. Onde eu estava mesmo? — Tenta lembrar do assunto, concentrada em dirigir. — Ah, sim. Lembrei! Acredito que a separação de vocês o deixou muito triste. — Fungo, fitando os carros passando ao lado. Então, por que ele traiu? Poderíamos estar felizes, cuidando da nossa bebê. Podíamos, sim! — Ai, meu Deus! Você está chorando, querida? Não a culpo. Conheço meu filho, sei da capacidade dele e embora a amando, foi fraco em plena lua de mel, por outro lado, acredito que a bebida tenha sido o fator dominante, Alan jamais faria isso sóbrio. — Um fio de esperança nasce, até sorrio, mas contenho o riso, mordendo o lábio inferior. — Sua gravidez o mudou demais, ainda mais após o nascimento da menina. Vocês são a vida do meu menino. — Dessa vez ela funga.

Quando chegamos ao hospital vamos direto à recepção. A recepcionista entrega-nos duas pulseiras de visitantes e libera nossa entrada. Caminhamos em direção do elevador, onde solicitamos subida junto com várias pessoas. O elevador chega, entramos prontamente, porque a quantidade de pessoas supera o limite permitido e quero ver Alan mais rápido possível.

Emma solicita o andar, no entanto, sequer verifico, cabisbaixa, apenas tento me concentrar procurando as palavras que direi a ele, depois começo a rezar baixinho pedindo a Deus que o ajude a sair daqui logo,

independente se ficaremos juntos ou não. Seja lá como for, Alan é pai da minha filha, desejo somente coisas boas a ele.

Finalmente as portas abrem e saímos, iniciando a caminhada pelo imenso corredor todo iluminado devido às grandes janelas de vidro abertas.

— É aqui. — Paramos na porta de número 415, o quarto onde abriga o amor da minha vida.

Acuada, adentro devagarinho quando a mulher me dá acesso total, abrindo a porta.

Alan está deitado, olhos fechados, cheios de aparelhagem médica em volta e no peitoral eletrodos medindo os batimentos cardíacos.

Paralisada, o analiso, muito emocionada em vê-lo dependente, porque sempre achei que sua virilidade fosse como um escudo que nada nem ninguém pudesse o atingir. Mas acontece que assim como eu, ele é ser humano, frágil, e simples mortal.

Verifico o quarto exalando um cheiro enjoativo de éter, a decoração característica, sugerindo ser ambiente hospitalar. Detesto estes lugares, espero nunca precisar de um.

Encho os pulmões de ar e solto devagar, reunindo coragem para aproximação. Emma, logo alcança o filho, olhando-me apreensiva, como se me convidasse a ir até lá.

Acontece que nem preciso convites, estou aqui, e não sairei sem antes tocá-lo demoradamente, pois somente assim acalmarei meus ânimos, sabendo que no peito de Alan seu coração bate.

Um arrepio corta meu corpo e luto contra os maus pressentimentos. Mesmo que nunca sejamos iguais a antes, prefiro tê-lo respirando com toda virilidade de antigamente... porra, até pegando todas.

Sim, posso estar louca, mas o amo a ponto de desejar que seja feliz ao lado do campus inteiro.

Dou dois passos, respiro fundo e continuo caminhando, parando no leito. Estico o braço lentamente em direção ao rosto de Alan e hesito, verificando o respirador que o mantém vivo. Meu coração sangra, então abafo os murmúrios usando a mão direita.

Engulo o choro, obrigando-me a ser forte para apoiá-lo neste momento difícil.

Eu o amo...

— Oi, Alan! — Sorrio entre lágrimas, afinal ele ainda respira. Poderia ser muito pior. Toco seus cabelos loiros, deslizando os dedos entre os fios desganhados, muitos espalhados pelo travesseiro. — Eu estou aqui. Que loucura você aprontou, hem? Garoto rebelde! — Sussurro em seu ouvido.

— Lívi. Lí. Lívia. — Balbucia. Ele tem dificuldades de falar por causa do respirador.

Sinto o coração aquecer. Quanto alívio!

— Oi. Estou aqui. Como você está? — Finalmente abre os olhos e encaro seus globos verdes, ambos emanando lágrimas.

— Perdão, Lívia. Eu te amo tanto! Nunca quis lhe fazer sofrer, nem queria te trair. — Tosse, abaixa a máscara, e segura meu pulso fortemente. Noto toda a virilidade apesar de estar debilitado.

Felizmente, as drogas não foram capazes de derrotá-lo.

Alan Coleman vive.

13



Alan

Eu vi a morte defronte, quase destruí a porra da minha vida por pura imprudência. Passei três longas semanas naquela cama de hospital e a cada dia, aprendia a respirar, caminhar, comer e fazer as necessidades sozinho, sem usar fraldas.

Basicamente virei bebê de novo, ainda sinto os efeitos, provando da dor ao subestimar algo tão devastador que aparentemente parece um simples divertimento, trazendo consigo a sensação momentânea de liberdade, superioridade maravilhosa.

Exagerei na quantidade, abusei, sentia o desespero por ter cometido a burrice da traição. Porra, perdi minha família. Por outro lado, graças ao meu estado fodido naquele hospital, Livia se compadeceu e foi me visitar. Ela ainda me ama, assim como a amo, então preciso caminhar na linha para recuperá-la. Ainda consegui algo que jamais imaginei, pois ela deixou que eu ficasse em nosso apartamento durante o período de recuperação. Essa é sem dúvidas a melhor parte.

— Fica à vontade, Alan. O apartamento é seu também. — Entro apoiado nela, parece que levei uma surra, mal sustento em pé. — Imagino que esteja enjoado da cama. Quer sentar um pouco no sofá? — Sugere gentilmente, assinto.

Devagar, sou posto no estofado, onde repouso as costas num dos braços e estico as pernas pela extensão do assento.

— Obrigado, amor. — Pigarreio envergonhado. — Quero dizer, Lívía.

— Ah... — Dá de ombros. — Não precisa agradecer. — Suas bochechas enrubescem.

— Onde está a minha garotinha? — Quero matar as saudades, nesses 15 dias não a vi sequer uma vez, nem poderia, já que hospital não é lugar para crianças saudáveis, assim como ela.

— Você se refere a essa princesa? — Minha cunhada, Kimberly entra na sala, trazendo consigo, Giana.

Abro os braços desejando beijá-la e abraçá-la muito, mas lembro que antes devo tomar banho.

— Sim, mas antes preciso eliminar as bactérias e o cheiro terrível daquele lugar. — Encaro Lívía que morde os lábios, talvez imaginando como irá ajudar, pois eu jamais conseguirei sozinho. Até posso tentar, embora saiba que corro sérios riscos de cair e quebrar a cara. — Preciso de ajuda, Lívía. — Mostro-lhe a mão, ela, prontamente a segura firme, dando-me apoio. Levanto dificultosamente, passando o braço pelos ombros dela, enquanto seu braço abraça a minha cintura.

— Cuidado! — Pede quando tropeço no meu próprio calcanhar indo até Giana e a beijo carinhosamente na testa.

— Papai voltou, princesa. — Digo. — Como vai Kim? — Cumprimento minha cunhada.

— Melhor que você, Alan. — Desliza os olhos sobre mim, e acena brevemente, abrindo passagem. — Espero que se recupere logo para curtir essa fofurinha aqui. — Pisca um olho e sei que tenho seu apoio na conquista da sua irmã, cabeça dura, Lívía.

— Obrigado. — Pisco também.

Continuamos caminhando e logo chegamos ao banheiro, entramos no boxe, depois dispo-me recebendo ajuda.

Ergo os braços para Lívía tirar a camisa, depois ela abre minha calça, deslizando-a pelas pernas. O olhar predador passeia por mim descaradamente, ficando no volume denso, formado devido ao toque suave ao qual aprecio. Extasiado, arfo, testemunhando tanto desejo nela, exatamente igual a mim toda vez que a vejo, mesmo de longe.

— Alan. — Repreende, desviando o olhar.

Sorrio, adorando causar efeitos, sei que essa estadia aqui será reveladora e talvez eu sequer vá embora, pois caso dê certo, faremos as pazes.

— Qual é? Nunca me viu assim... duro? — Nós nos encaramos. — Tira a cueca, preciso tomar banho, lembra? — Arqueio a sobrancelha na expectativa, ela hesita, levando as mãos até meus quadris e estaciona neles. — Continua! Não há nada que você já não tenha visto. Estou duro pra caralho, normal, mas jamais a pegarei a força. Então apenas ignore minha ereção. — Fito o teto, entediado, assim quebro a porra da ereção. De repente, a cueca desce pelas pernas, deixando o pau saltar para fora e uma quentura o envolve. Gemo. — Caralho, que delícia! Isso! Chupa, gostosa. Fraco, recuo, procurando a parede como apoio, ainda assim, sou habilidosamente devorado.

Lívia era inexperiente, mas convivendo comigo durante meses a fez amadurecer. A garota logo se tornou *expert* no sexo, levando-me a loucura a cada nova foda.

Não sei em qual parte ela supera nas preliminares ou no ato em si, mas certamente a faz hábil, oferecendo-me tanto prazer.

O suor emana dos poros e titubeio acometido pela excitação. Há dias não trepo, e devido ao hormônio acumulado, fica difícil controlar os espasmos, avisando que estou alcançando o orgasmo.

Eu poderia controlar, deter essa sensação para desfrutar mais desse momento, afinal, quais certezas tenho que ele irá se repetir? Nenhuma! Invés disso, deixo fluir, temendo desfalecer antes de gozar. Porra!

As lambidas e sucções me levam ao extremo prazer. Lívia circula a glândula com os lábios, acariciando-o delicadamente, depois usa a língua, mantendo pressão no orifício onde emana o líquido transparente.

Seguro os cabelos dela, — estão presos num rabo de cavalo, facilitando —, enquanto movimento o quadril, indo de encontro a sua boca atrevida, mergulhando fundo até a garganta, saio depressa, repetindo a ação diversas vezes até ser contido pelos lábios, quando ela aperta a cabeça do pau, arrancando-me gemidos. Simultaneamente, minhas bolas são massacradas, complementando o show prazeroso, assim é impossível resistir e gozo feito um animal, macho alfa, preenchendo sua boca.

Ficamos calados, eu terminando de gozar, ela, paralisada esperando soltar a última gota, boca aberta, olhar sedutor, ajoelhada, encarando-me

como se venerasse o instante.

— Eu não esperava por isso, mas confesso que adorei, linda. — Acaricio a bochecha rosada, ela engole minha porra, limpa os lábios e levanta.

— Foi uma recaída, nem acostume, Alan, porque aconteceu somente hoje. — A safada pisca um olho e sorrio malicioso. *Veremos.*

— Agora preciso retribuir. — Pisco também.

— Neste estado? Sério? — Dou de ombros, eu aguento firme. — Perverso! Vem, você precisa tomar banho. Vou lhe ajudar. — Rendo-me, não insistirei momentaneamente porque teremos tempo nos dias em que eu estiver aqui, e quem sabe nem saia mais, pois a reconquistarei.

— Você manda! — Obedeço, entrando embaixo do chuveiro, sob vazão máxima, e em temperatura agradável, quase morna. — Posso fazer uma pergunta? — Ela me ajuda a ensaboar meu corpo, livrando as partes íntimas, então eu mesmo lavo.

— Claro. — Concorda concentrada, agora esfregando as minhas costas. — O que quer saber?

— Ainda tenho chance contigo? — Sou categórico, nunca gostei de enrolações. Livia sai atrás de mim, ficando frente a frente, olho no olho.

Engulo seco, achando a pergunta absurda, pois apesar da pegação agora há pouco, é óbvio que jamais voltaremos a ser um casal.

A tensão emana dos meus poros.

— Sinceramente? — Assinto. — Quero ser sua amiga, Alan. Se vamos voltar ou não, dependerá exclusivamente de você, e das suas ações, porque elas vão contra as que um homem casado age.

— Entendi... e... se eu disser que mudei? — Livia suspira, talvez duvidosa. — Ei, mudei, sim, e posso provar. — Escuto gargalhadas.

— Prove! — Ordena imediatamente e sinto arrepios pelo corpo.

— Como quiser, minha linda. — Faço reverência, quase caio não fosse a própria Livia me sustentar.

Enxugo-me, envolto à toalha, vou até o quarto, sento na cama para vestir a cueca.

— Não quer a bermuda, Alan? — Sorrio malicioso, imaginando entrar em ação durante a madrugada, mesmo se dormirmos separados.

— Para quê? Provavelmente usarei minha ferramenta pela madrugada. — Ela Bufa, revira os lindos olhos azuis.

— Vai sonhando, convencido. Descansa um pouco enquanto preparo algo para você comer.

Solitário, deitado fitando o teto, relaxo na cama. Nossa cama.

Lívia não me mandou para o quarto de hóspedes, significa que deseja minha companhia.

Começo a sonhar acordado e acabo entediado, não faz sentido ficar aqui sozinho.

Recordo da minha filha, mal brincamos, então penso em ir até a sala, visando matar as saudades.

Devagar, visto calças jeans e ponho uma camiseta preta, depois rumo para a sala, mas paraliso encarando o senhor Vlasak segurando Giana.

— O que esse cafajeste faz aqui? — O homem vestindo terno de grife sobressalta, entregando Giana a filha e avança em minha direção tão rápido, parando a centímetros.

Trocamos olhares hostis.

— Calma, pai! — Kimberly intervém, segurando o pai, depois o puxa para trás, e o velho recua. — Alan estava internado, após receber alta, Lívia o trouxe para que se recupere aqui, próximo da filha.

A explicação não o convence, noto devido sua expressão sarcástica.

— Está louca, Lívia! — Entona, se ele soubesse o que acabamos de fazer no banheiro, certamente morreria de tanta raiva e não faria falta para mim.

Reviro os olhos, porque sua família sofreria, inclusive a minha garota. Repreendo-me mentalmente pelo pensamento ruim, não sou supersticioso, mas acredito na lei do retorno, o que desejo aos outros, recebo em dobro, logo dispenso a morte de alguém, nem mesmo dos meus inimigos.

— Calminha. Relaxa, velho! — Devagar, acomodo-me confortavelmente no sofá, braços abertos, cabeça recostada, e fito o teto, ignorando a visita indesejada.

— Atrevido! — Acusa. Dou de ombros, fazendo pouco caso. — Você traiu a minha filha, como espera que eu apoie essa maluquice? Ou melhor, burrice. E você, Lívia — Agora dirige a fúria a filha, gesticulando enquanto continua: — Gostou da traição? — Os olhos dela marejam, então cerro os punhos, odiando a tortura contra minha amada. Todos sabem o que

aconteceu, eu não nego, até relatei os fatos a ela, mas foi impensado, naquela ocasião o álcool me guiava e agi alcoolizado.

Inferno, se eu pudesse voltar atrás. Como não é possível, uso a experiência fodida de aprendizado para jamais cometer o erro novamente.

— Está errado, papai. — Lívia se defende. — Receber Alan aqui não significa que retomamos o relacionamento, temos uma filha e por isso devemos manter contato, além disso, o apartamento é dele.

— Fico enjoado ouvindo-a falar assim. Para que existem as leis? Filhos podem ser compartilhados e não necessita convivência entre os pais. Eu posso garantir, o que não posso, é fazer com que esse cafajeste a machuque novamente. — Levanto num pulo, visando confrontá-lo, mas as vistas embaçam e caio sentado no sofá.

— Tudo bem, Alan? — Lívia questiona preocupada. — Acho melhor você descansar. — Concordo, bater boca só diminuirá minhas energias.

— Afinal, qual é o problema dele? — O homem arrogante cruza os braços, analisando sua filha me dando apoio.

Levanto recebendo ajuda, mas notando que ninguém irá responder, resolvo me divertir um pouco vendo a expressão do juiz.

— Eu quase tive uma overdose. — Iniciamos a caminhada, saindo da sala de estar.

— Meu Deus! — Ele exclama. — Quero você longe desse cara, Lívia! — O juiz Vlasak exige enfurecido.

Duvido muito isso acontecer, nossa pegação no banheiro diz ao contrário.

Foda-se ele e o mundo!

14



Lívia

Eu sabia que papai mal suportava Alan, mas não que o odiava. O embate dos dois em plena sala de estar do apartamento onde moro, deixou claro.

Temí os dois se pegarem, saírem na porrada e Alan levasse a pior devido ao seu estado debilitado, — o safado procurou quando usou e abusou das drogas. A culpa é somente dele —, pois poderia agravar caso papai perdesse o controle partindo para agressão física.

Ele nunca agiu dessa maneira, mas para defender a família, o velho pira. Agora que sou mãe até o entendo, eu faria qualquer coisa por Giana.

Acomodei Alan no quarto e fui à cozinha preparar um sanduíche, porque alimentação faz parte dos cuidados. Peguei os ingredientes, e antes mesmo de iniciar, a campainha tocou, prontamente atendi.

— Pai? — Minha voz soou espantada, inclusive ele franziu a testa como se perguntasse se não podia mais me visitar sem avisar. Coitado!

— Eu estava passando por perto... — Coçou a cabeça meio incomodado.

Amo a presença dele, porém sabia que, caso soubesse do meu hóspede ilustre, iria surtar.

— Entra, pai. — Tentei parecer calma, embora internamente estivesse prestes a colapsar.

— Vim visitar minha neta. Estou com saudades. Como passei por perto, achei que seria proveitoso visitá-la. — Explicou timidamente.

— Claro. Venha quando quiser. — Sorri e fitei a direção que acessa os quartos, imaginando Alan aparecendo ali. Acontece que ele estava fraco, consequentemente não apareceria, então dava tempo recepcionar papai tranquilamente, afinal, o homem é cheio de compromissos, e certamente a visita seria rápida.

— Essa mocinha cresceu muito! — Kimberly entrou na sala trazendo consigo Giana, toda linda num vestido rosa, tiara na mesma tonalidade e grande flor no centro da cabeça, além de perfumada, aquele cheirinho delicioso de bebê pairando no ar. Papai tomou a menina nos braços, girando-a cuidadosamente. — É o vovô, querida. Claro, sou jovem, mas ainda assim sua mãe quis me dar o título. — Brincou e rimos até o ar descontraído ser quebrado quando Alan apareceu.

Bufo, recordar me causa certa tensão, o dia surgiu, só que quero ficar um pouco mais deitada. Mudei de quarto, deixando o meu, que é bem confortável para Alan.

Mantenho os olhos fechados e de repente, arfo, sentindo os dedos ásperos acarinhando-me, sabendo de quem se trata. Preciso contestar, afinal, tive uma pequena recaída ontem ao estimulá-lo usando os lábios e isso deve ter o confundido. Merda, inclusive, a mim que perdi o controle.

Contudo, não acontecerá novamente, porém meu corpo traidor impede, exalando pura luxúria a cada toque dele, então paraliso acometida pela excitação.

— Chega, Alan! — Peço, mas o tom denuncia como estou extasiada.

— Tem certeza? — O safado aumenta a carícia chegando perto da minha intimidade, onde afasta a calcinha e enfia a língua na fenda.

Solto um gemido rouco de prazer, consequentemente dou acesso, abrindo as pernas.

— Não tenho certeza de mais nada. — Murmuro. — Então faça o que tem que fazer. Chupa, Alan! — Num ato desesperado, ordeno algo absurdo.

Ele obedece prontamente afastando os grandes lábios, encontra o clitóris e o chupa avidamente, faminto igual a um animal devorando a presa.

A ação devassa incendeia meu corpo e me contorço, adorando cada gesto.

Mordo o lábio inferior, provando desse estímulo tão delicioso. Viro de barriga para cima, sem deixá-lo desgrudar de mim, e engancho os dedos nos cabelos loiros dele, movendo o quadril, indo encontrá-lo.

Alan chupa, lambe e cheira minha área íntima. Atordoada, afasto-me depressa, apenas visando tirar a calcinha, depois volto a posição inicial, implorando a continuação.

Senti saudades dele.

Sua língua passeia descontrolada pela fenda, indo até a entrada, mergulhando onde alcança, me fodendo deliciosamente.

— Prefere assim? — Lambe a extensão, circula o clitóris. — Ou assim? — Mergulha a língua na minha entrada, arrancando-me gemidos sôfregos.

Arqueio as costas, porque a segunda opção quase me trouxe o orgasmo.

— Os dois.... eu quero que faça os dois, antes de enfiar seu pau bem aqui. — Dedilho meu orifício, o instigando.

— Porra, você é enlouquecedora. Claro! Mas, somente se você gozar aqui. — Mostra a boca e balanço a cabeça, concordando, porém, de repente, algo parece errado. Muito errado.

Recordo nossa lua de mel, onde idealizei minuciosamente, era para ser perfeita e talvez nem fosse, desde que estivéssemos juntos sempre, aproveitando cada segundo ao lado um do outro, trocando carícias, confidências, enfim, nos amando. Invés disso, Alan quebrou seus votos matrimoniais quando beijou a tal havaiana.

— Chega! — Afasto-me. — Você nunca me quis, caso contrário não teria beijado outra mulher. — Bufo. — Sabe-se lá se fez mais coisas.

— Eu estava bêbado. Que inferno do caralho! Vai me condenar? — Ele levanta irritado, usando apenas calça moletom, mostrando o abdômen trincado, todo rabiscado, pois fez mais tatuagens e evidenciando a bela ereção. — O que posso fazer para ter o seu perdão, cacete? — Visto a calcinha, vou em direção ao banheiro.

— Não sei, Alan. Deixa o tempo passar, aja como homem.

— Ok. Mas saiba que vou reconquistá-la, não importa o tempo que eu precise, serei paciente, a terei novamente.



Sou bem crescadinha, por isso não gostei da forma como papai se intrometeu na minha vida. Até entendo sua preocupação, já que é superprotetor, mas não significa segurar as rédeas da minha vida, então vim aqui no seu local de trabalho para termos uma conversinha, também quero lhe tranquilizar a respeito de Alan, pois embora tenha acontecido aquelas situações comprometedoras, não pretendo retomar o casamento, dessa forma, aproveito e peço indicações de advogados, a fim de preparar os papéis do divórcio.

— Bom dia! Papai está livre? — Caminho em direção à sala de papai que fica próximo à sala onde acontece a audiência.

— Bom dia, Lívia! Seu pai está em audiência, mas se quiser pode esperar. — A secretária dele avisa.

Suspiro, conferindo o relógio de pulso, notando estar atrasada para a primeira aula. Entretanto, certamente nem consigo assistir, mesmo saindo agora. Tudo bem, porque momentaneamente a conversa com meu pai é mais importante.

— Eu espero. — Acomodo-me numa cadeira da recepção e bocejo, muito entediada.

Alguns minutos depois vejo uma movimentação, as pessoas saem da audiência. Semicerro os olhos investigando as pessoas e deduzo que acabou. Essas coisas são demoradas, mas, caso seja continuação –, às vezes papai deixa somente o veredito para dar em outro dia –, logo acaba.

Os policiais avançam, trazendo consigo o réu, um homem jovem na casa dos 40 anos, branco, cabelos negros e braços cobertos por tatuagens, quase não mostra a pele. Ele se debate, aparentemente atordoado e aposto que o motivo é a pena designada pelo excelentíssimo senhor juiz Hanry Vlasak, papai.

Tenho ciência da profissão dele, só não o vejo como realmente é, alguém frio, capaz de condenar o próximo até a pena de morte. Ainda assim, não o julgo, pois ele deve fazer valer as leis nos casos mais simples aos mais complexos. Os réus, muitas vezes, nem são seres humanos, e sim monstros que cometeram atrocidades.

— Ah!!!— O condenado grita, sendo arrastado pelos corredores. — Isso não ficará assim. Eu sou inocente! — Segundo papai, todos alegam inocência. — Não quero prisão perpétua! — Sua voz corta o silêncio, rasgando os meus tímpanos. — Você me paga, juiz. Acabarei com você e suas filhas. — Gargalha amedrontador e um frio percorre minhas espinhas. — Elas pagarão pelos seus erros. — Complementa arrastado porta adentro.

Tensa, abaixo a cabeça tentando ignorar a ameaça, afinal, o homem está preso, caso tenha sido condenado à prisão perpétua, irá para penitenciária de segurança máxima, garantindo nossas vidas. Papai deixa a sala rodeado de repórteres, todos falando simultaneamente enquanto os *flashes* iluminam o espaço. Levanto para o acompanhar e ainda longe ele acena, desvia do grupo, vindo até mim, depois estende o braço, convidando-me a acompanhá-lo. Pego sua mão, aceitando ser guiada, seguindo em direção à sua sala, guardada por dois seguranças.

— Por que não avisou que viria? Hoje, isto aqui está uma loucura. — Aponta para uma cadeira quando dá a volta à mesa e senta. — Acabei de condenar um cara perigoso, um serial killer. — Sinto o coração disparar, recordando da promessa dele em se vingar do juiz através das filhas, Kimberly e eu.

— Ele parecia furioso, até ameaçou suas filhas. — Sento também como se não desse importância, mas internamente o coração bate descompassado.

— Besteira! Todos ameaçam e nunca cumprem. — Sorri zombeteiro. — Como cumpririam se vão direto para o xadrez? Fica tranquila, filha.

As palavras são reconfortantes, relaxo naturalmente, acreditando, afinal, desde sempre papai é juiz, lida com criminosos. Entretanto, nada nos aconteceu. Nunca!

— Claro, pai.

— O que devo a honra da visita? — Ele acende um charuto, dando a primeira tragada.

— Alan Coleman. — Sou categórica, papai tosse. — Tudo bem? — Faço menção de levantar, mas um gesto me impede de sair do lugar, pedindo para permanecer sentada.

— Aquele moleque novamente? — Tosse outra vez, então apaga o charuto. Balanço a cabeça concordando.

— Queria avisar que sei cuidar da minha vida. O senhor não precisa se preocupar comigo, tenho tudo sob controle. — Entrelaço os dedos sobre a mesa e começo a girar parcialmente a cadeira de couro preta que estou acomodada. — Assim que Alan estiver bem, vamos cuidar do divórcio. — Explico decidida, mas sua expressão duvida.

— Entendi. Só quero saber qual o motivo de você ter aceitado aquele moleque em casa?

Abaixo a cabeça pensativa, nem eu mesma sei a resposta, no entanto, fiz o que meu coração mandou.

— Alan é pai da minha filha, e ela precisa dele limpo, entende? Foi a única forma que encontrei de fazê-lo andar na linha, ao menos para não voltar a usar drogas.

— Como adiantasse. Ele é um viciado, Livia! Viciados são descontrolados, somente alguns conseguem a recuperação, caso sejam internados.

— Alan só usou naquele dia. — Rebato.

— Sim! E quase teve uma overdose.

Ciente dos fatos, decido me calar, pois nada sei sobre esse assunto, sequer sobre o futuro, cujo adora brincar sempre comigo.

15



Alan

Morar com Livia não está ajudando muito. A garota tem me evitado, pois quando acordo ela já saiu para a universidade, e quando chego do trabalho à noite, já está deitada, muitas vezes ao lado da filha na cama do quarto de hóspede.

Isso é ruim demais, mal tenho tempo para uma aproximação íntima, fodendo meus planos, consequentemente aderi às masturbações solitárias duas ou três vezes por dia, claro, pensando nela.

Atordoado, acelero a harley pelo trânsito caótico de Chicago, indo assistir às aulas da manhã. Tenho me recuperado bem, inclusive ganhei forças, mas ainda continuo instalado em meu apartamento, apenas sob tortura, vendo, sentindo o cheiro dela e sem poder tocá-la, beijá-la, abraçá-la.

Ontem retornei a rotina de estudos. Acelero novamente quando o semáforo pisca, indicando que irá fechar, e passo por ele, seguindo firme, desviando dos veículos, então em questão de poucos minutos após a partida, chego no campus, agora enfrentando o trânsito, respeitando os pedestres que transitam afobados, assemelhando-se a formigas.

Estaciono, ajeito a gola da jaqueta, depois pego o caderno, pondo embaixo do braço para acender um cigarro.

— Cara, você deveria parar. Não aprendeu com o susto que deu a todos nós? — Ethan surge, nem sequer notei.

Franzo a testa e meneio a cabeça, mas este é realmente um cigarro, o máximo que fará é foder meus pulmões com o passar dos anos; claro, podendo causar câncer, de resto... estou pouco me importando.

— Eu sei, Ethan, mas é somente cigarro, aliás preciso dele para acalmar esse turbilhão dentro de mim. Estou perdendo a paciência e as esperanças em reconquistar Livia. Garota resistente do caralho! — Solto a fumaça no ar. — Você a viu por aí? Quando acordei a danada tinha saído. — Ele suspira, arruma a mochila nas costas.

— Fiquei preocupado contigo, cara. — Ethan confisca o cigarro, apaga, posteriormente joga na lata do lixo que está próximo a nós. — A partir de hoje você não fuma nem um simples cigarro desse, não em minha presença. — Garante, e retraio-me, porque ele tem razão, ainda não aprendi, continuo fazendo merda. — Encontrei Livia bem ali. — Olha atrás do meu ombro indicando o lugar. Viro-me, olhando também.

— Já sei! — Estalo os dedos. — Acompanhado daquela chata, sua namorada. — Rio divertido, sua expressão séria me faz repensar a frase. — Desculpa. — Ele acena, aceitando o pedido.

— Pior que não, Briella atrasou hoje. Livia estava com um carinha — Meu coração dispara imaginando-a numa pegação. — Conheço-o de vista, acho...

— Eu vou matar aquele desgraçado, deve ser o tal Mateo. — Interrompo, saio correndo, Ethan vem também.

Quando a vejo, desacelero, notando a aproximação dos dois. Quero afastá-los, gritar daqui mesmo, chamar a atenção deles, ao invés disso, paraliso feito um maldito covarde, desejando ver a intenção dela, porque já saquei a do cara, realmente tem segundas intenções, está explícito.

Alguém passa por mim, toca meu ombro num cumprimento, mas nem dou importância, porque o que tanto temia parece que acontecerá, agora.

Não! Grito internamente, sinto os olhos embaçarem e os limpo usando os dedos. Acontece que nada adianta, as lágrimas caem, testemunhando o beijo deles. O desgraçado avançou o sinal, não respeitou o estado civil dela, já ela, esqueceu quem é, esqueceu da aliança que ainda usa no dedo anular da mão esquerda e retribui, puxando-o para si.

Vadia!

Atordado dou dois passos, avançando em direção ao casal, porém sou repreendido.

— Deixa para lá, Alan. — Sugere meu amigo, companheiro e fiel escudeiro. — Sinto muito, cara.

— Eu mudei por ela, irmão. Rejeitei muitas garotas após firmar um compromisso. — Respiro fundo, obrigando-me a suportar bravamente e finalmente as lágrimas cessam. Dou meia-volta, ignorando a cena patética, caminhando até a harley onde guardo o caderno e subo nela.

— Temos aula! — Avisa percebendo que vou embora.

— Foda-se! — Com o coração dilacerado, giro a chave da moto. — Quero sigilo sobre isso. Nunca vimos a cena. Ok? — Acelero, preparando-me para sair.

— Sim, claro. Só tome cuidado até esfriar a cabeça. — Ethan sugere preocupado, mas quem disse que penso assim?

Agora senti o que Livia deve ter sentido quando relatei sobre a traição na lua de mel.

É uma dor enorme dilacerante que corrói internamente, devagar, numa tortura dolorosa. Mas, ao contrário dela, não sei lidar com isso, nem camuflar meu sofrimento, exceto com entorpecente, pois eles apagam da minha mente as lembranças ruins, então neste momento preciso urgentemente de um gole de álcool mais forte, somado a dose de droga que suporte para enfrentar os medos e frustrações, bem como o fracasso.

Elas serão meu apoio, assim esquecerei Livia.

Ando pela cidade sem destino certo, mantendo o foco no horizonte e a cena ridícula daqueles dois vem à mente, me fazendo ter mais certeza do que necessito momentaneamente.

Minutos trafegando, decido ir até um lugar aonde não vou há dias, a parte feia da cidade, comandada pelo tráfico de drogas.

Muitos se aventuram a visitá-lo e poucos saem de lá levando consigo a mercadoria tão devastadora, aquela que anestesia as dores da alma.

Jurei nunca mais vir aqui, não por mim, sim, por Giana. Contudo, dada as circunstâncias, sei que minha menina perderá o pai rápido sem tentativas de reverter esse meu estado doloroso, pois posso cometer uma besteira, sendo assim, é melhor anestesiá-la a mente, porque controlo as doses das substâncias.

Compro vários pacotes de cocaína, inclusive troco três pelo relógio de pulso que eu uso. Atordoado, vou até um prédio velho e abandonado próximo ao vendedor para usá-las, somente quando sinto a nebulosidade chegando, volto a trafegar mais calmo. Agora, buscando um pub, estacionando no primeiro que vejo.

Largo a haley de qualquer jeito, tiro o capacete, pondo sobre o retrovisor, então confiante em neutralizar os pensamentos tempestuosos, adentro o lugar sondando-o.

A passos lentos, sigo ao balcão, pedindo bebida ao homem de meia-idade, baixo e careca.

— Uísque, por favor. — Acomodo-me, cabisbaixo, dedos entrelaçados, numa postura que denuncia meu estado de espírito. — Não economiza na dose. Aliás, dose dupla. — O velho me analisa, talvez questionando a idade, e mostro-lhe a habilitação, comprovando a maioridade. Somente assim ele assente, servindo-me como mereço.

Pego o copo, dirijo-me para uma mesa mais afastada, pois desejo complementar o anestésico.

— Mais alguma coisa, filho? — Assinto num leve balançar de cabeça.

— Quero a garrafa cheia. — Relutante, o velho semicerra os olhos, por fim entrega uma ainda lacrada, porque esvaziou comigo nessas doses.

Acomodo-me satisfeito, minha realidade mudará.

Separo o pó em quantidades mínimas e com um canudo grosso, sugo rapidamente antes que alguém note, mas é praticamente impossível já que estou sob a penumbra.

Logo relaxo alcançando o resultado esperado, e abuso da bebida vagabunda ingerindo igual à água. Em pouco tempo, sequer lembro quem sou, sinto uma paz inigualável.

Após perder a capacidade de distinguir certo de errado, bom de ruim, uso a droga sem restrições.

— Olha só o cara, irmão, está doidão! — Dois homens conversam próximos a mim. — O safado está transformando o pub num ponto de usuários.

— Vou chamar a polícia. — O outro diz, mas nada me intimida, intercalando os entorpecentes. — Ernest seu pub virou ponto para usuários. — Ele grita.

O dono do lugar vem até nós para verificar a insinuação do homem fofoqueiro.

— Porra, que merda é essa? — Analisa minha mesa esbranquiçada, parte coberta com sobras das porções que cheirei. — Só o que me faltava. Anda, filho, levanta o traseiro daí, pague a garrafa de uísque e dê o fora.

Brutalmente sou arrastado da cadeira, erguido pela gola da jaqueta preta em couro, que visto frequentemente.

Ponho as mãos nos bolsos, procurando dinheiro, mas gastei tudo comprando pó, inclusive dei meu relógio.

— O dinheiro acabou... — Trêmulo, apoio-me numa das cadeiras. — O senhor pode ficar com minha moto, ela é valiosa, assim que tiver o dinheiro volto, lhe pago e a pego. — O velho gargalha sarcástico.

— Caso não seja roubada, não é filho? — Dá de ombros, aceitando a oferta.



Os dias passaram, e perdi a noção do tempo, aproveitando as sensações que os entorpecentes proporcionam.

Já não sinto dor, medo, nada! Tudo sumiu depressa, até agradeço e para continuar na paz, intensifico na estratégia, vivendo somente o presente, ignorando o futuro. Que futuro? Eu nem terei mesmo. A temperatura caiu bruscamente, ainda assim consigo suportar usando as roupas habituais. Anestesiado, apenas vejo o céu clarear e escurecer. Vim parar sobre as calçadas dos prédios decadentes da periferia da cidade, porque aqui ninguém irá me julgar, pois há mais pessoas na mesma situação, buscando nas drogas o alívio para os problemas.

16



Lívia

Levanto nas primeiras horas do dia, visando me organizar para ir à faculdade, mas essa ação tem nome e sobrenome: Alan Coleman. A verdade é que quero fugir dele, assim evitar cair em tentação novamente, uma vez que a cada minuto nos braços dele, alimenta meu amor por ele e não posso deixar. Preciso esquecê-lo porque Alan nunca irá se contentar comigo e sempre me trairá.

Solto longo suspiro desejando que tal pensamento fosse equívoco e que pudéssemos retornar de onde paramos para dar uma família a nossa filha.

Estoquei leite no congelador, então não tenho preocupações quanto a isso, Além do mais, Giana começou a comer frutas, seguindo orientação da pediatra. Ainda é muito cedo; são 6h, mas pago hora extra a babá, que aceitou começar o expediente às 6h30, assim evito encontrar Alan.

Solicito o Uber na portaria do prédio, logo sigo o trajeto até o campus, aliviada em outra vez não o encontrar.

Ufa! Porém, pegamos trânsito, e acabamos atrasando. Entretanto, nem tanto quanto Briella.

"Amiga, guarda aquele assento próximo a você? Hoje o trânsito está insuportável, talvez eu perca a primeira aula."

Leio a mensagem absorta, caminhando a passos lentos entre os complexos de engenharia e medicina.

"Claro! Sei bem como é. Também entrei num trânsito infernal vindo para cá, por sorte, já cheguei."

Paro para enviar mensagem, seguido de emojis com carinha triste.

Saio do aplicativo antes mesmo de ela responder, pois noto Mateo se aproximando.

— Olá! — Cumprimenta animado com olhar fixo ao meu, expressão sexy quando me analisa inteira.

Enrubesço, afinal, odeio ser avaliada em qualquer quesito.

— Olá, Mateo! Ainda não está na sala por quê? Vai atrasar. Ou assim como eu pegou um trânsito infernal? — Brinco para aliviar a tensão, e até relaxo, mas meu colega de turma continua estranho, expressando certo interesse.

Geralmente isso acontece sempre que nos encontramos, porém, especialmente hoje, há algo a mais nele, como se estivesse decidido a me conquistar.

— Sabia que ultimamente tenho pensado bastante em você? — Engulo seco constatando minhas suspeitas.

— Sério? — Idiota! Xingo-me, precisava pôr lenha na fogueira. Bufo. Não foi intencional, o nervosismo agiu sobre mim e sempre que acontece, falo besteiras. Oh, merda! — Bom, acho melhor irmos para sala. — Sorrio tímida, fito o chão e quando ergo a cabeça sou surpreendida com um beijo na boca.

Paraliso sem saber como agir, mas a maciez dos lábios instiga, recordo da traição, Alan beijou uma desconhecida na nossa lua de mel.

Logo, aproveito a oportunidade para dar o troco. Olho por olho, dente por dente, já diz o velho ditado, então seguro a nuca de Mateo, puxando-o para mim, retribuindo o beijo à altura. Acontece que não sinto as chamuscas, aquelas que me levam a loucura toda vez que beijo Alan Coleman.

Apesar de não estar fazendo nada errado, pois, embora ainda seja casada perante a lei, meu relacionamento acabou há muito tempo. Entretanto, julgo absurdo buscar vingança, atropelando os sentimentos alheios, porque Mateo merece mais.

— Perdão, fui impulsivo, queria lhe beijar há dias. — Explica quando recuo, as bochechas queimando e aposto que estou igual a um tomate.

— Eu retribuí, mas vamos esquecer. Não desejo magoá-lo, porque amo Alan e seria hipócrita negar esse sentimento. Apesar do comportamento ridículo dele, só cresce.

— Entendo. O lance do coração é complicado, ele nos prega tantas peças. Mas por favor continue sendo minha amiga, prometo ser coerente daqui para frente. — Estende a mão num cumprimento formal como se nada tivesse acontecido, e aceito, deixando claro que continuaremos amigos.

Nós nos despedimos, acenando brevemente, ele segue até a biblioteca e eu, em direção à sala de aula, quando o meu telefone vibra. Prontamente atendo.

— Alô!

— Sua louca! — A voz de Briella ressoa em meu ouvido. — Que loucura foi essa? Por que escondeu seu caso com o gostoso do Mateo? — Franzo a testa, confusa, verificando o entorno, procurando-a, já supondo que ela viu minha exposição ao beijar Mateo em pleno campus, ao ar livre.

— Do que está falando? — A linha fica muda, mas logo a voz estrondosa ressoa:

— Ethan me ligou agora e contou que você beijou seu colega, amigo ou namorado? Porra, não sei! Diga-me você. — Abro a boca pasma.

— Ethan viu? — Questiono retraída, temendo que o garoto conte a Alan.

— Viu sim e não foi somente ele. — Sinto o sangue gelar. — Alan assistiu de camarote. Caso Ethan não o segurasse, teria matado Mateo. — Respiro fundo, agora sufocada pela culpa, porque mesmo Alan merecendo, agir assim nunca foi do meu feitio.

— Obrigada por avisar, vou falar com ele, explicar que...

— Bom, pelo que entendi, seu bad boy sumiu, pegou a harley e evaporou, nem telefone atende. Só faltava aquele cara querer retribuir a traição.

— Traição? Estamos separados, lembra? Eu fui traída primeiro. — Adianto-me em dizer, ao menos diminui a culpa que me corrói depressa.

Assisto às aulas sem dar importância de fato a nenhuma. No final, Kimberly oferece carona, deixando-me em casa.

Dispensar a babá, tomar minha filha nos braços, muito arrependida pelos meus atos hoje cedo e abraçada a ela, choro lamentando ter nossa família destruída.

Preciso falar com o pai dela e explicar tudo, mas infelizmente só chegará à noite, e eu o esperarei para termos uma conversa decisiva já que estamos quites.

Quando anoitece janto solitária, arrumo Giana, ponho para dormir e espero seu pai, mas as horas passam e nada dele retornar. Imagino que seja pelo acontecimento na universidade, até o entendo, eu pirei ao saber que ele havia beijado outra.

Tento contatá-lo pelo telefone, e cai na caixa postal, aumentando assim a frustração.

Imaginando que tenha ido para casa de sua mãe, tento contato, a mulher atende imediatamente.

— Alô!

— Oi. É Livia, gostaria de saber se Alan está aí. — Confiro às horas, passa da meia-noite, caso eu soubesse nem teria incomodado. Lá são horas de fazer ligação?

Bocejo, acordei cedo, amanhã também acordarei. Essa é minha rotina, embora esteja acostumada sinto os efeitos do dia ardo, Giana me consome bastante energia, por isso meu corpo exige o descanso merecido.

— Como assim? Alan deveria estar aí, contigo, querida. Ele falou que ficará mais alguns dias. — Começo a suar, muito preocupada, além de envergonhada por preocupar minha ex-sogra.

— Talvez ele tenha tido algum imprevisto no trabalho e o celular descarregou. — Arrumo uma desculpa qualquer, a linha muda e suponho que não a convenci.

— Meu Deus! Alan nunca iria trabalhar até essa hora. Aconteceu algo. — Engulo seco, sentindo o peso da culpa.

— Será que teve uma recaída e está usando entorpecentes?

Meu coração falha uma batida e titubeio, por sorte, caio sentada sobre a cama.

Aquele beijo serviu de gatilho para Alan recuar e buscar nas drogas a vitalidade.

A culpa é toda minha.



Alan desapareceu há semanas, é como se tivesse evaporado do planeta, ninguém sabe seu paradeiro, nem encontramos rastro dele. Isto é torturante, porque me sinto culpada, consequentemente não consigo fazer nada senão investigar o desaparecimento, inclusive pausei nos estudos, acabei perdendo muitas aulas e sabia que jamais recuperaria, uma vez que havia muito conteúdo e como meu tempo é pouco, pois dedico ao máximo a minha filha, achei sensato focar em encontrar o pai dela, além disso, apoiar a família Coleman, que sofre bastante com o desaparecimento do filho.

Fizemos vigília na mansão onde minha ex-sogra, Emma reside, basicamente mudei para lá, indo em casa toda manhã, trocar a roupa e pegar todo o necessário para Giana usar durante a nossa estadia lá.

Ponho roupas para lavar na máquina, depois separo alguns itens pessoais que levarei comigo daqui a pouco, quando, de repente, minha ex-sogra adentra meu apartamento ofegante, parecendo que correu uma maratona.

— Encontraram Alan! — A mulher toma fôlego e simultaneamente sorri. Coitada, nunca mais testemunhei sua expressão leve, ela chorava dia e noite, estava quase enlouquecendo.

Imagino a dor, ter o filho desaparecido, toda noite deitar sem saber se ele está bem, se comeu, se sente frio, enfim.

— Graças a Deus! — Exclamo. Levo a mão ao coração, agora bastante aliviada. O período tempestuoso passou, finalmente o sol voltará a brilhar. — Onde ele estava? Como ele está? — Nervosa, faço uma pergunta atrás da outra.

Normal, afinal, quem ama se preocupa.

17



Alan

O mundo é imperceptível, nada vejo, nem sinto, muito menos desejo. Perdi a identidade, sequer sei meu nome, – até sei, mas se alguém pergunta demoro horrores para recordar –, conseguindo algo muito precioso: paz de espírito.

Contudo, abri mão da vida luxuosa e passei a morar nas ruas de Chicago, dormindo uma noite em cada calçada de cada esquina, certamente conheço bem os quatro cantos da cidade.

Aprendi a conviver com a fome, dor e frio, inclusive vendi minha jaqueta para alimentar meu vício, depois comecei a pedir nos sinais e portas dos comércios. Algumas pessoas se compadeciam com esse estado patético e doavam moedas ou dólares, outras, simplesmente me ignoravam, então tinha que trabalhar lavando para-brisa dos veículos pelas ruas, agradecendo a quantia que conseguia durante o dia. Só pensava em voltar a ser Alan Coleman, alguém popular entre as mulheres; porque queria esquecer as merdas que fiz, especialmente quando botei tudo a perder traindo Lívia.

Vê-la nos braços de outro foi a gota d'água, mostrei minha fraqueza mergulhando nesse mundo sombrio das drogas, agora é tarde para sair.

— Alan! — Ouço uma voz doce longe.

— É o seu filho, senhora? — Escuto outra, dessa vez a de um homem.

Busco me situar no tempo e espaço, mas é inútil, porque consegui a leveza que tanto almejava.

De repente, sou erguido bruscamente e arrastado até um carro, onde entro a contragosto. Esperneando, resisto, mesmo assim, meus golpes não surtem efeitos, pois perdi as forças, também há dias não faço uma refeição decente, basicamente sobrevivo à base de pão e água, tudo que consigo é pedindo.

— Solte-me! — Ouso socar o cara uniformizado, sem a mínima noção de quem seja, e neste instante alguém injeta algo em mim. Devagarinho as vistas embaçam, escurecem e em questão de segundos, apago.

Quando acordo estou contido igual a um animal, embora me sinta fraco, o efeito das drogas passou, então começo a ter noção das coisas, verificando o lugar estranho ao qual vim parar. Fito minhas vestimentas brancas, constatando que não as vesti sozinho, alguém o fez comigo apagado.

Respiro fundo buscando entender o que aconteceu, mas nada faz sentido até alguém invadir o quarto usando também roupas brancas, aparentemente é enfermeira.

— Onde estou? — Murmuro, a boca seca, as palavras arranharam a garganta. Deslizo a língua pelos lábios tentando diminuir o sintoma, ainda assim, fracasso. — Água... — Sussurro. — Por favor, quero beber... água.

— Olá, Alan! Meu nome é Melanie, sou enfermeira aqui da clínica. Tudo bem, já vou lhe dar, inclusive trouxe esse remédio, você aproveita e o toma.

— Remédio? — Sobressalto, visando levantar e lembro das amarras, na verdade, é uma camisa de força. — Por que me amarraram? Solte-me! Agora! — Grito, depois começo a tossir.

— Sinto muito, você estava agitado, foi preciso, mas logo que se acostumar, iremos integrá-lo ao grupo, assim enquanto estiver aqui, terá certa liberdade, bem como conforto.

— Que merda de lugar é esse? — Ela ergue minha cabeça, põe um comprimido em minha boca seguido de água. Mesmo sem saber do que se trata, engulo o remédio, conseqüentemente bebendo a água, saciando a sede intensa.

— Você está na clínica de reabilitação para dependentes químicos. Sua mãe lhe internou quando o encontrou vivendo nas ruas.

Pouco mais tranquilo relaxo, afinal, mamãe só deseja o meu bem-estar.

— Pode, por favor, chamá-la? Quero vê-la. Também quero me livrar dessa camisa ridícula. Eu não sou doente mental, muito menos perigoso. — Debato-me, impossibilitado de sair daqui sozinho.

— Calma, rapaz! Logo o tratamento fará efeito e você voltará para casa. Vou chamar o doutor Eduard, caso ele ache necessário o livrará da camisa, mas para isso é preciso que se comporte.

Trêmulo, assinto, pois agir feito criança somente irá piorar minha situação. Ela vai embora deixando-me refletindo sobre tudo, os acontecimentos dos últimos tempos.

Demorei para encontrar a felicidade e num piscar de olhos a destruí, me destruí usando entorpecentes os quais me trouxeram a este lugar ridículo.

A porta abre revelando um homem trajando jaleco branco.

— Como se sente, Alan?

— Tire-me daqui! — Ordeno, olhos faiscando, já esquecendo que devo conter minha rebeldia, caso queira sair desse lugar. Pigarreio e reformulo a frase: — Senhor, por favor, me solte. Não tentarei fugir. Eu prometo. — Arqueio as sobrancelhas, olhando-o fixamente, transmitindo a confiança necessária.

— Negócio fechado! Mas, qualquer tentativa de fuga, voltará a usá-la.

— Prometo me comportar. — Ganho liberdade.

Estico os braços massageando-os, porque estão doloridos devido à posição, certamente demorada, já que sequer consigo precisar o tempo que estou aqui.

Levanto um pouco e começo a caminhar pelo espaço, vejo a janela, sigo até ela para verificar o exterior. O lugar é lindo com paisagismo incrível, muito bom para passear ou até mesmo buscar equilíbrio, inclusive, há várias pessoas vestidas iguais a mim, caminhando descalço na grama verde, lendo livros debaixo das árvores. Suponho que sejam todos dependentes químicos em recuperação, talvez em nível mais avançado que eu, pois cheguei agora.

Corro os dedos nos cabelos maiores e desgrehados. Nem recordo quando os pentei, provavelmente nunca desde minha estadia nas ruas.

— Alan! — Viro-me depressa em direção a voz, encontrando mamãe bastante emocionada. Ela aproxima-se depressa de braços abertos, envolvendo-me num abraço acolhedor. — Senti saudades, filho. Pensei... — Chora baixinho. — Temi perdê-lo. Graças a Deus que a polícia o encontrou. — Afasto-me o suficiente para encará-la.

— Precisava me trazer para cá? Quero ir embora, mãe! — Exijo alterado.

— Baixe a bola, garoto, ou sua recuperação será lenta, afinal, por que largou tudo e foi morar nas ruas? — Abaixo a cabeça, envergonhado. Aconteceu tão espontâneo, nem percebi. Comecei a usar drogas, uma atrás da outra, e sutilmente fui me degradando até ser resgatado pelos policiais.

— Esquece isso. — Cerro os punhos, possesso, recordando da cena patética de Livia beijando aquele aproveitador barato. Somente aconteceu porque ela estava carente, ferida por eu tê-la machucado, ainda assim, não consegui ignorar os dois, ali para todo o campus assistir o showzinho ridículo.

Uma pena.

— Como vou esquecer, menino? Você é meu filho, fiquei dias sem vê-lo, pior, sem saber onde estava. Nem dormi, comi, muito menos vivi. Eu, praticamente vegetava! E a culpa é sua, que sequer pensou em quem iria magoar agindo igual a idiota. — Franzo a testa odiando a nomeação. — Idiota, sim! Somente um para fugir dos problemas. Seja homem! Cresça! Aprenda a ser pai! Giana precisa de você, Alan.

Engulo seco, ela descobriu o meu ponto fraco: minha família. Julgo-me inferior a eles, incapaz de proporcionar-lhes coisas boas, porque sempre faço besteira e acabo magoando a quem amo. Lágrimas escapam dos meus olhos, mas as enxugo rapidamente, blindando-me com falsa fachada.

— Eu errei. Certo? Assumo o erro e pagarei caro. — Analiso o ambiente onde vim parar, referindo-me a ele. — Aceito me submeter ao tratamento para dependentes químicos. Pronto! Satisfeita? — Ganho beijos carinhosos na bochecha.

— Estou muito satisfeita, filho. Livia e Giana também ficarão. Aliás, você tem visita. — O coração dispara, imaginando quem seja.

— Papai? — Um fio de esperança nasce, torcendo que seja o velho.

— Ele vem mais tarde, porque... — Revira os olhos. — Teve compromisso importante e não pôde cancelar. — Dá de ombros. — Quem

liga? Eu vim, estou aqui e estarei sempre, meu amor.

Mamãe caminha até a porta, abrindo-a imediatamente, então arregalo os olhos encantado com um anjo mais lindo do mundo. Livia entra tímida, bochechas rubras, sorrindo sutilmente para mim. Sua postura é o remédio que necessito momentaneamente, pois esqueço tudo, dando-lhe total atenção, completamente fascinado pela mãe da minha filha.

— Oi, Alan! — Cumprimenta. — Você não está tão ruim assim. — Brinca e dou de ombros.

— Já estive melhor. — Entro no clima, logo o ar desse lugar suaviza.

Investigo o seu corpo perfeito, recordando nossos momentos mais lindos e repentinamente surge uma ereção do caralho, por sorte as roupas brancas são folgadas, escondem direitinho.

Mamãe pede licença, indo embora, dando-nos privacidade, no entanto, o doutor avisa que a visita será breve, no máximo 10 minutos.

— Sinto muito, Alan. — Livia suspira. — Por tudo, até pelo beijo que você presenciou. Não significou nada, fui surpreendida, e retribui vendo a oportunidade perfeita de dar o troco a sua traição. — Assinto conformado, afinal, nada posso fazer para voltarmos atrás e mudar os fatos. — Eu ainda te amo.

A revelação compensa o sofrimento, sorrio prometendo a mim mesmo que irei me recuperar, sair desse vício para mudar o futuro, ser feliz ao lado dela e da nossa filha, Giana.

— Eu também te amo, Livia. — Abro os braços, convidando-a para um abraço. Quando aceita quase pulo comemorando. — Muito. — Complemento. — Estamos quites, ambos erramos. O que acha de esquecermos o passado e recomeçar. — Sugiro animado, um tanto apreensivo. Detesto receber "não" como resposta, talvez mamãe tenha me mimado, esquecendo de me preparar para o mundo, pois há mais situações ruins que boas, consequentemente tomamos cada porrada, aprendemos ou padecemos, simples assim.

— Seria um sonho, mas agora você tem seus vícios e temo me decepcionar novamente.

— Prometo mudar. — Uno as mãos em sinal de oração, implorando outra chance. Patético, sei disso. Antigamente eu iria vomitar com toda essa ceninha, na verdade, nem aconteceria.

— Não sei... geralmente os usuários prometem o que não podem cumprir.

Deixo os ombros caírem, ciente que a perdi devido ao meu maldito comportamento egoísta, quando pensei somente em mim, e na raiva que sentia naquela ocasião.

— E minha menina? — Mudo o foco, afinal, não perguntei por ela antes, absorvendo tanta informação.

— Falando nela — Mostra o aparelho telefônico que chama insistentemente. — É a babá. — Atende prontamente. — Oi! Tudo bem por aí? — Começo a caminhar pelo espaço. — Claro, pode passear só não vá longe, nem demore, por favor. Daqui a pouco estarei voltando e preciso esvaziar meus peitos. — Despede-se da pessoa do outro lado da linha, depois desliga. — A babá foi passear um pouco porque Giana está agitada.

— Faz bem. Ela merece distração e não há nada melhor do que refrescar a mente ao ar livre. — Suspiro tenso, analisando o quarto.

Como é maravilhoso ter liberdade, mas infelizmente perdi a minha.

18



Lívia

Ando de um lado a outro, buscando entender o porquê a babá não atende as minhas ligações, ela saiu para passear com Giana há horas. Tento contato outra vez e novamente sinto o peso da frustração.

Aconteceu algo!

Atordoada, pego o primeiro táxi que vejo e vou até a casa dos meus pais. A noite caiu, por isso aumenta o meu desespero. Quando saí da clínica, fui direto para o apartamento onde moro e não tinha sinal delas.

— Kim, estou desesperada! A babá saiu com Giana há horas, não voltou, nem atende o maldito celular. — Explico assim que adentro a casa sem ao menos tocar a campainha.

Respiro fundo, sentindo vertigens e que posso desfalecer a qualquer momento.

— Calma, Lívia! Senta aqui. — Indica a poltrona em frente. Sento meio desnortada, vistas embaçadas, trêmula e ofegante como se tivesse corrido uma maratona.

— Ela sequestrou minha bebê? — As lágrimas brotam, descendo por minhas bochechas.

— Sequestrou? — Kimberly pisca freneticamente tentando entender a situação. — Não, claro que não. A moça foi muito bem recomendada, mamãe nunca erraria, se certificou antes de contratar; além disso, ela é super transparente, ainda longe notamos sua boa índole. — Defende a babá, certa de que não tem nada a ver com o desaparecimento da menina. — No

máximo que pode ter acontecido é algum acidente, sei lá... — Ela reflete um pouco e eu sobressalto.

— Acidente? Ai, meu Deus! Assim você não ajuda. — Ponho a mão no coração impactada pela suposição da minha irmã.

— Seja como for, logo descobriremos. Vou chamar papai. — Sai correndo em direção ao pavimento superior e nesse instante meu celular vibra, imediatamente atendo julgando ser a moça.

— Livia Vlasak? — A voz grossa, masculina e desconhecida ressoa no ouvido. Nunca a escutei.

— Sim, sou eu. — Respondo hesitante, imaginando ser alguma notícia nada boa sobre elas.

— Sequestramos sua filha. — Paraliso. — Mas ela está bem... ainda. A integridade dela depende unicamente de você e do seu pai, o juiz Hanry Vlasak. — Começo a refletir recordando da ameaça de um homem que papai condenou. Só pode ser ele!

— Por favor, solte-a! Pagamos qualquer valor. — Ouço gargalhadas, concordando.

— Na verdade, não quero resgate, e sim uma troca justa. — Estreito os olhos, atenta ao pronunciamento. — Seu pai condenou meu chefe, então eu o quero de volta. Uma cabeça por outra cabeça e de brinde, libero a babá.

Imediatamente aceito, afinal, não estou em condições para exigir nada.

— Ok. Quando faremos...

— Logo entraremos em contato. — O desgraçado desliga sem despedidas, deixando-me à beira da loucura.

Minha menininha está correndo perigo!

Começo a rezar, implorando a Deus por sua vida, pois nunca devemos confiar nessas pessoas, porque mesmo que façamos o que eles querem, não há garantias.

O desespero aumenta, mas Kimberly retorna acompanhada de papai.

— Qual é o problema, filha? Alan? — Abraço Kimberly depressa, abafando murmúrios quando encosto a boca no seu ombro. — Filha? — Papai insiste afagando meus cabelos.

Afasto-me, respiro fundo e relato a situação, detalhando.

— Foi aquele homem, pai! O que nos ameaçou naquela condenação em que fui falar com o senhor. — Papai anda nervoso pela sala. — O cara quer a liberdade dele em troca de Giana e a babá. Estamos perdidos. — Solução.

— Meu Deus! Não posso libertar aquele assassino. — Entendo o receio, mas minha filha é um bebê, nem sabe se defender.

— Por favor, pai. — Imploro. Ajoelho-me, uno às mãos em sinal de oração. — É a sua neta, nossa menininha. — Papai fica calado, pensando.

— Pai? — Kim se pronuncia exigindo uma resposta. — Precisamos agir depressa.

— Alan vai pirar. — Digo.

— Ninguém contará nada aquele degenerado, além disso, nada pode fazer estando trancafiado na clínica de reabilitação, nem faria caso estivesse limpo. Ele é um idiota, mesquinho que só pensa nele mesmo.

A comparação me incomoda, até o defendo:

— Alan só estava doente, mas ama filha e tem direito de saber tudo o que acontece a ela.

— Você ainda o defende, Livia? — Faz cara de nojo. Ignoro porque se Giana foi sequestrada a culpa é exclusivamente de papai.

— Liberte o cara! Quero minha filha para ontem. — Dou-lhe as costas seguindo até o jardim, onde fito o céu estrelado, apreciando a imensidão escura.

Cadê você filhinha? Abraço corpo como se ela estivesse abraçada comigo e choro baixinho.

— Tudo ficará bem, irmã. — Kim me acalenta, acolhendo-me nos braços.

— Eu sei, irmã. Tenho esperanças, confio no senhor Deus.



Os dias se prolongaram, quase enlouqueci temendo pela vida de Giana e da babá, mas o sequestrador ligou, marcando o local bem como hora da troca, no lugar longe dos olhos alheios.

Resolvi omitir o acontecimento a Alan, ele já tem problemas demais, momentaneamente precisa concentração para encontrar seu

equilíbrio e livrar-se das drogas, assim quem sabe, possamos recomeçar. Não sei... só tenho vontade de esquecer tudo e começar do zero, principalmente após eu ter beijado Mateo, o que me igualou a Alan no quesito traição, – não foi bem traição no meu caso, ainda assim, sinto culpa porque diante da lei ainda somos casados.

Para completar meu total tormento, papai tentou resistir à ordem do sequestrador, buscando uma saída, ou qualquer solução que resolvesse o problema, acontece que nada surgiu, então ele decidiu fazer a troca: o assassino por Giana e a babá.

Foi difícil de ele tomar a decisão, uma vez que o condenou, mas estamos falando da minha menininha tão pequena quanto indefesa.

Meu telefone toca, prontamente verifico sabendo que é o sequestrador.

— Oi. Estou aqui onde combinamos, cadê minha filha e a babá? — Analiso todas as direções do lugar marcado. É deserto e fora da cidade.

— Primeiro quero ver o meu chefe. Mostre-o!

Papai trouxe o homem em seu carro, junto comigo, porém o vendou, impedindo-o de ter contato visual conosco.

Assobio, pedindo a papai que mostre o homem, e os dois deixam o carro imediatamente.

— Aqui está. — O sequestrador ainda não apareceu, mas certamente nos observa de onde se encontra escondido. — Agora mostre as duas. — Exijo também, afinal, quero garantias que estão bem.

Logo a babá surge no meu campo de visão carregando Giana cuidadosamente. A moça chora muito, pudera, imagino o tamanho do seu temor sob a mira de criminosos. Neste momento agradeço por minha filha ser somente bebê e ficar alheia a situação, ou a coitadinha estaria em pânico igual a babá.

— Mande meu chefe vir, logo depois libero elas. — Espertinho, só não confio nele.

— Faremos melhor: eu conto até três e libertarmos simultaneamente. — Arqueio a sobancelha, esperando a resposta.

— Ok. — Responde após pensar.

— Um, dois, três... — Papai liberta o homem e a babá começa a caminhar em minha direção.

Quando ela se aproxima, ficando a uns 4 metros, somos cercados pela polícia. As sirenes cortam o silêncio, e uma voz ressoa através do alto-falante:

— Vocês estão cercados. Larguem as armas. — Ouço tiros, os bandidos atiram contra a polícia, que revida.

Corro na direção da babá, a puxo para trás do carro de papai. Giana começa a chorar assustada, mas logo se acalma quando a tomo nos braços. Exponho o peito, ela sabe qual é o seu papel, ignorando a toda essa loucura, iniciando sua mamada.

— Você está bem? — Questiono a babá que assente muito emocionada. — Eles a machucaram?

— Não, senhora, mas fiquei assustada, ainda estou. — Sussurra.

— Deite-se no chão! — Faço o mesmo, pondo Giana apoiada a mim enquanto mama.

Os tiros cessam, os policiais capturaram três homens: o condenado e outros dois.

Ufa! Acabou, agora tenho minha menina novamente. A beijo tanto, cercando-a com tanto carinho, aproveito e mato as saudades absurdas.

— Vocês estão bem? — Papai questiona.

Levantamos devagarinho, espreitando o lugar para termos certeza que estamos seguras. Graças a Deus tudo correu bem.

— Sim, nós estamos. — Respondo aliviada, agora completa por ter Giana aconchegada comigo novamente.

19



Alan

— Vem aqui, princesa do papai. — Pego minha filha nos braços, muito feliz em vê-la após dois longos meses vivendo nessa clínica de reabilitação.

Sofri horrores com a abstinência, tinha dia que estava febril, trêmulo, enjoado ou vomitando bastante. A droga era o estímulo para o meu corpo funcionar, mas quando parei quase colapsei.

Sinto muito. Por isso, passei dias sem poder ver ninguém, nem mesmo mamãe, papai, Lívia ou Giana.

Não podia ser visto naquela forma, temia julgamentos, tive vergonha. Graças ao tratamento fui melhorando, hoje estou controlado e limpo há três meses, o tempo suficiente para organizar minhas ideias e ter ainda mais certeza sobre o futuro. Eu quero fazer as pazes com Lívia. Quero continuar com a nossa família, pois a amo tanto, não vivo sem ela.

Cada enfrentamento serviu de aprendizagem, agora sou um novo homem e estou pronto para ser pai.

Porra, aprendi na força meu papel, tenho ciência de como agir daqui por diante.

Recebi Bela bronca de papai na sua primeira visita à clínica.

— Você está deplorável, Alan. — Trincou os dentes, olhando-me hostil. Tive a impressão que o velho ia pular no meu pescoço, então travei, atento aos seus movimentos, acontece que ainda não tinha força suficiente para um embate, seja verbal ou físico. Contudo, caso ele fosse violento

comigo, eu precisava me defender, pois sabia da sua raiva em relação a mim, por mergulhar no mundo obscuro que as drogas levam o ser humano.

— Fazer o quê? — Dei de ombros o encarando. — Não pensei nas consequências. — Murmurei sem mais argumentos que explicassem minhas falhas.

— Agora não adianta lamentar. Seja homem! Lute com unhas e dentes. Saia desse buraco onde se afundou. — Engoli seco, tinha ciência das merdas todas que cometi, e de que precisava correr atrás do prejuízo.

— Estou ciente dos meus erros, por isso aceitei o tratamento. — Seus olhos claros enormes, investigou-me minuciosamente, e retrai-me um pouco, temendo escutar bobagens, daquele tipo que os pais falam.

Ergui a cabeça, disposto a rebater. Já tinha decidido mudar aquela realidade fodida, e isso incluía retrucar qualquer crítica até mesmo dos meus pais.

— Assim espero, garoto, porque se isso acontecer novamente, irei acertar as contas contigo nos punhos. Aprende a ser homem, moleque! Aprende a ser pai, Alan. — Aproximou-se de mim bufando. — Aquela coisinha não o comove? — Referiu-se a Giana. — Ou prefere deixá-la órfã de pai? Sim, porque continuar usando drogas vai acabar contigo. — Assenti derrotado, mas simultaneamente esperançoso em mudar o futuro, pois jamais permiti ser destruído tão facilmente e era algo que dependia somente de mim. Decidi consertar os erros para ganhar o carinho, bem como o respeito das pessoas, especialmente minha bebê, Giana.

Saio dos devaneios notando apertar a garotinha. Ela balbucia bastante incomodada pela barba furando o seu rostinho quando a beijo sem parar.

— Ela sentiu saudades, Alan. — Lívია diz admirando a cena. Os olhos brilhantes, sorriso encantador nos lábios destinados a nós dois.

— Também senti... das duas. — O clima parece estranho, ficamos calados nos encarando, mas Giana volta a balbuciar. — Isso, querida! Papai sentiu saudades de você e da mamãe.

— Não faz assim, Alan. — Ela pede. — Não é justo. Como se eu não tivesse sentido a sua falta, como se eu não tivesse tentado. — Dramatiza, olhos marejados, mão no peito, enquanto estufa-o.

Entendo a posição dela, realmente ela tentou de todas as formas, aceitou um cara fodido, amou, confiou e no fim, eu estraguei tudo agindo

igual a um completo babaca.

Suspiro, encosto o rosto na testa de Giana, pensativo, corroendo-me pela culpa, quando poderíamos estar numa boa, curtindo nossa filha, nossa família, mas não...

Idiota? A mente questiona e assinto silenciosamente, sentindo vergonha por destruir algo puro e verdadeiro, o que era o amor de Livia por mim.

— A culpa é somente minha, sempre admiti, Livia. — Avanço em sua direção devagarinho mas ela recua. — Vamos esquecer tudo e recomeçar. Eu consigo. — Analiso a bebê tão alheia a conversa. — Preciso de uma chance, só assim terei paz e motivos para me recuperar. — Concluo cabisbaixo, abraçado a bebê.

O dia está lindo, o jardim da clínica é o único lugar que emana leveza devido à paisagem.

Há plantas diversas, coloridas, flores, rosas brotando ao redor. Muitos, pacientes vêm aqui, ou simplesmente passeiam pelas trilhas em pedras, tomando banho de sol, caminhando e suavizando seus egos marcados com tantos entorpecentes.

Geralmente eu venho aqui, somente assim suporto os ambientes do lugar, aquele quarto limpo, confortável – é uma clínica diferenciada de acomodações confortáveis –, apesar disso, triste porque sei que sou paciente e talvez até prisioneiro.

Sou sim!

Minha liberdade depende da evolução, a forma como respondo ao tratamento, se quero melhorar. Às vezes é o que mais desejo, outras vezes, penso que será tortura receber alta para voltar ao mundo onde me machuca longe das minhas meninas. Claro, se aconteceu foi culpa minha, porém reconheço os erros, estou disposto a mudar. Eu vou mudar!

Analiso Livia, tão linda num vestido vermelho de tamanho comportado, mas decote que valoriza seus peitos, deixando-os unidos e volumosos. Apetitosos. Entrego-lhe Giana quando tenho uma ereção repentina. Pigarreio, arrumo disfarçadamente a calça, tentando esconder.

Gostaria que ela soubesse o quanto mexe comigo a ponto de me deixar assim em público, acontece que agora não é nada apropriado revelar meu estado.

Inferno!

O sino toca, indicando o término da visita.

— Eu te amo, Alan. Quero muito recomeçar contigo, só vai depender... — Ela verifica o entorno, notando outros visitantes se despedindo dos pacientes com beijos, abraços. Irei ganhar também? Meu coração saltita na expectativa. — Acho que um tempo aqui o fará bem. Quem sabe no futuro possamos ficar juntos.

Lívia sorri, olhos brilhantes e retribuo, esperançoso. Teremos um futuro juntos, tenho certeza.

— Promete que voltará na próxima semana e trará nossa filha? — Seguro a mãozinha da bebê, balançando-a sutilmente. — Tchau, princesa. Até outro dia, meu amor. — Lívia suspira.

— Venho, sim, Alan. Giana também virá, não é filha? Fala para o papai que vamos vir. Tchau, papai. — Simula voz infantil e sorrio todo bobo, adorando a descontração.

Quando ela passa por mim, carregando a filha, a puxo, colando nossos lábios, pegando-a desprevenida.

Permaneço assim, esperando permissão para avançar, e tenho acesso ao mover os lábios primeiro, transformando o selinho num beijo prolongado, as línguas duelando, dançando ritmadamente mesmo sem música. Nesse instante tenho certeza que consegui o que tanto almejei, agora preciso honrar a promessa e valorizar quem amo.

— Tchau. — Grudo a testa à dela, sussurrando contra seus lábios.

— Tchau, Alan. — Lívia se afasta lentamente, e não olha para trás.

— Sua esposa? — Space, um cara a qual converso vez ou outra pergunta.

Ele está no final do tratamento, em breve será reintegrado à sociedade, enquanto eu... somente Deus sabe quando sairei.

Quase não fiz amizade nessa clínica, mas também sequer tenho na vida real, exceto Ethan. Falando nele, vem toda semana tentar me animar, contando os acontecimentos do mundo exterior.

— Sim, é minha esposa e filha. — Sento no banco, absorto, custando a acreditar que fizemos as pazes. Fizemos?

— Posso fazer outra pergunta? — Ele senta comigo. Gesticulo, pedindo que prossiga. Uma moça jovem passa por nós, e imagino o quanto deve ter sofrido antes de chegar aqui. É impressionante como as drogas acabam com o ser humano, não importa a idade. — Como aconteceu

contigo? — Dou de ombros, recordando daquele tempo quando provei pela primeira vez.

Já tinha escutado falar sobre as drogas, meus pais me alertavam frequentemente desde que me entendo por gente, disso não posso reclamar.

Certa vez, eu estava irado, não recordo o motivo, só sei que precisava extravasar. Encontrei um cara estranho na porta da escola e logo nos apresentamos quando ele estendeu sua mão amigavelmente.

— Olá! Eu sou Peter. — Aceitei o cumprimento o encarando, pois desconhecia suas intenções e sempre fui desconfiado, especialmente com desconhecidos. — Vendo um cigarro bom. Gostaria de experimentar? — Arqueei a sobrancelha incomodado. Contudo, conhecia muitos garotos mais velhos que fumavam e eram respeitados, então liguei às suas ações já que viviam fumando.

— Quero. — Estendi o braço, pedindo cigarro, ele sorriu vitorioso, contendo a euforia.

— Calminha aí, irmão. O cigarro é dos bons, logo, você precisa pagar. — Era fácil demais para ser verdade. Deixei os ombros caírem em desânimo e resolvi entrar na escola, assim assistir às aulas quando a voz de Peter ecoou atrás de mim: — Quanto você pode pagar? — Botei as mãos nos bolsos, procurando dinheiro que papai havia me dado para o lanche.

— Dois dólares. — Mostrei o dinheiro.

— Apenas isso? — Questionou chateado, mas o ignorei, afinal, ele que tinha me procurado. — Ok. — Bufou. — Pegue. — Entregou-me um cigarro estranho, olhou o entorno, tirou um isqueiro do bolso e acendeu, permitindo-me prová-lo, depois confiscou os dólares. — Posso conseguir mais, mas será 10 dólares cada. — Sorriu já se afastando, acenou me deixando ali fumando um baseado em pleno dia, para quem quisesse ver.

Aquela porra era tipo anestésico, eu fiquei livre, leve e solto, completamente alheio ao mundo real. Fui até uma árvore, onde sentei e finalizei. Naquele dia perdi as aulas, sequer lembro como retornei para casa.

Buscava nas drogas o anestésico das dores nas situações tensas, vez ou outra as usava, sempre aumentando a dose, e provando vários entorpecentes, terminando como vocês sabem, eu fodido, trancafiado numa clínica.

Epílogo



Alan

DOIS ANOS DEPOIS

Meses trancafiado naquela clínica, tirou momentos felizes com minha menina, mas não devo me lamentar porque eu escolhi meu caminho e logo as consequências surgiram.

Eu não estava lá quando Giana fez seu primeiro aninho, nem quando pronunciou a primeira palavrinha.

Escolhas ruins trouxeram a escuridão e perdi instantes preciosos, por sorte tive oportunidade de recomeçar – na base da força, jamais aceitaria me internar naquela clínica –, meus pais me deram isso ao pagar meu tratamento. Longo, muito longo, por sinal. São quase dois anos aprendendo a ser quem realmente sou, ou era, antes de usar e abusar dos entorpecentes. Agora passou, aquela tempestade foi embora, dando espaço a uma calma que até temo, pois parece mentira que as coisas tenham voltado para seus devidos lugares, e eu tenha reconquistado minha mulher, Lívia.

Durante esse tempo na clínica ela vinha me visitar sempre que possível, trazendo Giana. Suas visitas foram fundamentais para suportar tal estadia, caso contrário, certamente eu iria pirar.

Respiro fundo, sentindo uma leveza absurda, estou limpinho há meses, já não sinto necessidade das drogas, meu corpo e mente aprendeu a funcionar sem elas.

Seguro a mala firmemente, coração batendo forte vendo mamãe estacionar na entrada da clínica. Ela veio me tirar daqui após eu receber, finalmente, alta.

Fico tão feliz, parecia que estava vivendo um tormento mesmo o lugar sendo enorme, com acomodações confortáveis, não deixava de ser um ambiente hospitalar para mim, e como nunca fui fã deles, sofria absurdamente.

Levanto do assento na recepção, indo encontrá-la assim que a vejo através da vedação envidraçada, se aproximando, mas não ousa sair porque mamãe precisa assinar a documentação que me libertará.

— Vamos embora, amor? — Ganho beijos de mamãe num cumprimento carinhoso.

— Demorou. — Sorrio largo igual a um garotinho se livrando do castigo. — Quero ir para casa, sinto saudades das minhas meninas.

— Imagino, querido. Elas também sentem sua falta. Por isso vou logo assinar a documentação bem ali. — Aponta para a recepcionista sentada atrás do balcão.

Ela resolve toda parte burocrática enquanto a espero ansioso, ajeitando a gola da jaqueta preta. Corro os dedos pelos cabelos bem penteados, garantindo sua contenção a fim de causar boa impressão ao chegar em casa, especialmente devido ser aniversário de Giana. Minha filha cresceu bastante, faz 3 aninhos hoje, e como presente eu ganhei a liberdade novamente, então quero passar numa loja e comprar algo grandioso para ela.

Mamãe retorna animada, pega a mala e entrelaça nossas mãos, me guiando até o estacionamento onde deixou o carro.

— Sabe, esperei muito esse dia, agora estou com medo. — Murmuro, mamãe guarda a mala e abre a porta do carro.

Entro prontamente.

— Medo? — Acomoda-se, prende o cinto. — De quê? — Sorri encarando-me, mas desvio o olhar, fitando meus dedos sobre as pernas, entrelaçados e mexendo freneticamente. O nervosismo tomando conta de mim.

— Medo do futuro, de fracassar como marido. Como pai. — Aperto o cinto também.

— Normal. Estranho seria caso não tivesse. Somos seres humanos e erramos muito, o tempo todo, mas também aprendemos com os erros e evoluímos como pessoa. Calma, vai dar certo. Eu confio em você, filho, agora resta você mesmo confiar em si.

— Obrigado, mãe. — Respiro fundo, renovado pelas palavras, os tempos são outros, por isso não errarei.

Mamãe liga o carro e deixamos a clínica, trafegando pelas avenidas de Chicago sem trânsito algum. Enquanto conversamos, pondo o papo em dia, a música de *Guns n' Roses* toca no fundo. Ela detesta rock, só botou para agradar, assim me fazer relaxar. Conseguiu!

O destino é o apartamento onde morei com Livia, meu antigo, agora atual endereço de novo.

— Ansioso para ver Giana? Aquela garotinha está cada dia mais linda e esperta. — Assinto todo orgulhoso.

— Sim, muito. Quero matar as saudades dela, dar tanto beijo em suas bochechas. Meu Deus, como perdi tempo. — Fecho os olhos lamentando perder a primeira fase da vida dela.

— Ah, agora vocês irão recompensar todo esse tempo que ficaram distantes.

Abro largo sorriso, concordando. Daqui para frente vamos vivenciar somente situações boas – pelo menos estou curado do vício, logo estarei apto a enfrentar qualquer obstáculo junto à minha família.

Peço à mamãe que estacione na primeira loja de brinquedos que vejo, quero comprar algo lindo para Giana, marcando nosso reencontro, bem como a nova etapa das nossas vidas. De hoje em diante serei presente e não perderei nenhuma de sua evolução no crescimento físico e as etapas que virão.

Pensar nisso me causa certo arrepio pelo corpo, pois quando a adolescência dela chegar preciso ser firme para lhe direcionar o caminho certo, a livrando dos perigos aos quais conheço perfeitamente, inclusive as drogas. Não quero que minha filha trilhe o caminho que trilhei, e para isso, preciso ser exemplo, dar bons exemplos.

Eu darei!

Saio do carro decidido a comprar algo que chame a atenção da garotinha, quem sabe, uma boneca. As meninas amam.

Entro na loja alegre, meus olhos brilham vendo a diversidade de brinquedos e sorrio ao pôr os olhos numa boneca enorme, maior que Giana.

Os cabelos são longos, alcançando a bunda e o vestido todo rodado em tecido bem colorido, floral. O rostinho é reluzente com lábios rosados e bochechas também, além da expressão alegre no sorriso contido.

Achei o presente perfeito!

Sequer pergunto o valor, apenas aceno para vendedora que se aproxima prontamente.

— Posso ajudá-lo?

— Sim, claro. Quero que embrulhe esta boneca, faça o embrulho mais lindo, pois o darei a uma garotinha, minha menininha. — Eu suspiro bobo, recordando da inocência dela.

Estou chegando, filha, penso ansioso, desejando ver sua expressão ao receber o presente.

Ela vai amar, tenho certeza.

— Como o senhor quiser. — A vendedora abre caminho, indicando o caixa onde pago, posteriormente vou até a moça mostrar o comprovante de pagamento. — Obrigada! Volte sempre.

Pego a caixa enorme embrulhada a um papel com desenhos de bonecas, algo delicado igual a Giana.

— Ela vai amar, Alan. — Diz mamãe.

— Certamente. — Concordo.

Voltamos ao carro e seguimos o trajeto, a meu apartamento, bastante nervoso em retornar após longos meses.

Chegando próximo, meu coração acelera, e engulo seco duvidando do meu caráter. Já fiz tantas merdas que mesmo desejando agir certo daqui para frente, sinto um desespero por antecipação. Eu acostumei a uma vida banal, sem dar importância, realmente a relacionamentos até me apaixonar de verdade, ainda assim, fui imbecil o suficiente para magoar o amor da minha vida, seguindo um instinto ao qual não era meu, pois o verdadeiro Alan que quero é este que sou agora, um homem família, dedicado às mulheres que me cercam: Livia e Giana.

Caralho, e pensar como fiquei nervoso quando descobri que seria pai. Quase enlouqueci, mas nada como o tempo e os ensinamentos da vida para descobrir meu lado protetor. Aprendi a ser pai, e continuarei em constante aprendizagem.

LÍVIA VLASAK

Ponho o meu melhor vestido para o evento familiar, a ocasião é especial, por isso optei pelo longo casual, algo que me deixa sexy sem parecer vulgar.

Deslizo as mãos pela roupa, adorando o caimento do tecido justo ao corpo. Quero impressionar Alan, além, claro, de lhe desejar boas-vindas. Fizemos as pazes, eu o ofereci uma segunda chance já que errar é humano, qualquer pessoa falha, só não pode cometer o mesmo erro, pois mesmo o amando jamais suportarei manter um relacionamento onde não há respeito.

Conversamos bastante em todas as visitas que fiz a ele na clínica, e deixamos claro muitos pontos aos quais nos incomodavam. Decidimos juntos tentar novamente, por nós dois, por nossa filhinha. Não vejo a hora de botar em prática a convivência de casal.

Sou realista, admito o quanto amo Alan Coleman, meu bad boy.

Hoje, ele recebe alta e volta para casa, além de ser o aniversário de 3 aninhos da nossa filha, a comemoração é dupla, sendo assim organizei uma festa somente para a família e amigos íntimos.

A decoração ficou sob os cuidados de mamãe, mas ela é exagerada e queria fazer a festa num lugar enorme com muitos convidados, no mínimo uns 200. Entretanto, cortei seu barato, porque a intenção é que Alan se sinta acolhido ao retornar.

Papai odiou, até fez birra dizendo que não iria comparecer, pois odeia o genro, mas nada que três mulheres em sua vida não o fizessem mudar de ideia. Ele aceitou vir, e prometeu que tentaria esquecer o passado.

Agora estamos todos reunidos, somente esperando Alan chegar para cantar os parabéns.

— Olha que lindo, filha! Quem deu essa boneca enorme a você? — Seguro meu vestido, ergo um pouco, depois me ajoelho próximo a aniversariante.

— Vo. Vô — Ela fala algumas palavras certinhas, já outras têm dificuldade, mas a pediatra informou que é normal, cada criança se desenvolve no seu tempo.

— Gostou, princesa? — Papai questiona e Giana balança a cabeça, dizendo que sim.

Deixo-a entretida, abrindo os presentes e sigo até o casal, Briella e Ethan, que estão abraçados, atentos aos acontecimentos do evento.

— Fico feliz em recebê-los. — Abraço minha amiga carinhosamente. — A coisa está ficando séria entre vocês dois. — Comento, torcendo pela felicidade deles, pois merecem, formam um belo casal.

— Eu que fico feliz em compartilhar esse momento especial contigo, amiga querida. — Afasta-se, fita Ethan e sorri. — Mais sério impossível. — Gargalha. — Estou apaixonada, Ethan é muito fofo, carinhoso e gostoso. — Suspira. — Um sonho de homem.

— Sorte a sua, minha amiga. Então aproveite, não deixe esse deus grego escapar. — Pisco um olho.

— Nunca! — Garante prontamente.

— O que vocês fofocam tanto? — Kim aparece, linda, usando vestido abaixo dos joelhos na tonalidade rosa, frente única e soltinho. Como ela é a falsa magra, pois tem curvas, caiu perfeitamente nela.

— Nada de mais, Briella só estava dizendo que está apaixonada. — Explico.

— Nem precisa falar, qualquer pessoa nota. — Kim comenta.

Neste instante a campanha toca e meu coração dispara. Ele chegou!

Alguns garçons transitam, oferecendo drinques, aproveito e peço uma taça, tomando somente dois goles.

Entrego a bebida a Kimberly que a toma imediatamente. Sigo até a porta, respiro fundo, depois giro a maçaneta, revelando quem eu tanto esperei. Alan sorri largo, segurando um presente enorme, pela embalagem suponho ser para Giana.

Analiso meu marido, a expressão tão suave com sorriso estampando seu rosto lindo, destinando-o a mim. Forço os lábios, muito emocionada em tê-lo novamente aqui como companheiro, pois ele voltou para continuarmos de onde paramos.

Eu nunca acreditei na possibilidade, julgava caso perdido, e embora desejasse uma reconciliação, não iria correr atrás. Mas, as coisas mudaram,

Alan mudou, mostrando tanto carinho por nós duas que reconsiderarei, afinal, merecemos ser felizes e acontecerá se estivermos todos juntos.

— Bem-vindo, amor. — Abro os braços, abraço meu marido, e depois o beijo nos lábios. — Estou feliz que esteja aqui. — Digo após nos afastarmos, mas Alan toma meus lábios novamente num beijo lento, demorado, repleto de desejo, sem se importar com a plateia.

Retribuo, provando do sabor do beijo quente, envolvente, cheio de tesão. Minha calcinha molha, inclusive esfrego uma perna na outra, reprimindo a excitação, acontece que não surte efeito, por sorte ninguém saberá disso, mais tarde, na cama quando estivermos sozinhos, eu acabarei com esse desejo, matando as saudades.

— Obrigado, amor. Também estou feliz em voltar para vocês. — Toma fôlego, enquanto isso acarinho sua face, — a barba por fazer —, seus lábios vermelhos e inchados devido ao beijo voraz que desempenhamos.

— Deixe a pegação para mais tarde, casal. Comportem-se! — Ethan vem até a porta, cumprimentando o amigo alegremente. — Bem-vindo, irmão. Senti saudades. — Eles se abraçam.

— Cara, nem me fala. Eu senti saudades de todos vocês. — Giana escuta a voz do pai e corre em nossa direção. Alan agacha, abre os braços a convidando para um abraço, então a menina, sai disparada, aninhando-se nele. — Minha princesinha. — Abraça Giana forte, a ergue, depois a gira. — Papai senti saudades, sabia? — Enche a menina de beijos. — Trouxe presente, querida. — Põe ela no chão. — Feliz aniversário, amor. Abre, princesa.

Ele entrega o enorme presente à filha que tenta abrir imediatamente, mas não consegue. Alan a ajuda, revelando uma boneca maior que Giana, arrancando suspiros da filha.

— Boneca! — Diz minha menina, completamente admirada.

— Gostou, filha? Papai comprou a maior que encontrou. — Beija a bochecha dela.

Ter Alan aqui novamente é um sonho realizado, o qual jamais imaginei realizar. Sei que somos jovens, e vivenciamos muitas situações tensas, mas que resultou em nosso amadurecimento como pessoas, casal e pais, por isso, apesar do sofrimento vivenciado, agradeço, pois nos trouxe aprendizado para hoje sermos melhores, podendo dar continuidade a família linda que construímos.

Pode ter demorado, mas sei que Alan aprendeu a ser pai, isso está explícito em seus atos, até na sua face.

— Estou muito feliz com seu retorno, amor! — Digo ao meu marido, disposta a recomeçar de onde paramos. Temos a vida inteira pela frente. O tempo afastados foi pouco para o que nos aguarda juntos.

— Obrigado, amor. Eu também estou muito feliz por estar aqui com todos vocês. — Ele me beija nos lábios, tão caloroso quanto apaixonado, ainda mais do que da última vez que lembro.

Agradecimentos

Chegamos ao fim da saga do bad boy. Fico absurdamente feliz e muito satisfeita por concluir.

Agradeço primeiramente ao meu bom Deus pelo dom incrível de escrever. Ao meu marido, pelo apoio em cada livro. Aos meus filhos e meus pais.

Às meninas do meu grupo no WhatsApp que estão comigo desde o primeiro livro, ou me conheceram depois e mesmo assim leram todos e ainda aguardam ansiosas pelas novidades.

E, claro, gratidão a você, leitor que embora não tenha contato comigo, curte minhas histórias e igual a mim, se diverte nesse mundo fictício

Muito obrigada! Amo todos vocês.

Gostou do nosso casal fofo? Então, por favor, avalie. É muito importante para o livro.

Beijos,

Shirley Melo.

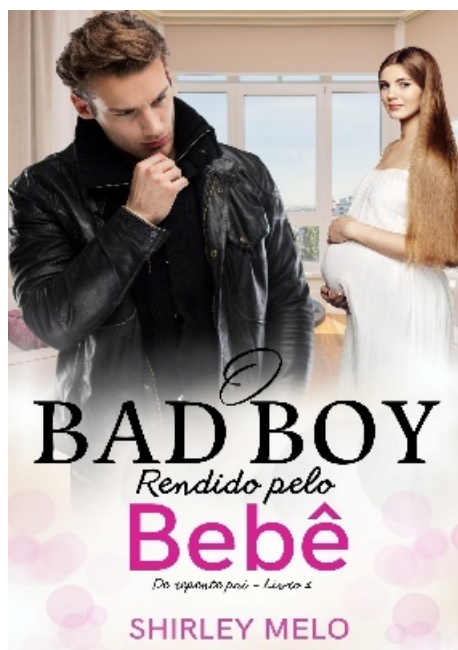
Sobre a Autora

Shirley Melo é uma pernambucana casada e mãe de dois filhos. Descobriu a paixão pelo mundo literário após concluir a faculdade de arquitetura e urbanismo em 2019.

Para ela, escrever estava fora de cogitação, pois sempre amou calcular. Por acaso, começou a ler um romance hot e se encontrou no mundo encantado dos personagens. Leu diversos romances, somente depois arriscou em escrever a primeira história.

“MESMO QUE NÃO SEJA PARA SEMPRE” foi postado no wattpad, e lhe rendeu os primeiros leitores. Desde então a pernambucana não parou.

Outras Obras



Link: <https://amz.run/6S1i>

O BAD BOY RENDIDO PELO BEBÊ (De repente pai- Livro 1)

SINOPSE

Alan Coleman estava certo das suas escolhas quando decidiu aproveitar a vida, curtindo como achava conveniente.

Avesso a relacionamentos, controla os sentimentos até engravidar uma conquista aparentemente comum.

Ele não esconde o espanto ao descobrir a nova condição: pai. Inclusive, duvida da paternidade, porque é bastante cauteloso, visando evitar conceber herdeiros.

O teste de DNA o faz enxergar a realidade e repentinamente, a mulher que julgava mero passatempo e agora gera seu filho, desperta algo nele.

Com tantas surpresas, busca as respostas dos questionamentos, mergulhando numa situação jamais vivida, tentando entender as emoções conflitantes.

O bad boy aceita assumir as responsabilidades, prometendo ser bom pai, mas, nesse processo preparatório, esperando o bebê, irá contra as próprias regras, rendendo-se a paixão repentina.

Lívia Vlasak é uma jovem esforçada, mesmo de origem nobre. No início da Universidade conhece Alan e se envolve com o garoto mais desejado entre as mulheres. Logo, descobre a gravidez, ainda assim, segue firme, disposta a assumir o filho sozinha, pois deduz que ele nunca lhe apoiará. Ela também dispensa ajuda, ciente da fama nada agradável dele.

O casal não almeja união, nem nada parecido. Contudo, o destino os une na espera do bebê.

Durante a gestação, a magia das transformações físicas e emocionais serão suficientes para o bebê nascer com os pais unidos em matrimônio?

Às vezes um serzinho puro transforma o coração mais duro, deixando-o acolhedor, protetor e transbordando de amor.



Link: <https://amz.run/66oY>

MESMO QUE NÃO SEJA PARA SEMPRE (Família Velask-Livro 01)

SINOPSE

Maria Clara teve o destino traçado quando ainda nem era nascida, e veio ao mundo já com um casamento arranjado.

Sob pressão, cresceu junto de Felipe, influenciados por duas mães e amigas desequilibradas, almejando unir as famílias através dos filhos. A amizade aumentou, conforme o tempo passava. Tornaram-se namorados, e mesmo Maria Clara confusa sobre os sentimentos, aceitou evoluir o compromisso para noivado.

Não era exatamente seu desejo. No entanto, sua obediência a impediu de contestar.

A única certeza dela é a profissão que escolheu. Universitária, finalista em arquitetura e urbanismo, tenta vaga de estagiária na maior construtora do país.

O esforço lhe traz o tão sonhado cargo, além disso, ganha o coração do herdeiro mais velho da empresa.

Arthur Velask, é havaiano naturalizado brasileiro, que mora no Brasil desde criança. Convocado ao cargo CEO, por direito, resiste sem receios, mas ao aceitar o convite para participar da reunião na *architecture Velask* – empresa da família – se encanta pela estagiária, e decide comandar a construtora. Contudo, almejando apenas conquistar a moça.

Maria Clara não se importará com os sentimentos de Arthur? Ou será que Arthur fará diferença na vida dela, mostrando o significado da palavra amor?



Link: <https://amz.run/66oZ>

UNIDOS PARA SEMPRE

(Família Velask- Livro 02)

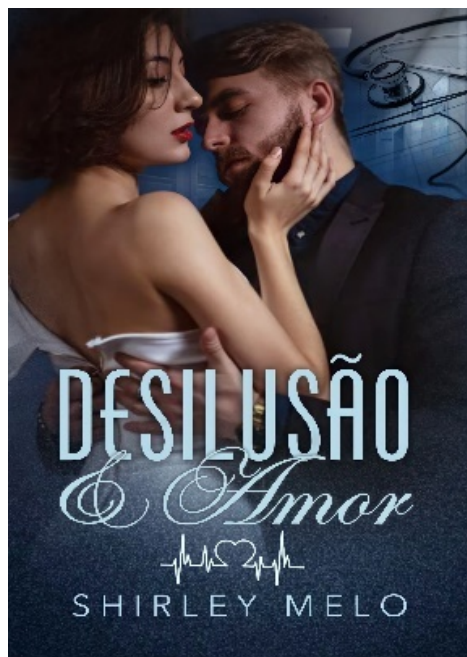
SINOPSE

Maria Clara e Arthur superaram barreiras para firmar a união, construíram família. Se dedicaram aos frutos desse matrimônio.

O tempo passou, eles continuam apaixonados, ávidos um pelo outro, vivendo intensamente cada momento íntimo.

Agora, tentam lidar com os desafios da fase adolescente dos filhos.

Um conto leve, divertido e emocionante do casal fofo, que comoveu muitos leitores.



Link: <https://amz.run/660a>

DESILUSÃO E AMOR

(Família Velask -Livro 03)

SINOPSE

Luna Velask aceitou casar após descobrir a gravidez, porque temia assumir as responsabilidades do filho sozinha, e mergulhou num relacionamento frustrado, arrancando-lhe todas as esperanças no amor.

Durante meses suportou situações as quais devastaram seu psicológico, então ela decide retornar a casa dos pais.

Recebe auxílio, e finalmente tenta esquecer a pior fase da sua vida, seguindo com o curso de medicina, também dedicando-se ao filho ainda bebê.

Mas, embora, a mulher jovem dispense relacionamentos, sente aflorar algo desconhecido quando conhece Theo.

Theodoro Diniz é médico cardiologista, ama dividir os consultórios com as salas de aulas da universidade onde leciona.

Ainda muito novo, o homem focou apenas na carreira, após sofrer algumas decepções amorosas, jurando nunca mais amar novamente. Ele busca prazer sem compromisso.

Contudo, no instante em que seus olhos encontram os de Luna, torna-se difícil controlar os sentimentos.

Um médico devasso pronto para curar o coração dela. Será que ele conseguirá?



Link: <https://amz.run/66oc>

A VIDA SECRETA DO CEO

(Família Velask – Livro 04)

SINOPSE

As pessoas têm segredos, inclusive Andrew Velask, um homem com reputação invejável, ótimo CEO, respeitado na empresa onde exerce o cargo e pela sociedade.

Aos 35 anos não acredita na troca de sentimentos num relacionamento.

Em sua concepção, a relação amorosa é apenas carnal, para saciar dois corpos, nada mais.

Entretanto, uma mulher jovem despertará algo nele além da luxúria, proporcionando-lhe sensações únicas.

A ingênua Cecília Vilar segue intensa rotina, trabalhando arduamente no restaurante do pai, enquanto decide qual faculdade cursar. Porém, não imagina as mudanças radicais que enfrentará ao conhecer Andrew.

Cecília é proibida para ele, ainda assim, quebrará regras e tabus, visando entrar na vida secreta do CEO.

Toda ação gera consequências, mas, juntos irão driblá-las e encontrar o complemento que necessitam: ela, o prazer. Ele, o amor.



Link: <https://amz.run/6SAv>

UM ENCONTRO DE NATAL COM O SHEIK

(Família Velask-Livro 05)

SINOPSE

Angelina Velask voltou da sua última escala do ano na companhia aérea onde trabalha, e se prepara para o natal quando uma amiga pede a participação dela numa tripulação.

A comissária de bordo hesita em aceitar, afinal julgava já estar folgando para oferecer total atenção à família. Mas, como tem coração enorme e ainda faltam alguns dias até a reunião familiar, acaba aceitando.

Neste voo particular, ela conhece um passageiro incomum. Embora sinta desconforto ao dividir a aeronave, vacila as investidas do homem sedutor.

O Sheik Kaled visita o Brasil após percorrer outros países, apenas porque ama o solo brasileiro, devido ter morado nele há anos. Contudo, ao conhecer a aeromoça se encanta e a deseja intensamente para satisfazê-lo como está acostumado a ter tudo que quer.

Não é tão simples assim, pois a mulher, mesmo notando a química entre eles, resiste bravamente até receber convite para um encontro de natal.

Será que o Sheik conseguirá alcançar os objetivos e seduzir a jovem
comissária no natal?



Link: <https://amz.run/6SAAt>

DIÁRIO DE UMA GRÁVIDA

SINOPSE

Selena Alencar é uma jovem recém-casada e leva um susto ao se deparar com a gravidez, mesmo a desejando muito.

Ela deve aprender a lidar com a ansiedade, medos e frustrações na descoberta da gestação, mas, quanto mais o tempo corre, aceita sua nova condição, passando a curtir cada momento mágico que muitas mulheres têm o privilégio de vivenciar.

"Pegar meu bebê nos braços pela primeira vez foi o mesmo que descobrir o significado da palavra amor. Eu achava que conhecia e nutria por quem carrego no coração, porém passava longe daquele sentimento puro e verdadeiro: o de mãe.



Link: <https://amz.run/66of>

UM BEBÊ PARA O MEU AMIGO CEO (Bebês Inesperados – Livro 01)

SINOPSE

Fernanda estava longe de almejar a maternidade, afinal é jovem, linda e independente. Mas, bastou apenas uma noite nos braços de um desconhecido para seguir rumo completamente diferente do esperado.

Agora, não resta outra alternativa senão assumir as responsabilidades. Infelizmente desconhece detalhes simples sobre o homem que contribuiu na mudança radical em sua vida, nem mesmo o nome.

O bebê está a caminho, porém, a situação não será desesperadora, porque Fernanda possui apoio da família, inclusive de Marcos Vinícius, seu melhor amigo, fiel escudeiro. Cujo nutre sentimentos sinceros e profundos por ela.

Marcos Vinícius é reservado, herdeiro primogênito dos Dantas, o qual conquistou o cargo de CEO na empresa da família, devido aos

méritos.

Mergulhar no trabalho é a deixa, dissipando parte do desejo ardente em possuir sua melhor amiga, Fernanda.

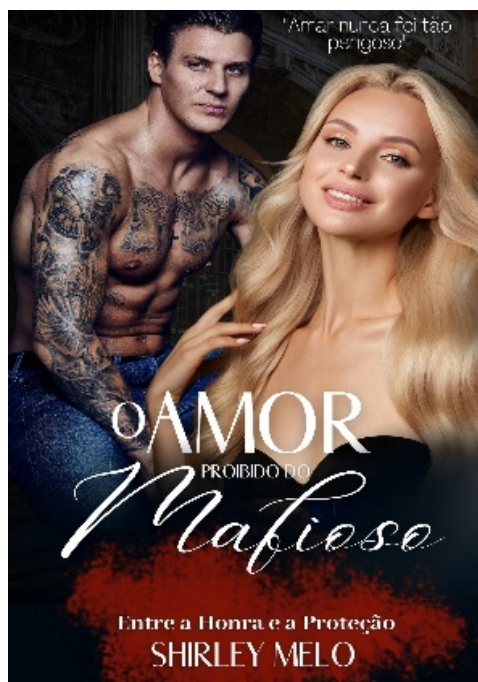
Entretanto, descobrirá quão infantil foi escondendo esse amor.

Após receber a notícia da gravidez, se arrepende amargamente por ignorar algo tão lindo.

Mavi, decide esquecê-la definitivamente, embora lhe ofereça auxílio na nova fase como mãe.

Será possível esquecer a amada, não se envolver emocionalmente com a condição dela?

Um bebê para o meu amigo CEO, mostra que, quando há amor não importa os laços sanguíneos, ou os deslizos do passado, os sentimentos verdadeiros rompem barreiras e superam limites.



Link: <https://amz.run/66oh>

O AMOR PROIBIDO DO MAFIOSO - Entre a Honra e a Proteção

SINOPSE

Giovanna Belloni estava disposta a aceitar o futuro, casando com o escolhido por seu pai, afinal, deve obediência ao capo.

Ela só não esperava conhecer Patrick, um soldado russo.

Os dois se envolvem muito rápido, somente depois descobrem quem, realmente são.

Patrick Ivanov, nunca conheceu sua origem. Ainda criança foi abandonado num orfanato, crescendo sob educação religiosa. O destino não permitiu encontrar uma família, não até fugir daquele lugar para se arriscar nas ruas de Moscou e receber ajuda de um homem aparentemente bondoso. O que ele desconhecia era o poder escondido na caridade.

Acolhido pela Bratva, jurou lealdade após ser iniciado. Transformou-se no melhor caçador, um assassino implacável, o preferido do líder.

Contudo, cruzar o caminho da bela mulher, põe o juramento à prova para lidar com sentimentos novos e protegê-la da própria organização.

Patrick terá que escolher entre honrar a máfia russa ou proteger Giovanna.

Bratva e Casa Nostra estão em guerra, mas possuem algo semelhante: dois corações apaixonados, enfrentando os perigos do amor proibido.

Nesta batalha épica pelo poder, o amor irá prevalecer? Patrick Ivanov conseguirá honrar e proteger?

Amar nunca foi tão perigoso.



Link: <https://amz.run/6SAs>

SOB O DOMÍNIO DA MÁFIA

SINOPSE

Samantha Cooper é uma moça ingênua, almejando fama. Encontra a oportunidade perfeita após um trágico acontecimento, resultando na perda dos seus pais.

Desolada, decide arriscar a sorte em Nova Iorque, onde é acolhida pelos únicos parentes. Entretanto, quando julga ter superado a tragédia para continuar seguindo, cai numa armadilha e fica sob o domínio da máfia.

Nick Carter é um viúvo recluso, ex-fuzileiro, carregando traumas da época que serviu ao país, como também fatos vivenciados na infância que definiram sua personalidade.

O homem arrogante passou tanto tempo desligado do mundo e não notou quem, realmente é, mas tem a rotina bagunçada quando conhece Samantha.

Inesperadamente, volta à ativa, afinal, possui habilidades para ajudar a jovem a se livrar da máfia.

Nick precisa desvendar mistérios e enfrentar a organização criminosa, devolvendo a liberdade da mulher, porém, confrontar os mafiosos pode trazer sérias consequências e pessoas importantes pagarão pelos seus atos heroicos. Logo, ele entra numa missão arriscada, onde descobre segredos obscuros das pessoas por quem sempre respeitou.

Em meio a sangue derramado, ambos conhecem sentimentos, se envolvendo intensamente, mesmo protagonizando diversos embates.

É possível que o amor nasça numa guerra? Nick conseguirá arruinar os planos da máfia, e libertar Samantha?